

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA**

**ARTICULAÇÃO SEMÂNTICO-COGNITIVA POR MEIO  
DE PAPÉIS SEMÂNTICOS**

**ALINE MELLO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Teoria e Análise Lingüística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada, linha de Pesquisa: Semântica, Gramática e Léxico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Avani Terezinha Campos de Oliveira

**Porto Alegre, RS**

**2007.**

## AGRADECIMENTOS

Esta parte da dissertação, referente aos agradecimentos, sempre me pareceu a mais fácil. Porém, ao final de todo este trabalho, que poderia ser caracterizado como árduo e extenso, foram várias as pessoas que entraram na minha vida de forma definitiva e se fizeram notar por um carinho e dedicação sem limites, as quais, com certeza, jamais esquecerei, e que, por isso, por não terem poupado esforços nem palavras de otimismo, tudo no intuito de incentivarem-me durante essa longa caminhada, merecem um espaço, ainda que singelo. O meu trabalho, então, vai a elas, em especial:

À minha mãe Otília e meu pai Eroni, que são e sempre foram meus heróis, exemplos de vida e sucesso. Pessoas que, apesar de todas as dificuldades que enfrentaram, nunca pouparam esforços para propiciar-me a melhor educação, as melhores escolas, as viagens para o exterior, enfim, todos os investimentos, atos e palavras que me trouxeram até aqui e fizeram de mim a pessoa que sou.

A Deus, por ter sempre ouvido meus pedidos e por ter sido meu apoio espiritual na busca de luz, sabedoria e paz.

Ao meu irmão Alex Mello e minha cunhada Emília, que, durante um ano, confortaram-me com palavras e propiciaram-me continuar morando em Porto Alegre. A vocês, minha eterna gratidão.

À minha irmã Andréia e meu cunhado Ronaldo, por estarem, mesmo de longe, sempre acompanhando e incentivando minha trajetória.

À minha irmã do coração Letícia Reis, que fez com que eu não desistisse deste sonho e de muitos outros. Obrigada por não ter hesitado em me ajudar durante os percalços que passei no início, obrigada pela amizade, pelas palavras, enfim, por tudo.

À minha orientadora, Professora Doutora Avani Terezinha Campos de Oliveira, pelo constante encorajamento, pela orientação segura, pelas palavras certas de incentivo, pelo amor com que exerce sua função, pela compreensão e pela amizade, a qual desejo perdure para sempre.

À colega Ana Lúcia Wehr, pela ajuda sentimental, técnica, pelo companheirismo e pelo auxílio na superação das barreiras que encontrei, especialmente no início do curso.

E, finalmente, ao meu companheiro, amigo e marido Evandro, por toda a força, incentivo e amor a mim dedicados em todos os momentos. A você Evandro, meu eterno amor e gratidão.

## **LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS**

## RESUMO

Articulação Semântico-Cognitiva por Meio de Papéis Semânticos realiza a comparação de enunciados retirados do meio jornalístico nas línguas portuguesa e inglesa, analisados com base nas teorias propostas pela gramática de casos e semântica cognitiva. A partir das idéias de background e foreground propostas por Fillmore, é possível a interpretação de tais enunciados como eventos. Pretende-se, aqui, categorizar os predicadores, verificar seus possíveis efeitos de sentido dentro do contexto em estudo, determinar as relações temáticas que envolvem os núcleos preposicionais, analisar e dimensionar os dados qualitativamente. A análise procedeu-se tendo como corpus editorial da revista National Geographic, nas versões em língua portuguesa e inglesa, donde se concluiu que o ambiente enunciativo tanto na fala quanto na escrita sofre alterações, mas, apesar de flutuações sintáticas (como indicações de tempo e gênero), o campo semântico mantém-se inalterado, ou seja, estável e produtivo.

Palavras-chaves: semântico-cognitiva, língua portuguesa e inglesa, verbos.

## **ABSTRACT**

Cognitive -Semantic Articulation by Semantic roles compares sentences from publications in Portuguese and English Languages, analyzing them through the theories proposed by The Case Grammar and Cognitive Semantics. The concepts of background and foreground presented by Fillmore allow an interpretation of such sentences as events. The intention is to categorize the verbs, verify their possible effects within the analyzed context, determine the thematic relations involved in the prepositional nucleons and qualitatively analyze the data. The analyses had the Portuguese and English versions of a National Geographic editorial as a corpus, from which we concluded that although the discourse environment can differ, the semantic field remains unaltered.

Key:words- cognitive-semantics, Portuguese and English language, verbs.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	
<b>1 BASES ESTRUTURAIS DE UM MODELO</b> .....	
<b>1.1 Fillmore - (1968-1971)</b> .....	
1.1.2 Wallace Chafe –1970 .....	
1.1.3 Anderson – 1971 .....	
1.1.4 Walter Cook.....	
<b>1.2 A Semântica Lexical</b> .....	
1.2.1 Topics in Lexical Semantics.....	
<b>1.3 Van Dijk e Lakoff</b> .....	
1.3.1 Quadro Teórico da Semântica Cognitiva.....	
1.3.2 Modelo Prototípico .....	
<b>1.4 Bases para uma Gramática de Valências</b> .....	
1.4.1 A Criação de uma Teoria de Valências .....	
1.4.2 Uma Gramática de Valências para o Português .....	
<b>2 ARTICULAÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA</b> .....	
<b>2.1 Subsídios Teóricos</b> .....	
<b>2.2 Adaptação do Modelo de Análise</b> .....	
<b>2.3 Metodologia de Análise</b> .....	
<b>2.4 Seleção do Corpus</b> .....	
<b>2.5 Detalhamento do Corpus</b> .....	
<b>2.6 Operacionalização dos Termos</b> .....	
<b>3 ANÁLISE QUALITATIVA</b> .....	
<b>3.1 Análise do Bloco de Enunciados da Língua Portuguesa.(L1)</b> .....	
<b>3.2 Análise do Bloco de Enunciados da Língua Inglesa (L2)</b> .....	
<b>3.3 Quadro Comparativo dos Enunciados da L1 e L2</b> .....	
<b>3.4 Quadro de Predicadores nas Línguas 1 e 2</b> .....	
<b>4 APRECIÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	
<b>CONCLUSÃO</b> .....	
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	
<b>ANEXOS</b> .....	

## INTRODUÇÃO

O cenário lingüístico foi palco de profundas transformações em termos de abordagens e modos de pensar a língua, muitas delas ocorridas na área relacionada a métodos de ensino, bem como na área de pesquisa lingüística. O cenário atual apresenta abordagem denominada de ciência cognitiva, que reúne estudos de fenômenos lingüísticos, cognição e aspectos sociais.

A referida proposta de estudo não pode ser definida como algo, de todo, novo, já que teve muitas das suas indagações suscitadas ainda na Antiguidade, mais especificamente no campo da filosofia, em que desempenhava função central. Pode-se dizer que a relação entre linguagem e mundo, ou conhecimento e linguagem, constitui inquietação para autores e estudiosos das mais variadas áreas, dentre elas filósofos, antropólogos, sociólogos, neurocientistas, entre outros.

Foi na década de 1950 que a ciência cognitiva teve início, como uma reação ao modelo vigente: o Behaviorismo. Até então, a proposta era estudar o ser humano partindo-se de suas reações a determinados estímulos, com uma idéia de investigação centrada no comportamento externamente observável e mensurável do homem. Portanto, aspectos relacionados à mente e a seus possíveis estados eram totalmente descartados e considerados inacessíveis para o método científico.

A ciência cognitiva teve como impulso inovações ocorridas nas áreas de raciocínio lógico-matemático, ou seja, nos estudos exercidos por lógicos, que demonstraram ser o estudo da inteligência, em geral, possível e, igualmente, passível de ser considerado ciência. Logo, a mente e seus processos tornaram-se o foco de investigação da ciência cognitiva, que se instalou como campo de pesquisa e estudo.



O modelo preocupava-se com questões como: (1) Como o conhecimento está representado e estruturado na mente?; (2) Como a memória se organiza?; (3) Como a mente se estrutura? Ela é dividida em partes independentes que se coordenam ou existe conexão entre todas as partes?; (4) Qual a origem de nossos conhecimentos? São eles inatos ou derivam da experiência?. Portanto, percebe-se que a mente adentra o campo científico e vira o foco de todos os processos relacionados ao conhecimento e à linguagem.

Foram questões como essas, relacionadas à linguagem e à mente, que por muitos anos me instigaram como aluna e, mais tarde, como professora, e que me levaram a realizar esta pesquisa. O fato de ter iniciado os estudos de uma segunda língua, no caso, Língua Inglesa, simultaneamente à primeira, ainda na infância, foi o fator decisivo para várias reflexões e inquietações durante minha vida: questões relativas à aquisição, existência de dialetos, estrutura oracional, existência e uso de gírias e expressões, entre outras. A linguagem, como um todo, parecia-me um mundo fantástico a ser investigado.

A escolha de uma área de pesquisa em particular foi difícil, visto que todas contribuiriam e muito para a elucidação das minhas dúvidas. Creio que a escolha definitiva deu-se durante uma de minhas aulas, em que um aluno demonstrou-se um tanto quanto frustrado com o fato de uma mesma palavra poder ter significados variados, dependendo do contexto em que inserida.

Aquela questão parecia ser bastante óbvia, já que, por certo, os itens lexicais podem ter seus significados alterados por fenômenos lingüísticos, como metaforização, polissemia, entre outros. Porém, se considerada a fundo, a questão poderia ser desenvolvida e, por intermédio dela, poder-se-ia tentar explicar como um mesmo item lexical pode aparecer em diferentes contextos? Como a mente é capaz de ativar automaticamente o significado específico para um determinado contexto? Como se organizam as possíveis estruturas oracionais em nossa mente? E por que todos esses mecanismos parecem não estar presentes quando se está aprendendo uma segunda língua?

Portanto, tudo aquilo que parecia ser tão simples e irrelevante na língua materna tornou-se uma preocupação real e inquietante, em se tratando do ensino de uma segunda língua, especialmente para professores de idiomas.

Por muito tempo, os métodos de ensino de L2 priorizavam elementos como a forma e a estrutura da língua, com um ensino que, muitas vezes, não levava em conta a língua em uso,

e sim a linguagem em seu padrão formal/clássico. Após certo período de tempo, estudiosos entraram em discordância acerca da forma como o estudante deveria aprender uma L2, sendo que, aí, estabeleceram-se duas maneiras distintas de ensino. Uma delas afirma que o aluno deve entrar numa espécie de imersão, isto é, o aluno deve aprender comunicando-se na língua alvo. O estudante deve ser exposto a situações reais e tornar-se apto a comunicar-se de maneira eficaz. De outro lado, tem-se a noção de que deve ser ensinado ao aluno o léxico da língua alvo e suas estruturas gramaticais. Assim, duas maneiras, aparentemente, distintas para alcançar-se um mesmo fim.

É consenso entre professores que se deve sempre ajudar os estudantes a alcançarem os resultados que necessitam ou desejam. É, também, consenso que uma língua é formada, sim, de forma e estrutura, todavia nunca se pode esquecer que o uso e questões relativas a ele devem ser seriamente consideradas, na hora de se ensinar uma língua, já que as estruturas gramaticais não são detentoras apenas de uma forma mórfica (morfossintaxe), elas também são usadas para expressar significado (semântica) em contexto apropriado de uso (pragmática), que pode ser melhor visualizado no esquema abaixo.



Figura 01 – Dimensões lingüísticas

Fonte: The grammar book, 1995.

Em se tratando de significado, sempre que se usa determinada forma, quer-se saber o que, em uma estrutura particular do inglês, ela significa, ou seja, que contribuição semântica ela traz e para qual contexto, ou ainda, por que os falantes nativos fazem certas escolhas, quando ambas têm mais ou menos o mesmo conteúdo gramatical e lexical.

É por isso que o ensino de línguas deve ser feito como um todo, não se deixando nenhuma dimensão de lado, auxiliando-se o aluno a usar estruturas de maneira significativa e apropriada. A linguagem deve ser entendida como uma ação conjunta, como espelho de recursos de ordem social, individual e cognitivo presentes no ser humano. Destarte, devem ser superadas essas dicotomias e compreendida a língua como resultado tanto de vida psicológica individual como de ações públicas e históricas.

O melhor exemplo de ação interativa entre as diferentes dimensões pode ser verificado na análise de um texto. O texto, em si, é uma interação comunicativa, já que acontece em situação de comunicação e traz experiências e expectativas de outros textos lidos previamente, além de possuir os mais variados tipos de marcas culturais.

Utilizou-se neste estudo a abordagem cognitiva para melhor compreender aspectos cognitivos de processos de interação pela linguagem, assim como o papel desempenhado pelo conhecimento partilhado na produção e compreensão de textos falados ou escritos. Em busca de metodologia de análise que priorizasse as dimensões citadas acima, optou-se pela análise de textos autênticos retirados de artigos jornalísticos, que conseguissem captar e demonstrar a língua como um todo, nas Línguas Portuguesa (L1) e Inglesa (L2).

Para tanto, dividiu-se o trabalho em quatro seções, que respeitam critério de articulação teórico-metodológica, sendo, portanto, apresentada, primeiramente, a teoria que atua como suporte para o presente estudo e, logo após, as noções subsidiárias para a constituição do referencial teórico-metodológico no processo de análise.

O primeiro capítulo irá tratar do quadro teórico da Gramática de Casos (GC), que é inaugurada por Charles Fillmore (1968, 1971, 1977) e, posteriormente, remodelada por Wallace Chafe (1970), John Anderson (1971) e Walter Cook (1979, 1989). Adotou-se modelo de ordem não localista, por ser capaz de captar as nuances de sentido no contexto da língua em uso e por levar em contas componentes de ordem discursiva e pragmática, o que garante análise mais completa e refinada. Ainda na mesma seção, serão apresentadas as idéias centrais e colaborações obtidas na área da Semântica Lexical, Semântica Cognitiva, sobre a noção de

cenas de Fillmore e modelos episódicos propostos por Van Dijk e, por fim, Francisco S. Borba e a Gramática de Valências.

O capítulo dois trará o modelo de análise a ser aplicado aos verbos selecionados no artigo, criteriosamente detalhado, que irá englobar desde a articulação teórico-metodológica e operacionalização dos termos, até aspectos relativos ao corpus. O terceiro capítulo apresentará a análise qualitativa, ou seja, a análise dos enunciados nas línguas 1 e 2. E, finalmente, o capítulo quatro explicitará o processo de apreciação dos resultados obtidos por intermédio da análise.

Com o estudo que segue, pretende-se abrir horizontes para uma nova forma de ensino, capaz de fazer do aluno um ser passível de ler, refletir e compreender aquilo que lhe é oferecido.

## **1 BASES ESTRUTURAIS DE UM MODELO. Principais Contribuições**

### **1.1 A Teoria de Casos de Charles Fillmore**

Os últimos dez anos serviram para mudar a atitude geral de lingüistas frente aos estudos semânticos. A afirmação de que toda gramática deveria ter um componente semântico fez emergir questionamentos sobre a relação desse mesmo componente com outras partes da gramática, além de estar sendo motivo de atenção no meio lingüístico, isso por suscitar grande número de pensamentos de natureza controversa. Dentre as várias proposições, a que mais tem chamado a atenção de estudiosos é a de que o significado das orações deve ser preservado na transformação que ocorre com as sentenças da estrutura profunda para a estrutura de superfície.

Em sua obra Estruturas Sintáticas, Chomsky apresenta a idéia de que as considerações semânticas não influenciam na análise de estruturas sintáticas e que, embora a estrutura sintática subjacente possa ser considerada relevante para a descrição do significado, ela não seria provavelmente suficiente para esse propósito.

“A noção de “significado estrutural” como oposto ao “significado Lexical”, parece ser bem duvidoso, já que é questionável que os mecanismos gramaticais disponíveis em uma língua estejam suficientemente consistentes a ponto do significado poder ser acessado diretamente dele “(CHOMSKY, 1957, p.108).

“Aspects”, no capítulo destinado a problemas residuais, relata a incapacidade da teoria para tratar de fatos como a relação entre sintagmas nominais dentro da oração, ou seja, que o sintagma nominal representa funções semânticas diferentes, que não estão nem relacionadas com a estrutura sintática de superfície nem com a profunda, e sustenta tal afirmação fazendo análise e referindo-se a algum aspecto comum entre o pronome *me* de *João me bate como se ele fosse completamente idiota* e o *eu* de *Eu considero João um idiota*.

Neste momento, entra em cena a proposta teórica instaurada por Charles Fillmore, que veio ao encontro, em muitos sentidos, do objetivo deste trabalho. A Semântica Relacional teve como ponto de partida o artigo chamado *A Proposal Concerning English Prepositions*, mas foram instauradas e tornaram-se conhecidas no seu segundo artigo *Case for Case* (FILLMORE, 1967).

O artigo propunha que uma nova ordem de conceito/significado fosse incorporada à Gramática Transformacional, relativa, especialmente, ao tratamento dos casos de estrutura profunda. O objetivo do referido autor era revelar a existência desses casos e justificá-los por meio de critérios sintáticos. O estudo não visava à supressão total da estrutura profunda, mas se orientava em direção a outro nível de estrutura sintática, mais profunda que a oferecida pela Teoria Padrão da época. Para a Gramática Transformacional, de Chomsky, o sujeito era o sintagma nominal (SN), diretamente dominado pela sentença (S), e o objeto era o sintagma nominal (SN), diretamente dominado pelo sintagma verbal (SV). Porém, Fillmore levanta o fato de que o sujeito de superfície nem sempre corresponde ao sujeito lógico, como se pode perceber nos exemplos abaixo:

(1) João deu um golpe em Paulo.

(2) João recebeu um golpe de Paulo.

Para a Gramática Transformacional, fica claro que, em ambas as sentenças, o sujeito é João. Mas, pela Teoria de casos, o SN João apresenta diferentes funções, tendo, na primeira oração, a função de agente da referida ação e, na segunda, o papel de beneficiário. Poder-se-ia representar a noção instaurada por Fillmore com o auxílio do seguinte quadro:

Quadro 01 – Representação das estruturas lingüísticas

<b><u>ESTRUTURA PROFUNDA INTERPRETATIVISTA: FILLMORE</u></b> Estrutura mais profunda que a oferecida por Chomsky na Teoria Padrão.
<b><u>Estrutura Profunda: Chomsky.</u></b> Semântica, encarregada das relações de significado.
<b><u>Estrutura de Superfície: Chomsky.</u></b> Responsável pela construção das sentenças, sintaxe, estrutura.

Fillmore sugere, então, que a noção gramatical de casos deve ocupar lugar no componente de bases de todas as línguas, denominado Componente Transformacional. As noções de casos possuem conjunto de conceitos universais inatos, que mostram ou identificam julgamentos acerca dos fatos que ocorrem ao nosso redor, tais como quem fez, com quem aconteceu e qual o efeito ou o que foi mudado. Dada essa idéia, os verbos diferenciar-se-ão uns dos outros pelos casos em que puderem ser inseridos. Pode-se perceber isso pelos exemplos acima, em que os termos agente e beneficiário são atribuídos pelo verbo e demonstrados no nível de representação semântica profunda. Ou seja, as relações de casos propostas por Fillmore nada têm a ver com a noção tradicional de casos gramaticais antes determinados pela flexão das formas, mas sim com as relações entre sintagmas nominais e o verbo com que se associam dentro da estrutura profunda.

Para Fillmore, essa estrutura profunda teria caráter interpretativista, já que daria uma maior atenção à classificação de itens lexicais e morfológicos, isto é, à análise da construção de verbos e adjetivos. Segundo o autor, o relacionamento entre o predicado (verbo) e seus elementos nominais independe de noções gramaticais como sujeito e objeto, sugerindo ele a união das relações sintáticas e semânticas entre os componentes da oração. A representação semântica poderia ser formalizada da seguinte maneira:

<b>S</b>	<b>=</b>	<b>M</b>	<b>+</b>	<b>P</b>
<b>Sentença</b>	<b>=</b>	<b>Modalidade</b>	<b>+</b>	<b>Proposição</b>

O termo proposição vem a ser a união do verbo principal aos casos que a ele se unem e poderia ser assim formalizado [P = V + C1 + C2... Cn]. Já o caso seria composto por um marcador casual (sintagma nominal) e uma preposição. No modelo aqui proposto, cada sintagma nominal é automaticamente dominado por um constituinte de função casual

diferente, e o número de sintagmas nominais em uma oração é determinado por regras de estrutura de superfície da cada língua. Fica estabelecido, por ser o número de elementos nominais em uma oração opcional, que um caso ao menos deve ser escolhido, bem como que nenhum caso pode ser escolhido mais de uma vez. Pode-se afirmar, então, que o modelo de representação semântica de Fillmore é constituído por dois princípios, sendo eles:

- 1- Cada proposição deve ter ao menos uma categoria de caso;
- 2- Cada caso poderá aparecer somente uma vez na proposição.

È possível analisar-se a representação proposta por Fillmore pelos exemplos abaixo:

(3) Pedro cortou a árvore com o machado.

(4) O machado corta a árvore.

No exemplo três, dentro da estrutura de superfície, Pedro desempenha a função de sujeito da oração (noção gramatical), enquanto, na estrutura profunda, desempenha o papel de agente (noção semântica) e, por estar associado ao significado, encontra-se na estrutura profunda. A expressão *machado*, por sua vez, desempenha o mesmo papel em ambas as orações, o de instrumento, porém, na estrutura de superfície, o mesmo elemento vai receber diferentes funções, a de objeto, na primeira, e sujeito da oração, na segunda.

Portanto, os casos identificam as funções semânticas que as entidades assumem na sentença. Entretanto, nem sempre foi assim, ao introduzir-se inicialmente os sintagmas nominais na noção de casos, ficava estabelecido que cada um deles iniciaria com uma preposição, a qual seria definida por intermédio do tipo de função casual que o sintagma desempenhasse na oração. Mais tarde, devido ao fato de os casos só representarem as funções semânticas que os elementos assumem na sentença, as preposições passaram a serem vistas como marcadores superficiais de funções semânticas de casos e associadas aos sintagmas nominais através de regras de seleção. Por conseguinte, pode-se afirmar que uma oração é analisada como um verbo e uma série de casos de estrutura profunda, cujas preposições encontram-se associadas aos sintagmas nominais por regras de seleção.

O verbo encontra-se na base de toda formulação teórica, é ele que determina o número e o tipo de casos necessários para completar o seu sentido. Por ter esse papel tão relevante, o autor classifica os verbos em duas categorias: estado e não-estado (ações). A identificação dos



verbos nessas duas categorias é feita por testes de imperativização e de formação progressiva, sendo que os verbos de estado não podem sofrer esses processos, ao contrário dos de ação.

Pode-se testar, utilizando os verbos abaixo:

(5) João é alto.

(6) João comeu a laranja.

Utilizando-se o imperativo, com os mesmos verbos tem-se:

\*Seja alto!

Coma a laranja!

Com a formação progressiva, ter-se-á:

\*João está sendo alto.

João está comendo a laranja.

Pelos exemplos, pode-se perceber que as formas não gramaticais, marcadas por (\*), são sentenças formadas por verbos de estado, já as formas gramaticais são formadas por verbos de ação. A referida classificação foi criada tendo como base Lakoff (1966) e passou a ser adotada por Fillmore sob a denominação de Modelo não-Localista. O modelo não-Localista não apresenta a noção de processo e consta de seis casos, isto é, seis funções semânticas, cujo papel na oração é definido como:

1- **Agentivo (A)** - geralmente animado, o realizador de uma determinada ação.

Ele *deu* o livro para mim.

**A**        **I**        **B**

2- **Dativo (D)** - é o paciente de uma ação ou estado verbal. Encontra-se geralmente associado a noções de conhecimento, sensação ou emoção.

Maria *sentiu* muito frio.

**D**                    **O**

3- **Instrumental (I)** - é o estímulo ou causa física de um acontecimento, geralmente inanimado, que se relaciona à ação ou estado proposto pelo verbo.

O machado *cortou* a árvore.

**I**                      **O**

4- **Factivo (F)** – é o resultado do estado ou da ação verbal, integrante do significado do predicador.

João *escreveu* um livro.

**A**                      **F**

5 - **Locativo (L)** – relativo à noção de local/lugar expressa pela ação ou estado do verbo.

As maçãs *estão* na caixa.

**O**                      **L**

6 – **Objetivo (O)** – caso neutro, identificado pelo significado do verbo.

O amor *é* lindo.

**O**

Foi de acordo com a classificação dos verbos proposta por Fillmore (1968) que Walter Cook propôs uma matriz casual para os verbos de estado e ação, organizando-os em verbos básicos (todos os verbos que detêm os casos agentivo e objetivo) e verbos não básicos (verbos que selecionam os casos instrumento, dativo e locativo), sendo que os verbos não básicos excluem-se mutuamente. O modelo ficou assim organizado por Cook:

Tabela 1 - Matriz Casual do Modelo de Fillmore (1968)

<b>Tipos de Verbos</b>	<b>Verbos Básicos</b>	<b>Instrumentais</b>	<b>Dativos</b>	<b>Locativos</b>
<b>Estados</b>	<b>O</b> Quebrar, v.i.	<b>I, O</b> Quebrar, v.t.	<b>D, O</b> Gostar	<b>O, L</b> Estar em
<b>Ações</b>	<b>A, O</b> Quebrar, v.t.	<b>A, I, O</b> Quebrar, v.t.	<b>A, D, O</b> Mostrar	<b>A, O, L</b> Colocar

Fonte: Fillmore (1968)

A gramática apresentada traz a noção de hierarquia para guiar as operações do âmbito sintático, tais como a escolha dos papéis de sujeito e objeto na oração. No modelo não-localista, Fillmore ordena os casos hierarquicamente da direita para a esquerda, numa ordem [V O S], ou seja, verbo, objeto e sujeito, já que, na estrutura de superfície, o sujeito recebe o papel de agente e, na falta de um elemento agente, o papel de instrumento desempenha a mesma função, sendo assim tem-se o seguinte modelo hierárquico:

<b>Proposição = Verbo + Objeto + Instrumento + Agente</b>
---

Pode-se resumir as noções relativas ao modelo não-Localista de Fillmore como propostas primeiramente orientadas a questionar a possível existência da noção de caso profundo, em oposição à noção de estrutura profunda (GT).

Em 1971, o artigo *Some Problems for the Case Grammar* instaura, o assim denominado modelo Localista. Nele, Fillmore propõe reformulação referente à hierarquia e lista de casos, bem como algumas novas noções que passam a ser incorporadas, dentre elas:

- 1) O constituinte modalidade e o marcador casual (K) passam a ser eliminados na estrutura profunda.
- 2) A ordenação dos casos passa a ser da esquerda para a direita (VSO), de acordo com o processo de seleção do sujeito.
- 3) A lista de casos passa a apresentar a seguinte ordem: Agentivo (A), Experienciador (E), Instrumental (I), Objetivo (Ob), Origem (Or), Meta (M), Locativo (L), Temporal(T) e Benefactivo (B).
- 4) Introduce-se a noção da teoria do apagamento, com a apresentação dos casos não-manifestos.

<b>Modelos</b>	<b>Modelo Não-Localista</b>	<b>Modelo Localista</b>
<b>Diferença Básica</b>	Trata dos predicadores <b>básicos</b> e <b>locativos</b>	Trata dos <b>predicadores básicos, experimentativos, benefactivos, locativos</b> , etc.
<b>Ordenação dos Casos</b>	Da direita para a esquerda ( <b>VOS</b> ), tendo em vista a escolha hierárquica do sujeito.	Da esquerda para a direita ( <b>VSO</b> ), de acordo com o processo de seleção do sujeito.
<b>Ordem Hierárquica da Lista de Casos</b>	Agentivo ( <b>A</b> ), Instrumental ( <b>I</b> ), Dativo ( <b>D</b> ), Factivo ( <b>F</b> ), Locativo ( <b>L</b> ), Objectivo ( <b>O</b> ).	Agentivo ( <b>A</b> ), Experienciador ( <b>E</b> ), Instrumental ( <b>I</b> ), Objectivo ( <b>OB</b> ), Origem ( <b>Or</b> ), Meta ( <b>M</b> ), Locativo ( <b>L</b> ), Temporal ( <b>T</b> ) e Benefactivo ( <b>B</b> ).
<b>Número de Casos</b>	Para cada SN, há um, e <b>somente um, caso profundo</b> correspondente.	Apresentação dos <i>casos não-manifestos</i> .

Posteriormente, Fillmore publica o artigo *The case for case reopened* (FILLMORE, 1977), no qual expõe a ideia de incluir na análise as situações em que a comunicação se estabelece, isto é, o significado como algo dependente do contexto em que ocorre. Essa ideia conhecida por Noção de Cena resume noções casuais, pragmáticas e discursivas e é instaurada no âmbito da Semântica Relacional, sendo uma das maiores contribuições do autor na referida área.

### 1.1.2 Wallace Chafe – 1970

A teoria de Casos obteve contribuições de outros grandes autores, pesquisadores e estudiosos, dentre eles Wallace Chafe. O autor publicou uma de suas mais significativas obras em 1970, intitulada *The meaning and the Structure of Language*. O modelo trouxe novas noções e ideias referentes ao estudo e ao lugar ocupado pela semântica dentro dos estudos lingüísticos.

No modelo proposto por Chafe, são colocadas questões que dizem respeito às limitações dos estudos até então produzidos, devido ao fato de estarem restritos aos limites impostos pela oração e questões relativas à estrutura. Se focalizado o estudo nas estruturas semânticas subjacentes, encontrar-se-ão algumas respostas, porém inúmeros fenômenos lingüísticos somente podem, segundo o referido autor, ser explicados e compreendidos se analisados sob uma perspectiva além da oração, especialmente em se tratando de significação.

O fundamento do modelo proposto por Chafe vem a ser o fato de a semântica ocupar lugar de destaque, sendo a responsável pelo aspecto criativo da linguagem. O componente semântico é denominado como o lugar em que as boas sentenças são formadas, isto é, local em que os enunciados gramaticais se constituem. Nesse modelo, o falante produz determinado enunciado tendo em mente a produção de determinados significados. Sendo a semântica considerada como aspecto de relevância ímpar, os significados passam, primeiramente, por um filtro semântico, para, somente mais tarde, receberem sua matriz fonética e estruturarem-se como sentença. Por defender a centralidade da semântica em contraste com a sintaxe, Chafe vai de encontro às idéias postuladas por Fillmore, cujo modelo propunha a noção de casos como *relações sintáticas profundas*.

Para Chafe, o universo conceptual humano está dicotomizado em duas grandes áreas:



De acordo com Chafe, a centralidade do verbo se deve, em grande parte, ao fato de que, em todas as línguas, o verbo é o elemento que está presente na maioria dos enunciados, exceto raras exceções, que são mencionadas pelo autor como estruturas marginais, ou, ainda, em elocuições semanticamente sem verbos, como *ai, talvez, Oh, etc.*, as quais obedecem a regras de simbolização direta de mensagens unitárias, devendo ser consideradas relíquias, descartando-se, ainda, a possibilidade de ser omitido antes de chegar à estrutura de superfície, o verbo está quase sempre presente e geralmente acompanhado de um nome.

Surgiram, então, questões relativas à natureza do verbo e sua influência na oração: *a natureza do verbo determina ou não como deverá ser o restante da oração?; qual a relação dos verbos com o nome; e, ainda, como os nomes serão semanticamente especificados?*

Chafe firma sua posição diante de questões como estas e opõe-se em alguns aspectos às propostas de Chomsky e Fillmore. Para ele, o verbo dita a presença e a natureza dos nomes que o acompanham, como se pode perceber analisando-se o exemplo que segue.

(7) The men **laughed**.

Nesse exemplo, é possível notar-se a presença do verbo de ação *laughed*, o verbo exige a presença de um nome que o acompanhe, no caso do exemplo acima o SN *the men*. O mesmo verbo exige que o nome se relacione com ele como agente, portanto o nome deve ser especificado como (+) animado e (+) humano. Agora, veja-se o exemplo de uma frase menos usual:

(8)The chair laughed.

Tendo em vista a centralidade do verbo e sua capacidade de selecionar elementos, a única interpretação possível seria aquela na qual o SN a cadeira (The chair) fosse interpretado como anormalmente animado, respeitando a exigência do verbo. Poder-se-iam citar aqui vários outros exemplos para demonstrar a influência semântica dos verbos, que se estende aos nomes subordinados que os acompanham.

Segundo Chafe, o fenômeno da flexão dos verbos ocorre na estrutura semântica, e essas unidades de flexão ao serem acrescentadas ao verbo são simultaneamente incorporadas na oração como um todo. O autor utiliza uma metáfora em que compara o verbo ao sol: qualquer coisa que ocorre com o sol afeta todo o sistema solar, bem como tudo que ocorre com o verbo afeta a oração como um todo. Quanto ao elemento nominal, é comparado a um planeta, cujas transformações internas somente a ele afetam.

Porém, uma das maiores contribuições de Chafe para a teoria de casos foi, sem dúvida, a introdução da noção de processo na classificação dos verbos. Chafe acrescenta, então, à matriz verbal a noção de *processo* e *ação-processo*, que evidenciam um evento/acontecimento em oposição ao estado. Podem ser analisadas de maneira mais eficaz as noções propostas por Chafe no esquema abaixo:

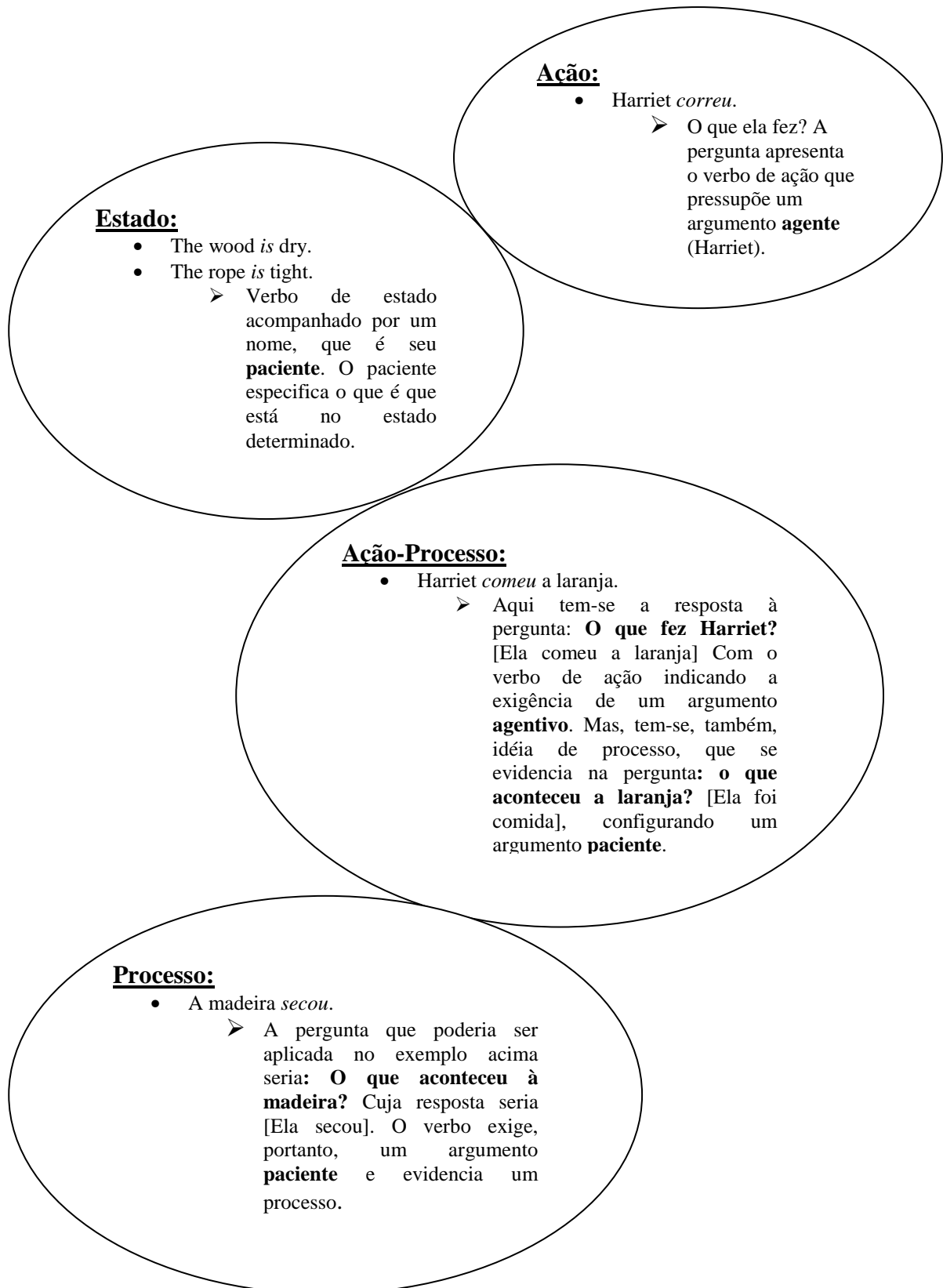


Figura 02 – Classificação de verbos

Fonte: Chafe, 1970.

De onde se pode presumir o seguinte quadro:

Quadro 02 – Classificação dos verbos

<b>Classificação dos Verbos (Chafe):</b>	<b>Complementos:</b>
Estado	Paciente
Processo	Paciente
Ação Processo	Agente/Paciente
Ação	Agente

O objetivo dessas relações semânticas estabelecidas entre os verbos e os argumentos era especificar o sentido dos nomes na estrutura profunda verbal. Porém, Chafe propôs, ainda, uma lista de casos, cujo papel era expressar outras relações também determinadas pelo verbo. A lista conta com oito casos, entre eles: Agente (A), Experienciador (E), Beneficiário (B), Instrumento (I), Paciente (P), Complemento (C), Locativo (L) e Ambiente (Amb).

<b>Casos</b>	<b>Predicadores</b>	<b>Argumento</b>
<b>Agente (A)</b>	Ação, estado, processo, ação-processo.	Agentivo, objetivo.
<b>Paciente (P)</b>	Ação, estado, processo, ação-processo.	Agentivo, objetivo.
<b>Experienciador (E)</b>	Experimentativos (estado, processo, ação-processo).	Experienciador e objetivo.
<b>Beneficiário (B)</b>	Benefactivos (estado, processo, ação-processo).	Benefactivo e objetivo.
<b>Locativo (L)</b>	Locativos (estado, processo, ação-processo e ação).	Agentivo, locativo, objetivo.
<b>Complemento (C)</b>	Completáveis (estado e ação)	Objetivo e complemento
<b>Instrumento (I)</b>	Ñ constitui-se unidade seletional do verbo.	
<b>Ambiente (Amb)</b>	Ñ possui agente e paciente pelos verbos que seletionam.	

### 1.1.3 John M. Anderson – 1971

Com o objetivo de demonstrar os estudos realizados dentro da Semântica Relacional e sua evolução como área de pesquisa ao longo dos anos, apresentar-se-á, nesta seção, um pouco do trabalho realizado por Anderson, que muito contribui para um possível refinamento na Teoria de Casos.



O modelo de GC proposto por John M. Anderson teve como ponto de partida a publicação da obra *The Grammar of Case: towards a localist theory*, em 1971. Apesar de estar instaurado dentro do modelo localista, o modelo proposto assemelha-se em muitos aspectos ao proposto por Fillmore. O autor parte da idéia de que o nome e o verbo estão em relação de dependência e que o verbo funciona na oração como elemento central e relacional, bem como o nome serve de elemento referencial.

Anderson sugere em seu modelo a existência de quatro casos, entre eles:

**1. Nominativo (Nom)** - equivale ao caso objetivo de Fillmore e ocorre com verbos de ação, estado ou processo.

**2. Ergativo (Erg)** - similar ao caso agentivo proposto por Fillmore, porém com a peculiaridade de dever ser sempre animado.

**3. Locativo (Loc)** - expressa locativos espaciais, concretos e direcionais com o mesmo significado de meta.

**4. Ablativo (Abl)** - ao invés de meta, tem significado de origem, ou seja, de noção direcional. Pode, ainda, ser enquadrado com noções de transferência de propriedade, de cognição, sensação e comunicação.

Com uma lista casual constituída de quatro casos, a ordem hierárquica respeita a ordenação esquerda para direita (SVO), e os verbos são classificados como básicos e locativos.

#### 1.1.4 Walter Cook

Para concluir-se a seção sobre GC, decidiu-se apresentar o autor e estudioso Walter Cook, cujo trabalho sofreu influências de todos os autores aqui citados anteriormente e cujas contribuições foram de extrema relevância para o desenvolvimento e evolução da GC.

Cook propõe um modelo de cunho não-localista, elaborado entre 1970 e 1978, em que destaca a centralidade do verbo e semântica no estudo das línguas. O verbo é o elemento com função qualitativa e quantitativa em relação aos argumentos que o rodeiam. Esses argumentos (SN) são enquadrados como casos que se distribuem em volta do elemento central (Verbo), de acordo com a ordenação hierárquica, que tem em vista a escolha do sujeito. Já que o modelo é

de cunho não-localista, os casos vão ser ordenados da esquerda para a direita. Destarte, a noção de estrutura profunda concebida por Cook pode ser assim representada:

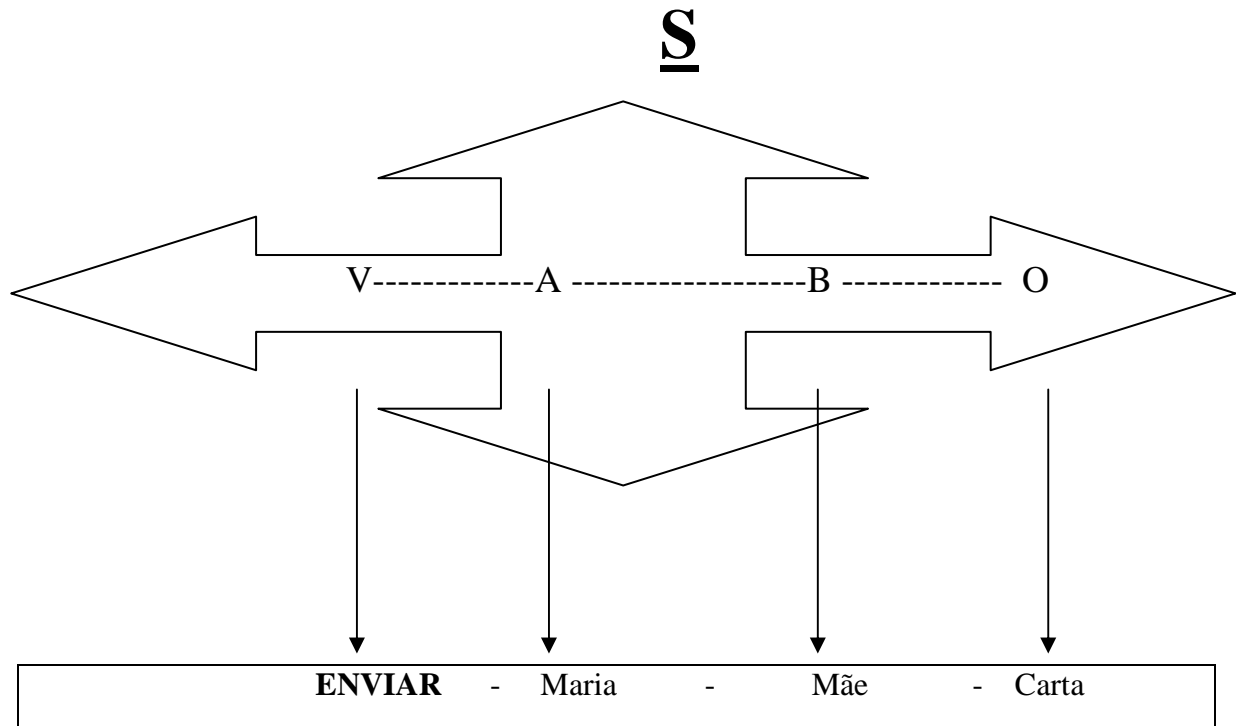


Figura 03 - Ordenação dos Casos em Cook

Fonte: Walter Cook, 1970-1978

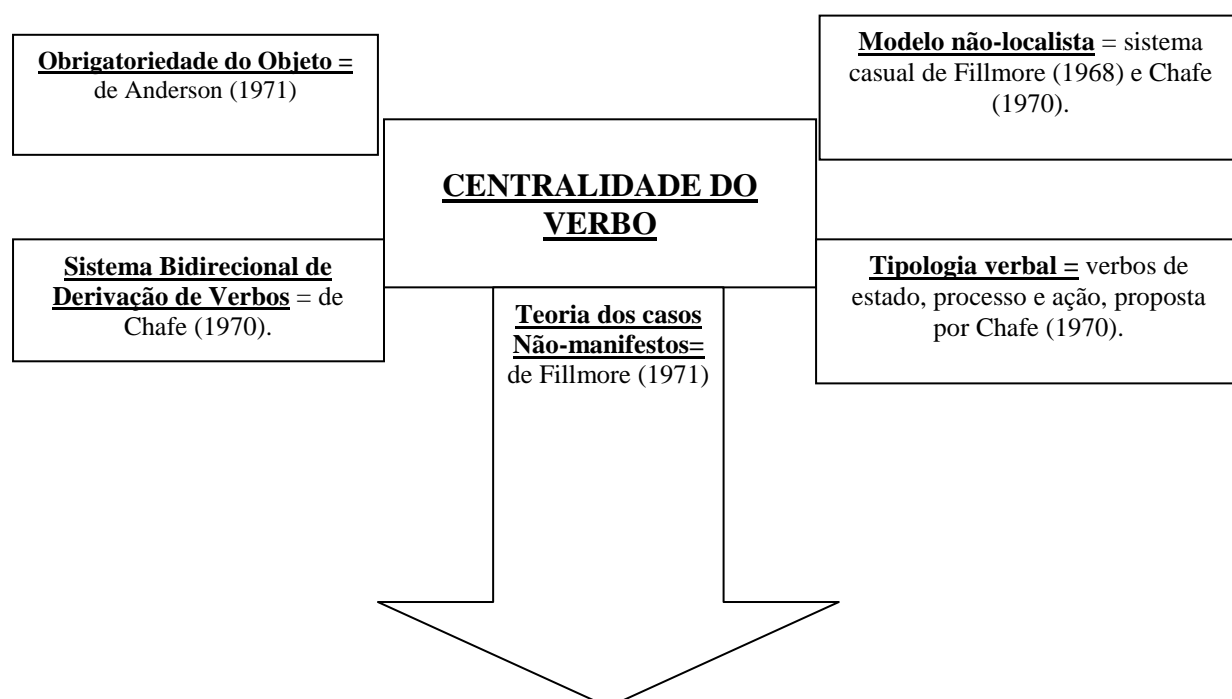
Cook destaca dois tipos de casos: os casos *proposicionais* são aqueles casos exigidos pela valência semântica dos verbos, já os *modais* não são por ela exigidos. O autor afirma, também, que o número de casos deve ser o mínimo possível, para que possam abarcar um número máximo de línguas possíveis, ou seja, que os casos sejam universais.

Seguindo a linha de orientação de Chafe quanto à tipologia dos verbos, Cook vai classificá-los em verbos de estado, ação e processo e dividi-los em estado e não-estado, sendo que os verbos de estado são aqueles que expressam um não acontecimento, enquanto os de não-estado dão idéia de um acontecimento/evento, que tanto pode ser percebido como processo (não agentivo) ou ação (agentivo).

São cinco as relações casuais do modelo proposto por Cook: Agente (A), Experienciador (E), Benefactivo (B), Objeto (O) e Locativo (L). Os casos são assim recebidos mediante a presença de verbos cuja classificação seja da seguinte ordem: Básicos, Experimentativos, Benefactivos e Locativos. Da relação entre verbos e casos, surge a seguinte matriz casual de Cook:

<b>Tipos de Verbos</b>	Básicos	Experimentativos	Benefactivos	Locativos
Estados	Oe - ser alto	E, Oe - gostar	B, Oe - ter	Oe, L – estar em
Processos	O – morrer	E, O - sentir	B, O - ganhar	O, L – cair
Ações	A, O – matar	A, E, O - dizer	A, B, O - dar	A, O, L – pôr

Pode-se dizer que o modelo matricial de Cook é formado com base nos seguintes pressupostos:



## 1.2 A Semântica Lexical

Com o passar dos anos e o conseqüente surgimento de novas metodologias de ensino, é possível perceber-se que a memorização de estruturas sintáticas e unidades lexicais não é o meio mais apropriado de aprender-se um idioma, uma vez que os seres humanos são dotados de aparato genético que os torna capazes de realizar associações bem mais complexas e produtivas, em se tratando de línguas. É devido a esse raciocínio, a respeito de como funciona o sistema lingüístico, que se pode deparar-se com problemas que são, na maioria das vezes, referentes ao léxico e aos seus possíveis referentes semânticos.

Os problemas que se detectam como professor de L2 são geralmente decorrentes do fato do léxico de uma língua poder possuir duas ou várias unidades lexicais para exprimir o

mesmo conceito, ou, ainda, uma unidade lexical de uma língua poder corresponder a duas ou várias unidades lexicais de uma língua estrangeira. Grande parte dos itens lexicais de uma língua tem a capacidade de apresentar vários correspondentes em outro idioma, os equivalentes podem ser polissêmicos na língua alvo, sendo que cada sentido não corresponde ao mesmo item da língua materna.

Como estudiosos e professores de idiomas, é possível defrontar-se com problemas gerados pelo fato de querer-se que o léxico de uma determinada língua corresponda exatamente ao léxico de outra, não se levando em consideração aspectos como o relativismo lingüístico e as fronteiras de sentido. Ao aprender-se uma segunda língua, deve-se estar alerta para o fato de que a realidade extralingüística não apresenta gradações, mas a percepção do homem pela língua cria, ao longo do tempo, oposições, limites, escalas e fronteiras. Por ser a língua o resultado da cognição de uma comunidade lingüística, ela é de total dependência de fatores sócio-culturais, em outras palavras o fato de aprender-se um novo idioma implica aprender-se a relativizar a visão de mundo. A cultura é um fator que se apresenta intrinsecamente ligado à língua, sendo impossível conhecer profundamente a forma e a expressão de um idioma estrangeiro sem que se entenda, necessariamente, sua cultura.

Sabe-se que a linguagem impregna o pensamento, e que diferentes línguas levam seus falantes a construírem a realidade de diferentes maneiras. A linguagem vem a ser o retrato de uma sociedade, podendo-se medir o grau de evolução e de criatividade de um povo por meio do seu léxico e das transformações ocorridas ao longo do tempo. A lexicologia trata do estudo do léxico das línguas de forma completa e integrada e muito tem a contribuir no estudo das diferentes línguas.

“O estudo do léxico é o estudo do vocabulário das línguas em todos seus aspectos: palavras e seus significados, como as palavras se relacionam umas com as outras, como elas podem combinar umas com as outras, e a relação entre vocabulário e outras áreas de descrição das línguas, a fonologia, a morfologia e a sintaxe” (MALMKJAER, 1991, p. 298).

O léxico vem a ser o ponto de interseção entre os diversos aspectos da linguagem: os sons (fonética e fonologia), os significados (semântica), morfemas (morfologia), combinações sintagmáticas (sintaxe), ou, ainda, o uso lingüístico de situações comunicativas. Porém, até alguns anos atrás, o léxico não recebia a atenção necessária de forma a contemplar toda sua amplitude e complexidade.

Com o passar dos anos, instaurou-se a chamada semântica lexical, cujo objetivo era questionar e discutir o significado atribuído às palavras, a construção e leitura de sentenças, bem como, fenômenos relativos à interpretação de textos e aos processos de expressão e compreensão. Muitos outros estudos foram realizados previamente, isto é, em tradições anteriores, porém as preocupações eram bem mais limitadas, como afirmava Coseriu: “Os estudiosos limitavam os estudos a aspectos pura e exclusivamente lingüísticos, livres da contaminação e do conhecimento sobre culturas, sistemas de crenças ou fatos sobre o mundo”.

Na história da semântica Lexical, destacam-se algumas das mais famosas correntes de estudos da referida área, dentre elas:

- ❖ **Semântica Histórica Filológica** ⇒ Linguagem como expressão de um indivíduo ou sociedade. Enfoque em mudanças semânticas.
- ❖ **Semântica Estrutural** ⇒ Linguagem como estrutura autônoma. Foco no estudo das relações semânticas, paradigmáticas e sintagmáticas.
- ❖ **Semântica Lógica** ⇒ o estudo da linguagem como referência aos mundos possíveis. Enfoque na análise das condições de verdade das orações.
- ❖ **Semântica Cognitiva** ⇒ estudo da linguagem como instrumento cognoscitivo. O estudo tem como objetivo analisar o processo de categorização (prototipicidade) e as estratégias cognoscitivas.

Tendo como tarefa localizar um conceito de significado que esteja em consonância com uma teoria maior sobre como ocorre o processamento lingüístico, Fillmore propõe em seu artigo chamado *The Case for Case Reopened*, escrito em 1977, a idéia de que, para que haja compreensão de um determinado evento de comunicação, aspectos discursivos e pragmáticos devem ser levados em conta. Com esse artigo, instaura-se uma nova dimensão na análise e estudo do significado dos itens lexicais.

*The Case for Case Reopened* propõe um modelo de análise que adota a noção de cenas, a noção de perspectiva, a relevância do contexto e a intenção (falante e ouvinte). Todavia, essas noções só foram adquirir status teórico e um modelo que garante a sua aplicabilidade no artigo seguinte escrito por Fillmore e intitulado *Topics in Lexical Semantics*. Fillmore propõe nesse artigo um estudo focado não somente em aspectos puramente discursivos, mas, sim, no jogo ou evento discursivo, isto é, como ele se dá, a situação em que

ocorre, a história, a cena e, até mesmo, a pretensão do falante ao realizar um determinado ato discursivo.

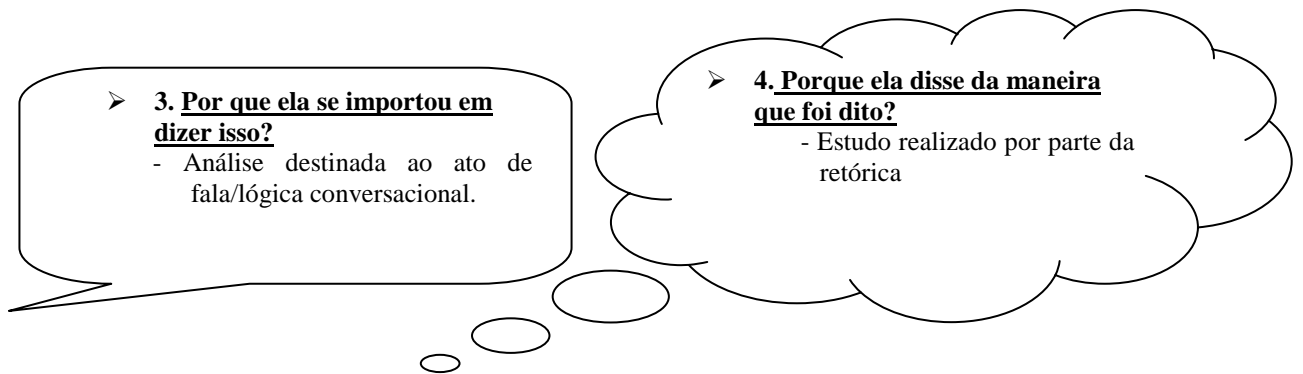
Previamente, as noções de coerência e de interpretação relativa eram dotadas de explicações puramente lingüísticas ou gramaticais. A proposta feita por Fillmore trouxe inúmeras contribuições para uma área de estudos que, até então, considerava como foco o estudo de estruturas lingüísticas sistemáticas, isto é, um estudo com enfoque voltado para questões de ordem fonológica, morfológica, sintática e, posteriormente, semântica das sentenças, sempre analisadas sob perspectiva independente do contexto e do texto. A idéia de análise interpretativa de cunho contextual abriu os horizontes para a criação de paradigma mais independente, levando em conta o indivíduo como elemento ativo no discurso, capaz de realizar associações, armazenar informações e inferir durante o discurso, tudo com o intuito de cooperar para que o evento da fala se dê de modo efetivo.

A criação deste modelo teve como impulso estudos realizados na área da psicologia educacional, percebendo-se, com o passar do tempo, que a aprendizagem acontece tendo como base principalmente textos. A partir daí, iniciou-se uma fase de interesse pela memória e discurso. E, em 1972, quando surgiram os primeiros programas de inteligência artificial, cujo propósito era o processamento automático de histórias, acabou-se por revelar a modelagem de conhecimento de mundo necessário para a compreensão dessas histórias. Pode-se dizer que esse modelo se propunha a dar conta do papel das representações do conhecimento de mundo na compreensão do discurso e outras tarefas complexas.

O autor alerta para questões relativas ao papel desempenhado pelos elementos envolvidos no discurso e para aspectos relevantes sempre que interpretado algo que foi dito ou escrito por alguém, dentre eles:

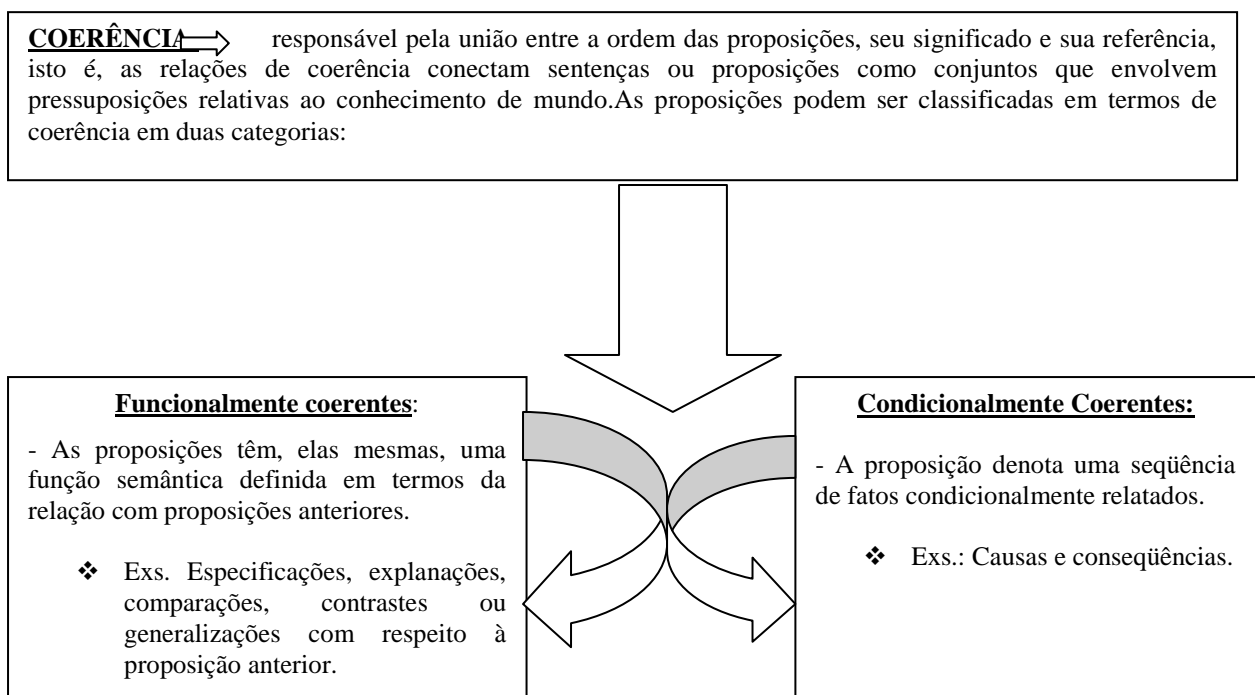
➤ **1. O que a pessoa disse?**  
 - Até então somente essa pergunta tinha sido analisada por outras tradições.

➤ **2. Sobre o que esta pessoa estava falando?**  
 - Foco do modelo proposto por Fillmore.

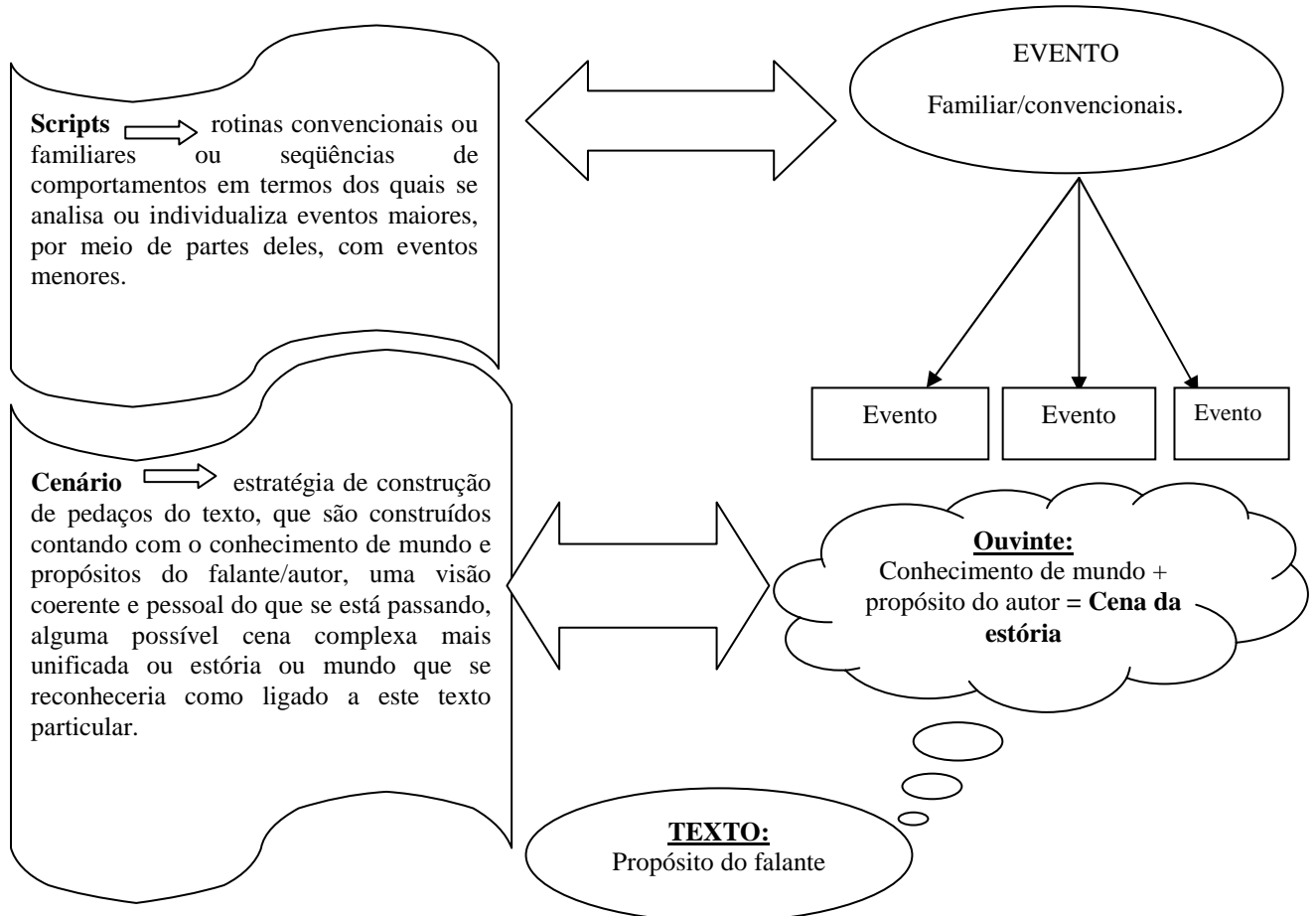


Sendo a questão citada acima o foco do modelo desenvolvido por Fillmore, pode-se afirmar referir-se ela não somente ao possível tópico do discurso ou porção do discurso até então proferido ou escrito, mas ao conteúdo que se pode tirar a respeito da cena, ou história, ou situação, ou mundo, ou imagem, ou o que quer que o falante queira que o ouvinte crie em determinado ponto do diálogo. Um discurso, sob esta perspectiva, não deve ser visto como um conjunto de sentenças, e sim como uma seqüência ordenada, que deve respeitar princípios de condicionamentos convencionais sobre as possíveis ordenações, num contexto que seja significante e que represente para o indivíduo certas estruturas de fato, como por exemplo episódios.

Portanto, conclui-se que tanto as proposições quanto o conteúdo por elas expresso devem estar de acordo com um conjunto de regras e princípios para que sejam coerentes. Dá-se o nome de coerência à seqüência de proposições subjacente a um discurso aceitável. A idéia expressa pelo termo coerência pode ser mais bem compreendida no esquema abaixo:



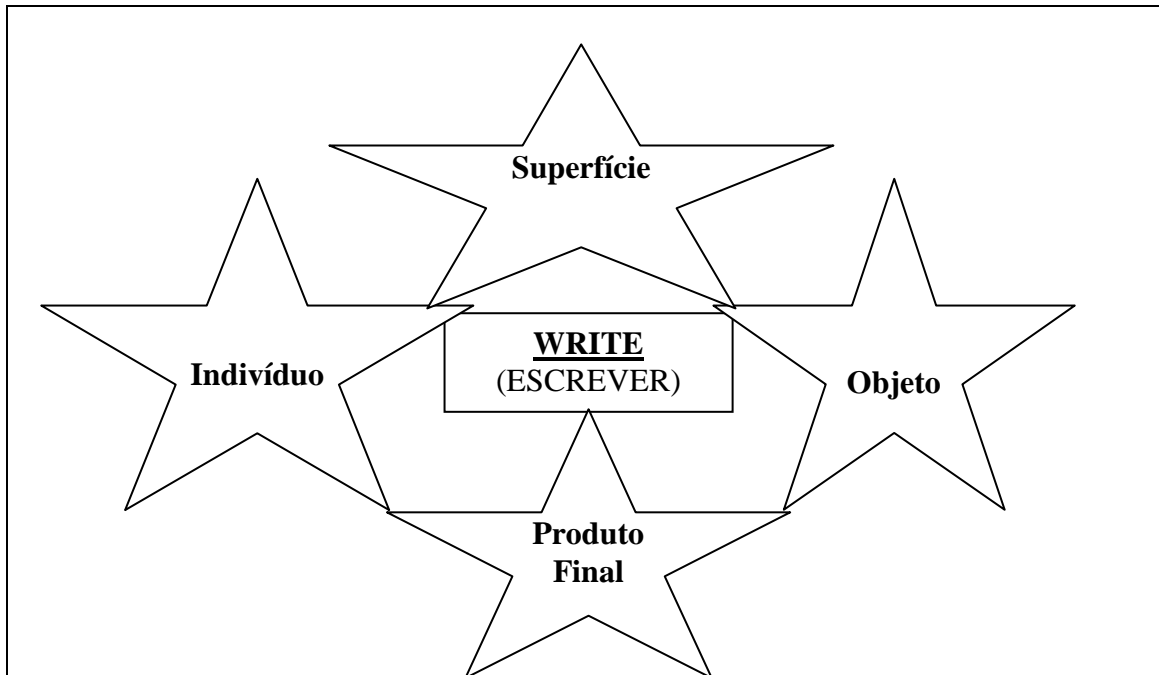
Para Fillmore, o indivíduo deve ter em mente o que se chama na inteligência artificial de noções de *cenários* ou *scripts*:



No esquema acima, tentou-se demonstrar que a chamada unidade intuitiva do discurso não pode ser tida somente com base em relações conceituais (intencionais) entre as palavras ou as sentenças dentro de uma seqüência textual, mas em condições referenciais (extencionais). Sabe-se que reconhecimento de uma palavra depende estrategicamente de interpretações semânticas subjacentes, gerando expectativas sobre a estrutura sintática geral da oração. Toda essa representação é combinada com o que já se sabe de situações semelhantes, isto é, com modelo episódico. Esse processo é de grande relevância porque permite limitar a base textual a informações expressas ou implicadas pelo próprio texto, sem necessidade de introjetar dentro dele grande quantidade de conhecimento. Pode-se atribuir o fato de uma sentença ser ou não coerente dentro do discurso às relações supostas entre os fatos a que as frases se referem, e não somente, como afirmavam as primeiras gramáticas do texto, ao significado das frases subseqüentes.



Fillmore argumenta que todo item lexical tem um sentido prototípico, isto é, um significado que lhe é atribuído individualmente. O exemplo utilizado para exemplificar tal afirmação é o verbo *Write* (escrever), que contém significado prototípico e cena prototípica a ele associados, em que constam os elementos citados no esquema abaixo:

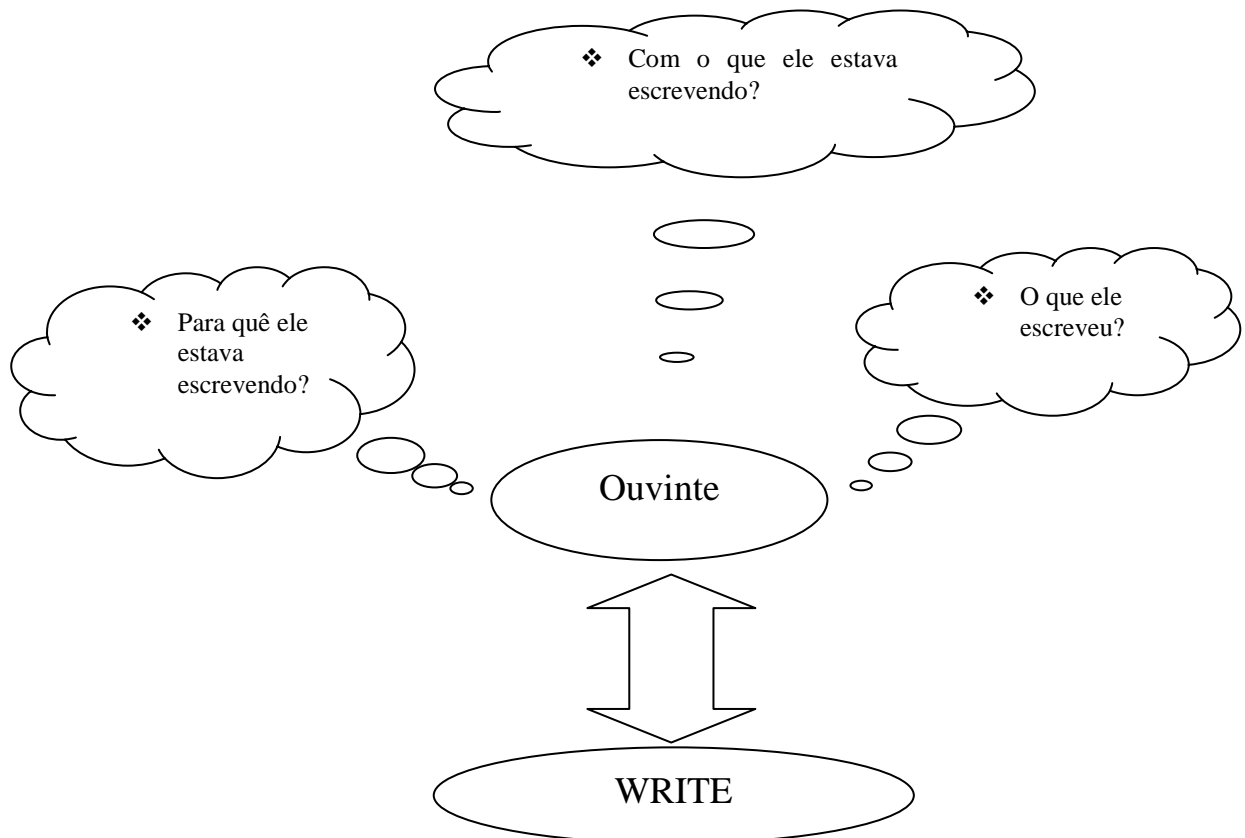


Pelo esquema exposto acima, concluiu-se que a cena prototípica associada ao verbo *Write* (escrever) contém o elemento que pratica o ato, o objeto utilizado para realizar tal ação, a superfície na qual ele está escrevendo e o produto final obtido através do ato, isto é, uma configuração das marcas na superfície. Dificilmente, ter-se-á somente uma palavra para analisar, o item lexical está geralmente embutido em um texto, que auxilia a construção do modelo episódico.

De acordo com esse modelo proposto por Fillmore, a idéia de compreensão acerca de acontecimentos reais ou eventos discursivos está intimamente ligada à construção de representações mentais significativas, com base em um conhecimento prévio mais geral a respeito de tais acontecimentos. Em outras palavras, a compreensão consta de um processo em que devem ser consideradas não somente noções acerca de informações exteriores, mas, também, informações internas e cognitivas. Para que a compreensão se dê de maneira efetiva, o indivíduo deve ser capaz de usar e construir dados ou informações a respeito de relações entre os acontecimentos e as possíveis situações em que possam ocorrer.

As informações podem ser combinadas de maneira efetiva, de tal modo que uma representação mental é construída da forma mais rápida possível e tão bem quanto possível. Assim que a ação é proferida, cabe ao informante construir significados de suas informações pressupostas (para as quais não existam afirmações externas) e ao receptor ativar as expectativas sobre o que vai ser contado, antes mesmo da informação ser por ele ouvida, de forma a facilitar o processo de interação e compreensão no momento em que for proferida a informação externa relevante.

As pessoas nem sempre falam ou escrevem sentenças completas e, mesmo assim, conseguem comunicar-se de forma eficaz e suceder em seu discurso. Saber escrever e conhecer os limites da oração não são aspectos que garantem o sucesso de um discurso, embora sejam importantes aspectos a se aprender e ensinar, não são o suficiente. Existem formas de explorar-se o significado das palavras, como quando se recebe e processa o último pedaço de um texto, em que se pode considerar perguntas relevantes para que se possa, com isso, identificar a posição que o autor assume no discurso. Tome-se como exemplo perguntas que servem para identificar posições na cena esquemática ativada por *Write*:



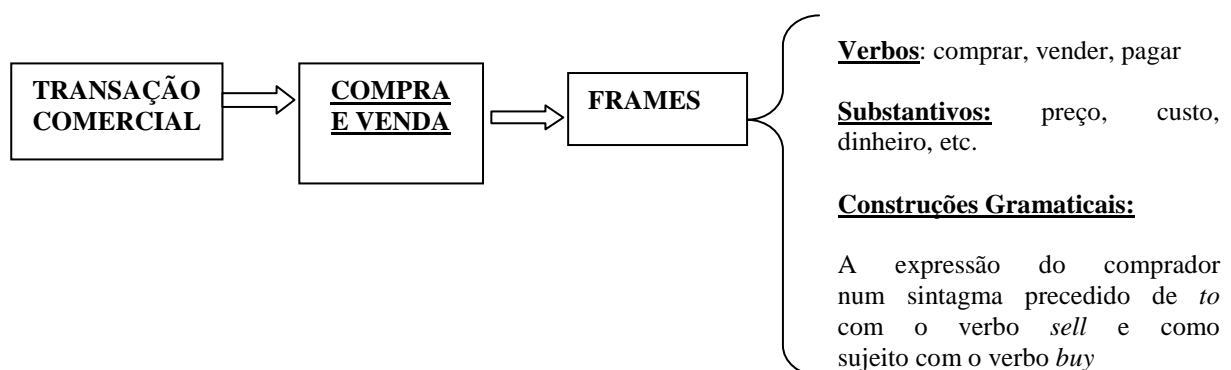
Muitas das questões acima citadas podem auxiliar o processo de interação entre o falante e o ouvinte, por envolverem aspectos particulares relativos aos indivíduos participantes do discurso e os possíveis elementos por eles utilizados, suas opções, escolhas e um pouco de suas posições no mundo. Por desempenhar-se papel ativo durante o processo de interação comunicativa, é-se capaz, como ouvinte, de deixar-se a informação conhecida implícita no discurso e, como leitor, de recuperar-se toda informação necessária para compreender-se o mesmo de maneira eficaz. Assim como o objeto utilizado por um indivíduo pode dizer muito a respeito do contexto discursivo, existem outros elementos que auxiliam na construção de um modelo de situação ou cena episódica. O conhecimento que os usuários têm de unidades lexicais individuais pode criar cenas diferentes para contextos lingüísticos diferentes. Outra informação relevante a ser levada em conta é a opção referente ao tempo e ao aspecto que vai contribuir de maneira específica a projetar detalhes para a cena que o intérprete constrói para si mesmo.

Ou seja, é possível afirmar-se que as frases podem, muitas vezes, mostrar como a cena implícita apresentada com a frase pode-se ajustar aos tipos de visões do mundo e crenças por parte do intérprete. Aspectos considerados relevantes para uma pessoa podem ser tidos como totalmente descartáveis para outra, tendo em vista seus valores, atitudes, normas, ideologias. Por isso, considera-se o discurso como sendo um local de uso estratégico do conhecimento, pois ele vai depender dos objetivos dos usuários da língua, da quantidade de conhecimento disponível, dados o texto e o contexto, do nível de processamento ou, ainda, do grau de coerência exigido para a compreensão. Assim, as representações irão geralmente diferir de um indivíduo para outro, já que nelas estão embutidas atitudes que envolvem aspectos sociais e políticos.

Dentro de uma perspectiva de estudo e análise que leva em conta as relações dadas durante o momento de interação no discurso, as informações retiradas do contexto enunciativo e os aspectos relacionados à perspectivização dos enunciados, optou-se, nesta pesquisa, por seguir-se as idéias propostas por três autores que muito contribuíram para uma semântica do discurso com horizontes bem mais abrangentes dos estudos até então propostos e um conseqüente estudo lingüístico de ordem efetiva e substancial. As idéias propostas por Fillmore, Lakoff e Van Dijk são, em muitos aspectos, complementares e podem ser inseridas facilmente numa proposta de estudo e análise lingüística e textual voltada para a cognição do ser humano, que, em hipótese alguma, especialmente em se tratando de aspectos discursivos e interpretativos, deve ser descartado.

### 1.2.1 Charles Fillmore: Topics in Lexical Semantics

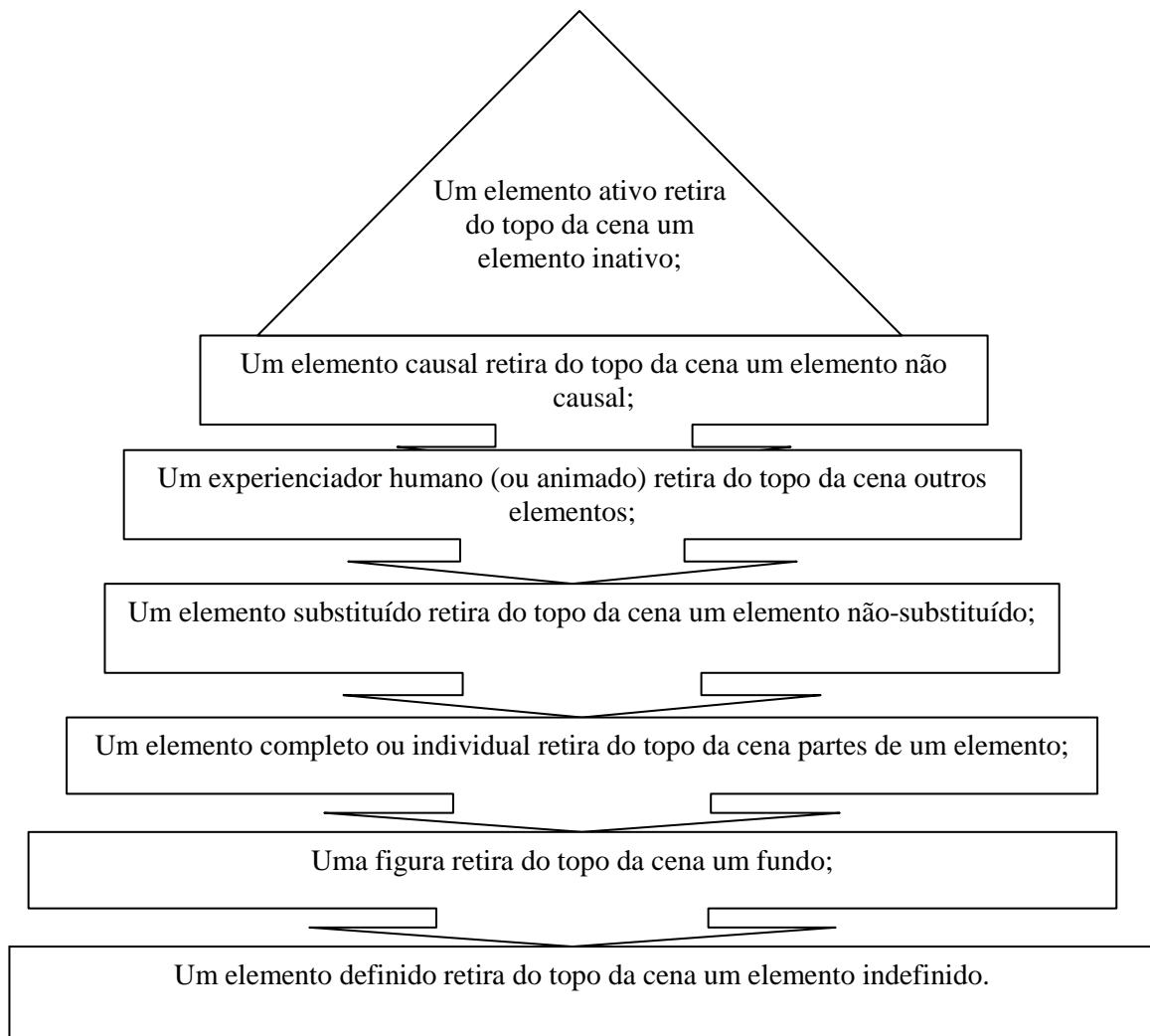
Segundo a proposta de Fillmore, o ser humano possui um aparato que lhe permite acessar conjuntos conceptuais internamente estruturados, ao invés de conceitos lexicais isolados. Essas estruturas de cognição são baseadas em crenças, ações, experiências ou imaginações e são denominadas *scenes* (cenas). As cenas são acessadas por meios lingüísticos de referência disponíveis na mente dos interlocutores, sendo os meios lingüísticos chamados frames, e as opções lexicais e sintáticas utilizadas irão refletir uma certa perspectiva dessa cena. Daí o slogan utilizado por Fillmore, que resume em poucas palavras sua proposta: “*meanings are relativized to scenes*” (p.84), ou seja, os significados relativizam-se a cenas. O exemplo clássico dado por Fillmore vem a ser cena da transação comercial:



A teoria de Fillmore muito tem a ver com a teoria do campo lexical, de cunho estruturalista, já que considera que a descrição semântica de expressões lexicais somente pode se relacionar com uma única cena ou cenário conceptual. Outro aspecto de extrema relevância está relacionado à noção de valência verbal, ou seja, os elementos que o verbo seleciona é que direcionam a análise quantitativa. Resumindo, poder-se-ia afirmar que o número de argumentos que o predicador exige, a análise semântica que especifica a qualidade dos elementos subcategorizados pelo verbo, atribuindo-lhes papéis temáticos, e, posteriormente, os casos que são associados às cenas são dados baseados na análise quantitativa. Portanto, os papéis temáticos, de cunho sintático, configuram a cena e são realizados na oração como sujeito ou objeto.

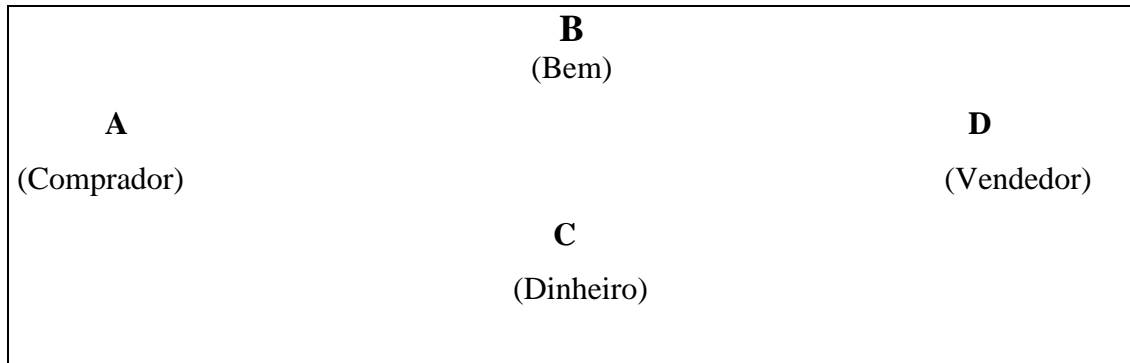
Para Fillmore, a sentença constitui-se de elementos gramaticais que são considerados/divididos em duas áreas: elementos nucleares e periféricos, sendo que sugere

um modelo denominado *hierarquia de saliências* para melhor explicar questões como: (1) a relação entre os elementos do núcleo e os elementos da periferia, (2) quais elementos podem ser inseridos no núcleo e (3) como são ranqueados?

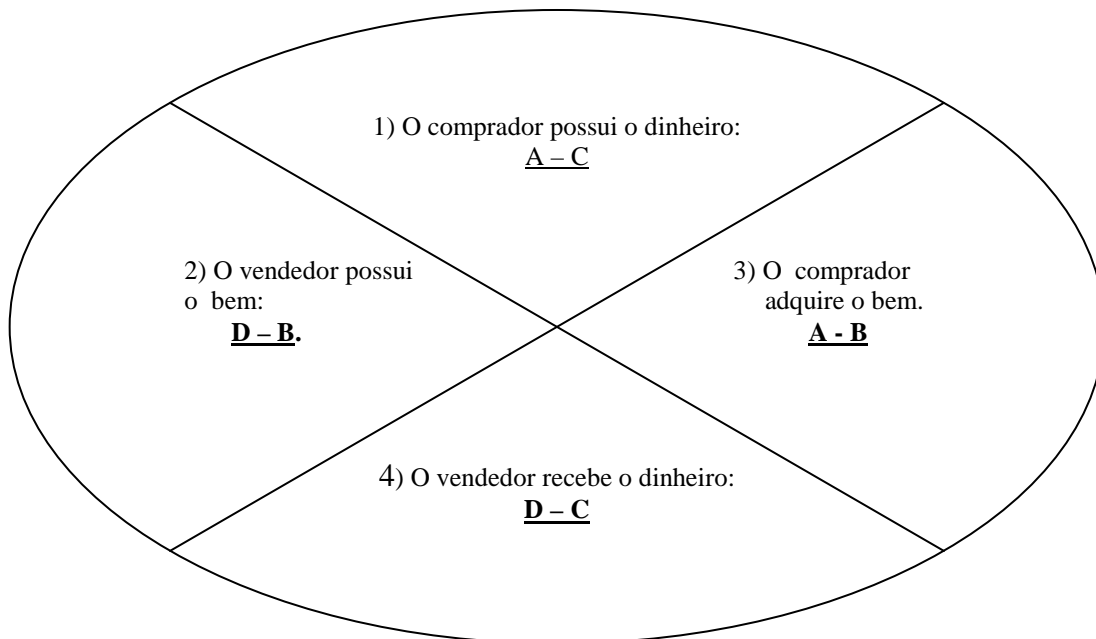


Segundo a hierarquia de saliências, o primeiro termo assume papel de sujeito na cena, e o segundo termo vai funcionar como objeto. O papel da hierarquia de saliências é determinar critérios para a perspectivização dos elementos na cena, de modo que um elemento ativo prevaleça sobre os demais, respeitando sempre a estrutura do esquema acima apresentado.

Retomando o exemplo do evento comercial, ter-se-á o comprador, o vendedor, o dinheiro e o bem como elementos de um evento comercial prototípico. Cabe, portanto, ao falante colocar esses elementos em *perspectiva* ou *foreground* de acordo com sua intenção no momento de proferir o discurso. O esquema prototípico ficará assim convencionalizado:



Donde podem ser tiradas as seguintes relações:



Das relações apresentadas, pode-se definir 1 e 2 como relações que configuram o estado inicial da transação, já as relações definidas em 3 e 4 dizem com a transação efetivada. Os esquemas acima apresentam a cena em sua amplitude, porém pode-se evidenciar alguns dos eventos que constituem a cena, perspectivizando os elementos que ela seleciona. Se se ficar atento aos verbos pagar ou gastar, estar-se-á perspectivizando o comprador e o dinheiro e, focalizando-se o verbo custar, ter-se-á o foco no bem e assim consecutivamente.

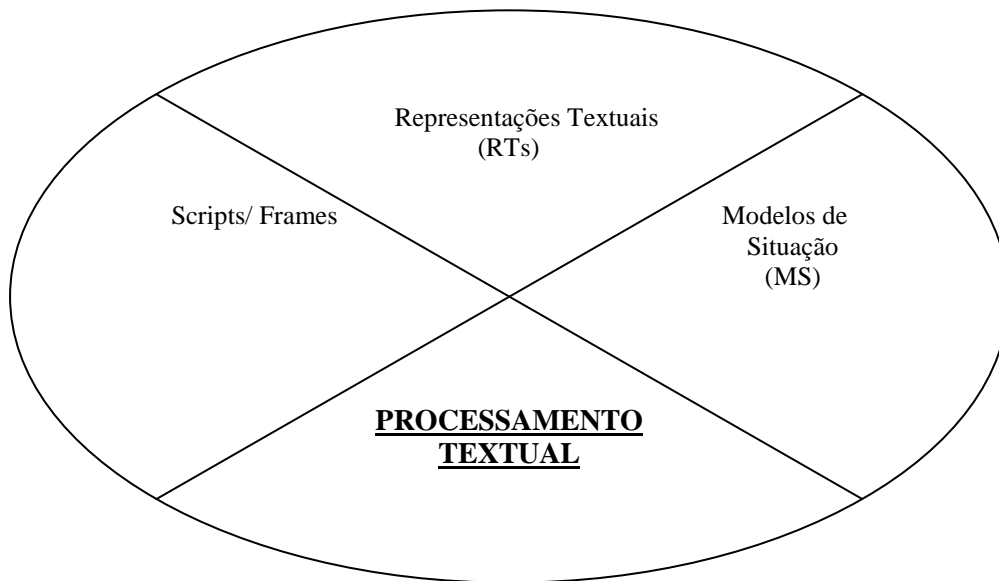
Geralmente, quando se tiver na oração um agente, ele será o sujeito da oração, bem como o SN inanimado será o objeto direto, sendo esses os elementos nucleares. Os demais elementos, denominados periféricos, permanecem no background da cena e são tidos como dispensáveis na proposição.

### 1.3 Van Dijk e Lakoff

Para resolver alguns dos problemas relacionados à compreensão e interpretação discursivas, a teoria cognitiva da linguagem e da compreensão (ou produção) do discurso introduziu a noção de “modelo” (mental) (Johnson-Laird, 1983; Van Dijk & Kintsch, 1983). A teoria proposta por esses autores afirma que, além da representação mental do texto, os usuários da língua constroem na mente um modelo de situação sobre o qual o discurso fala. Portanto, os discursos são considerados coerentes com relação ao modelo existente na memória, ou, ainda, pode-se afirmar que um indivíduo entendeu determinado discurso se ele é capaz de recuperar ou construir um modelo satisfatório de um discurso, sendo que, somente assim, pode-se dizer que para este usuário da língua o texto é coerente.

Os modelos são o produto do conhecimento pessoal, uma espécie de registro cognitivo episódico de experiências prévias. Isso fica particularmente claro quando, por exemplo, tenta-se entender uma determinada reportagem e lança-se mão de situações similares anteriores, processo esse que envolve a recuperação de modelos anteriores da mesma espécie. Constrói-se e atualiza-se o conhecimento recordando-se de fatos, isto é, modelos que foram construídos em ocasiões anteriores (em outras reportagens jornalísticas), comparando-os e relacionando-os com os fatos atuais.

Os autores consideram, ainda, o fato de que indivíduos que se encontram em um mesmo contexto sociocultural, com exceção de mal-entendidos e interpretação parcial, geralmente dividem os mesmos modelos de eventos com outros membros da sociedade. Assim, quando um processo se torna repetido com certa frequência, a tendência é que eles formem um modelo geral mais abstrato e descontextualizado de situações ou eventos estereotípicos ou prototípicos, tais como tomar café, ir trabalhar, dar aula, comer no restaurante, dar ou participar de uma festa, golpes militares, entre outros. A esse conhecimento que se encontra na memória semântica dá-se o nome de *frames* ou *scripts*.



No esquema acima, verificam-se os itens que influem e atuam no processo de compreensão do discurso. Destarte, não são somente as RT's e os scripts que influenciam o processamento textual, mas, também, os modelos. São os modelos que ajudam a entender como se adquire os scripts e como eles são aplicados de maneira efetiva na compreensão do discurso. Donde se conclui que as inferências que se faz ao ler um texto não estão contidas na representação textual, mas sim englobadas no modelo e baseadas em frames.

A interpretação real é um ato, um processo cognitivo dos usuários da língua. Não há compreensão sem modelos, em outras palavras, sem a formação de uma representação conceitual do discurso na memória. Contudo, essas representações não são baseadas em significados convencionalizados, como especificados no léxico da língua. Para formar essas representações, o usuário necessita lançar mão de seu conhecimento de mundo, tornando-se parte da representação conceitual.

Ao reproduzirem-se eventos sobre os quais se ouve ou lê, geralmente não se tem mais acesso às RT's originais. As RT's servem para criar o modelo, a partir daí as pessoas recordam o modelo e reproduzem informação derivada dele.

Resumindo as idéias propostas por Van Dijk e Lakoff relativas a modelo, pode-se afirmar que os modelos cognitivos são definidos em termos de esquemas recursivos, hierárquicos, de categorias de situação prototípicas, que dominam seqüências de proposições, as quais podem estar organizadas em macroposições. O caráter único e individual de cada modelo de situação é atribuído ao fato de que as proposições são de caráter avaliativo e podem apresentar avaliações e variações pessoais em seu conteúdo e estrutura.



Esta seção teve como propósito apenas introduzir a noção de modelo cognitivo dentro de uma análise lingüística focalizada no discurso. Reservaram-se seções específicas para a noção de Modelos Cognitivos Prototípicos dentro da Semântica Cognitiva, em que se irá tratar com maior detalhamento de questões suscitadas sobre a referida teoria. Lembra-se, ainda, que o referido trabalho traz essas noções, propostas por Fillmore e Van Dijk, como sendo subsidiárias à análise textual que aqui será apresentada.

### 1.3.1 Quadro Teórico da Semântica Cognitiva

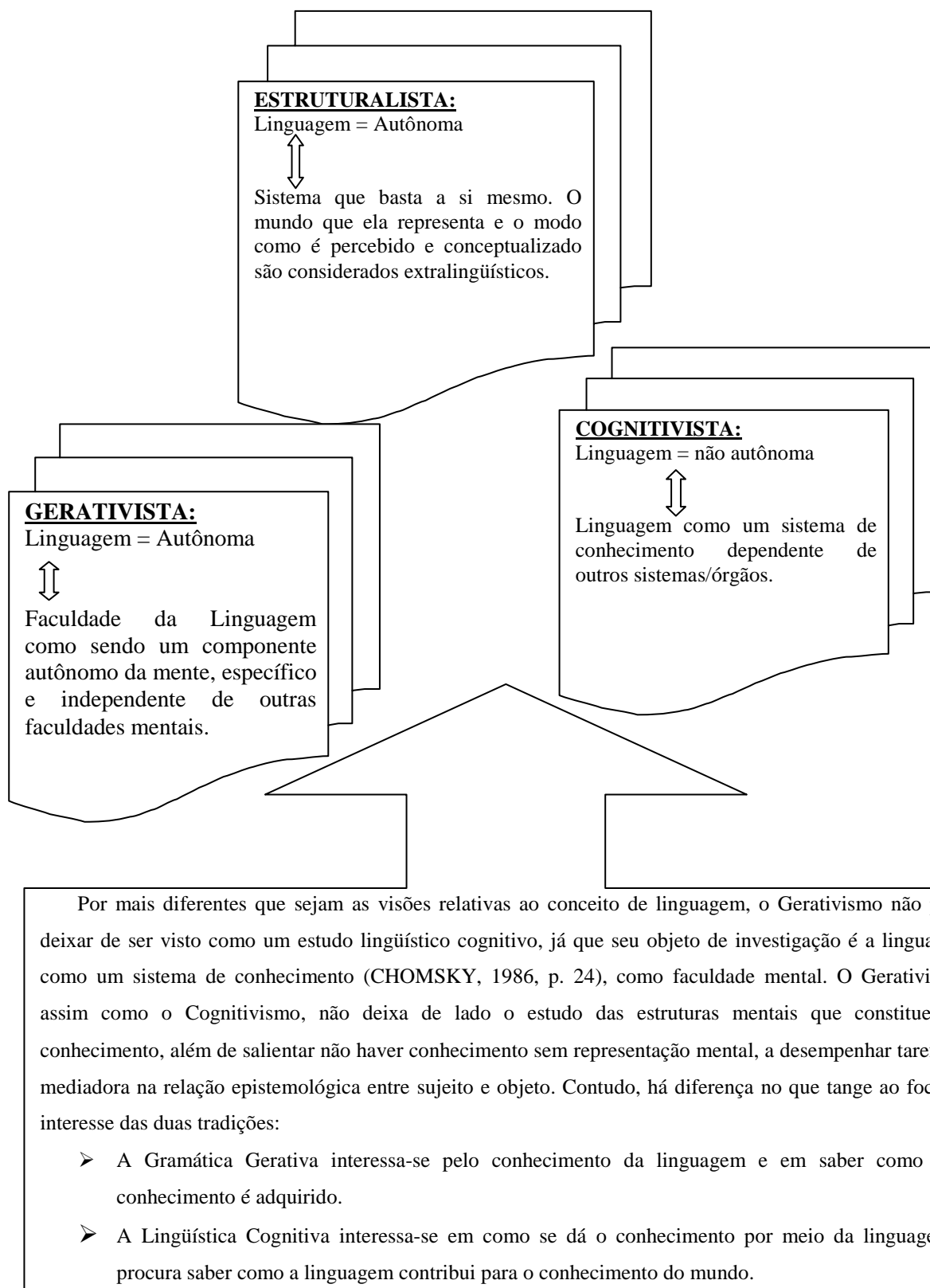
O termo *semântica cognitiva* é, por si só, um tanto quanto instigador e capaz de fazer-se refletir sobre a relevância das palavras e da significação a elas associada. O próprio nome dado a essa área de estudos e análises já suscita em estudiosos indagações, muito bem retratadas por Augusto Soares da Silva em sua obra “A semântica do Verbo deixar”, em que levanta a questão do significado do termo cognitivo, ou melhor, do *porquê de somente essa área utilizar o termo cognição? A ciência por si só não estaria automaticamente associada à cognição, tornando assim, o termo usado para definir a referida área redundante?* Questões que, para lingüistas e leitores, causam curiosidade e que serão abordadas nesta seção dedicada à Semântica Cognitiva.

O estudo da linguagem sob uma perspectiva cognitiva não é tão recente como afirmam alguns autores. Desde a antiguidade, existia tradição de estudos da linguagem relacionados com a percepção e o conhecimento, donde se destacam três marcos considerados principais e anteriores ao século XX: a hermeneia de Aristóteles, cujo foco era a interpretação do pensamento, a gramática especulativa medieval (dos modistas) e a gramática filosófica (*grammaire générale ou raisonnée*) dos séculos XVII e XVIII.

Posteriormente, mais especificamente na década de 80, instaurou-se a Lingüística Cognitiva, tendo como principais autores os lingüistas norte-americanos George Lakoff e Ronald Langacker. A Lingüística Cognitiva pode ser considerada hoje um paradigma, tendo obtido sua institucionalização em 1990, com enfoque em questões relativas à linguagem conhecimento/cognição. Mas, respondendo à questão colocada acima, utilizam-se aqui as palavras de Gibbs, para definir-se o que há de cognitivo na Lingüística Cognitiva:

A lingüística cognitiva é especialmente merecedora do termo cognitivo não somente por incorporar um grande número de informações de outras disciplinas cognitivas, mas porque ela (a) procura ativamente por correspondências entre pensamento conceptual, experiência corpórea e estrutura lingüística, e (b) porque ela procura descobrir o real conteúdo da cognição humana (GIBBS, 1996, p. 49).

Gibbs explicita a idéia principal da Lingüística Cognitiva, qual seja, estudo da linguagem com visão interdisciplinar, ou seja, a linguagem como faculdade/sistema não-autônomo, dependente de outros órgãos/sistemas. A Lingüística Cognitiva firmou-se e conquistou seu espaço, propondo alterações em muitos conceitos criados pelas tradições anteriores, como se percebe no esquema abaixo.

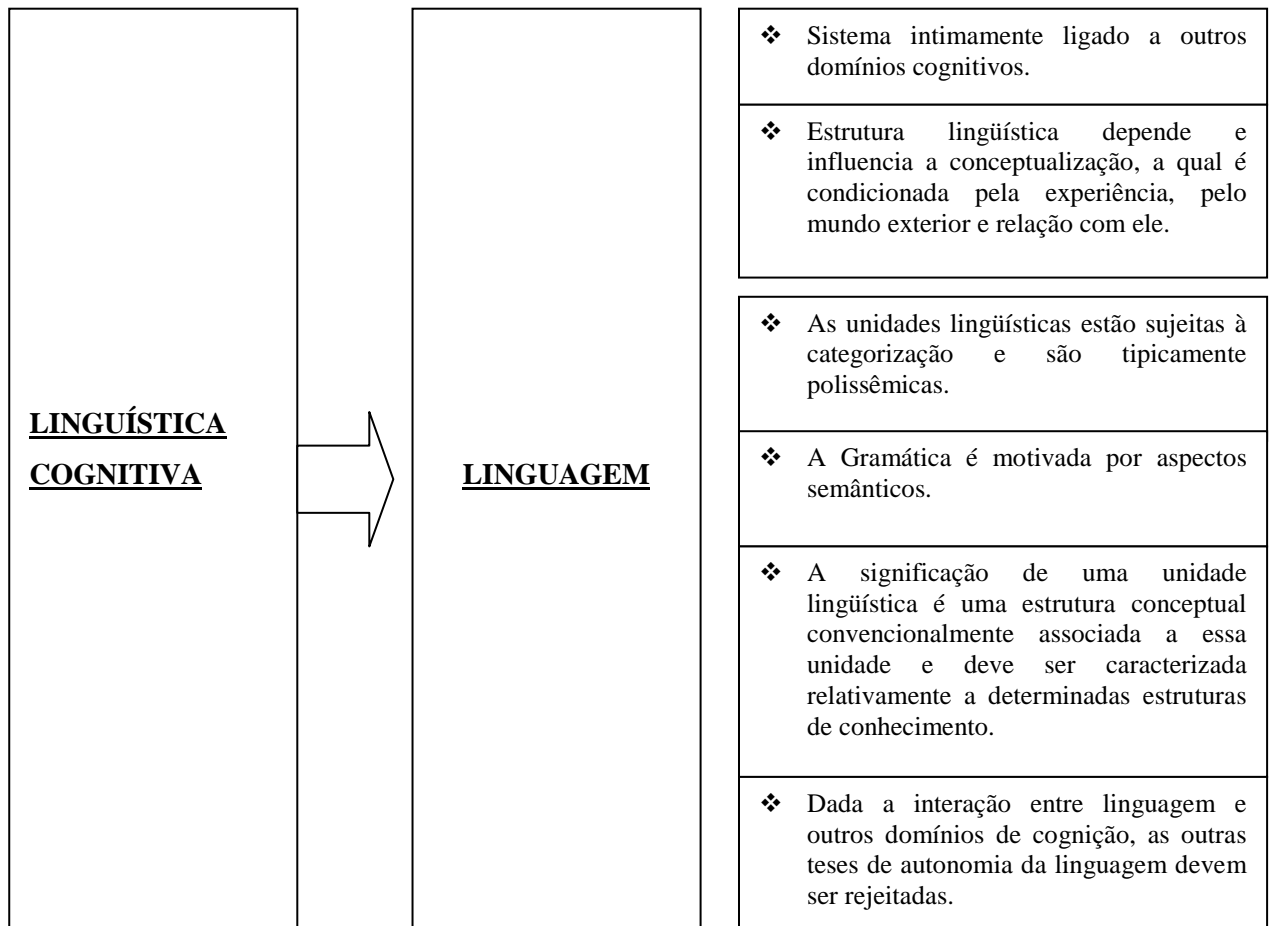


Desse modo, concluiu-se ser pela negação da tese de autonomia da linguagem, defendida pelos paradigmas anteriores, e pela perspectivização do estudo da linguagem como meio de conhecimento ligado à experiência de mundo que a Lingüística Cognitiva se instaura

num quadro interdisciplinar, passando a firmar-se como ciência e apresentar-se como um novo paradigma. Percebem-se tais aspectos instaurados pelo novo paradigma cognitivista pelas palavras de Geeraerts, na Revista *Cognitive Linguistics*:

As estruturas formais da língua são estudadas não como se fossem autônomas, mas como reflexos de organizações conceptuais gerais, princípios de organização, mecanismos de processamento, e influências experienciais e ambientais. Como a língua não pode ser isolada de outras faculdades do homem, a lingüística cognitiva tem uma abertura interdisciplinar para as outras ciências cognitivas (GEERAERTS, 1990A, p.1).

Para a Lingüística Cognitiva, a concepção de linguagem poderia ser assim resumida:



A Semântica Cognitiva toma como ponto de partida o fato de que a significação é fruto, ou, ainda, parte própria da cognição humana, derivando daí a afirmação de estar ela

vinculada a outras capacidades cognoscitivas gerais (conceptualização, categorização, percepção, atenção e memória).

Em vista disso, o estudo da significação não pode ser desassociado de fatores como meio cultural e experiência do falante. Justamente por estar em contato com outros sistemas, o significado será descrito e associado de maneira muito interligada ao contexto em que o indivíduo estiver inserido. Os significados somente poderão ser descritos adequadamente se considerada esta experiência, de caráter individual, social, cultural e histórica e, igualmente, no contexto de determinadas estruturas de conhecimento, as quais, designadas no contexto, são retratadas por autores com as seguintes denominações: (a) “domínios cognitivos” (LANGACKER, 1987), “modelos cognitivos idealizados” (LAKOFF, 1987), “scenes and frames” (FILLMORE, 1985), “espaços mentais” (FAUCONNIER, 1985, 1997), “modelos mentais” (JOHNSON-LAIRD, 1983), “modelos culturais” (HOLLAND e QUINN eds., 1987, D’ANDRADE, 1989), ou, ainda, por expressões (“scripts”, “schemata”), isto é, no contexto de qualquer configuração de conhecimento, simples ou complexa, individualmente idealizado (modelo cognitivo) e interindividualmente partilhado pelos mesmos membros de um grupo social (modelo cultural).

Segundo Lakoff:

O pensamento está dentro do corpo, isto é, as estruturas usadas para juntar nosso sistema conceptual surgem de nossa experiência corpórea e fazem sentido somente nesses termos, além disso, o corpo de nosso sistema conceptual está diretamente fundamentado na percepção, no movimento do corpo, e experiências de caráter físico e social (1987, p. 14).

Em outras palavras, pode-se dizer que, para a Semântica Cognitiva, a significação é um fenômeno lingüístico primário e de natureza enciclopédica, já que se dá mediante interação com o mundo exterior e o conhecimento adquirido por intermédio dele. Por isso, não há necessidade nem lugar para distinção entre conhecimento semântico e enciclopédico.

Em termos de estrutura e organização, a Semântica Cognitiva ocupa lugar de destaque dentro da Semântica Lexical, tomando duas formas:

**1. A teoria dos protótipos sobre a estrutura das categorias lexicais** = O modelo de análise sugere que as categorias lexicais apresentam uma estrutura prototípica, isto é, vários membros e propriedades de uma categoria possuem graus de saliência (sendo uns nucleares e outros

periféricos). Tais membros agrupam-se por familiaridade ou similaridade parciais, sendo os limites entre si e entre diferentes categorias geralmente imprecisos. Essa teoria teve como origem os estudos psicolinguísticos de Eleanor Rosch, cujo trabalho foi desenvolvido em duas direções e beneficiou duas áreas: no âmbito da Psicologia, tendo como objetivo a elaboração de modelos formais da memória conceptual humana e de interesse, também, para a inteligência artificial e, no campo da Linguística, em particular Semântica Lexical sob a designação de Semântica do Protótipo. Como resultado da existência dessa estrutura prototípica, citam-se a grande flexibilidade das categorias lexicais e da linguagem em geral, o fenômeno da polissemia e a eficiência cognoscitiva, já que permitem sempre a interpretação de novas experiências pelo conhecimento prévio. Daí a posição filosófica e epistemológica da Semântica Cognitiva ser o paradigmatismo, que assinala a “expectational nature” das categorias linguísticas, que estão refletidas na sua estrutura prototípica (acentuando o fato de que a interpretação e a aquisição de novas experiências são feitas à luz de conhecimento de conceitos e categorias já existentes, por sua vez denominadas paradigmas ou protótipos), e reabilita a função das entidades individuais no interior de uma estrutura.

**2. O estudo do papel epistemológico dos modelos cognitivos baseados na experiência humana e na cultura** = motivado pelo interesse renovado pela metáfora generalizada. A posição epistemológica e filosófica da Semântica Cognitiva é definida por muitos autores como sendo o não-objectivismo ou experiencialismo. Entretanto, como visto no quadro acima, o paradigmatismo também fundamenta esses aspectos. O experiencialismo, por sua vez, é o que fundamenta a significação e toda a linguagem pela experiência humana, corporal, individual e coletiva, além de reabilitar o papel epistemológico do sujeito.

É possível a conclusão no sentido de ser pela integração dessas duas posições, que são efetivamente complementares, mais precisamente pela integração de fatores objetivos (conceptualizações existentes previamente influenciam a interpretação de novas experiências) e subjetivos (a experiência individual determina o conhecimento), que a Semântica Cognitiva se torna capaz de transcender a dicotomia pós-cartesiana empiricismo/racionalismo. Outro aspecto de fundamental importância é o fato de a Semântica Cognitiva possuir orientação hermenêutica (interpretativa) do estudo semântico. Esse fator caracteriza a tensão que se dá entre a Semântica Lexical e a orientação cognitiva, por um lado obtendo o desejo da formalização (nas linhas de formalização em psicolinguística e em inteligência artificial) e por outro, a orientação hermenêutica da Semântica Cognitiva, que a faz desconfiar de tal formalização como marca de objetividade científica.

O quadro abaixo apresenta alguns autores representativos da Semântica Cognitiva no âmbito lexical, os quais se inserem perfeitamente nos propósitos desta pesquisa:

<p><b>1 Lakoff:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Modelos Cognitivos Idealizados (ICM)</b>, modelos com os quais se organiza o pensamento e o conhecimento e dos quais dependem as estruturas das categorias, especialmente os efeitos de prototipicidade. Segundo Lakoff, existem quatro modelos cognitivos idealizados, que se distinguem por utilizarem diferentes princípios de estruturação: proposicionais (frames de Fillmore), de esquemas imagéticos, metafóricos e metonímicos.</li> <li>➤ <b>Categorização</b>, Efeitos de Prototipicidade e tipos de protótipos.</li> <li>➤ <b>Metáfora e Metonímia generalizadas</b> (convencionalizadas) e em particular as metáforas conceituais.</li> <li>➤ <b>Esquemas Imagéticos (Image Schemas)</b> e suas transformações.</li> <li>➤ <b>Polissemia e estrutura radial das categorias</b> constituídas por extensões motivadas a partir de um centro prototípico.</li> </ul>
<p><b>2 Fillmore:</b></p> <p>Teoria semântica designada “<b>scenes and frames semantics</b>”. Fillmore parte da hipótese de que o aparato conceptual humano é constituído não por conceitos isolados, mas por conjuntos conceptuais internamente estruturados. Tais estruturas de conhecimentos que compreendem crenças, ações, experiências ou imaginações são denominadas <i>scenes</i> (cenas, cenários). <i>Frames</i> são os meios lingüísticos disponíveis de referência a aspectos da scene; e cada opção lexical e sintática reflete uma certa perspectiva dessa cena. Para Fillmore, a descrição semântica das expressões lexicais somente se pode fazer relativamente a uma única cena ou cenário conceptual. Outra contribuição vem a ser a <b>classificação de tipos de protótipos</b> proposta por Fillmore (1982b) e, ainda, já como teoria gramatical, a <b>gramática de construção</b> (FILLMORE, 1988, FILLMORE, KAY&amp; O’Connor, 1988; GOLDBERG, 1995).</p>
<p><b>3 Langacker</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Autor da <b>Gramática Cognitiva</b>.</li> <li>➤ <b>Domínios Cognitivos Básicos e Complexos</b>, relativamente aos quais se pode descrever a significação dos itens lexicais.</li> <li>➤ “<b>Network Model</b>” - apresenta um modelo que dá conta das significações esquemáticas e prototípicas, relações de categorização, graus de saliência e da naturalidade da polissemia dos itens lexicais.</li> <li>➤ <b>Imagens (Imagery) Convencionais</b> – relativo à capacidade mental de construir uma</li> </ul>

determinada situação de diferentes maneiras.

- **Domínio Cognitivo** – expressão que se refere a qualquer área do conhecimento que serve de base à significação de uma expressão lingüística (lexical ou gramatical) e relativamente a qual esta pode ser caracterizada. Domínios, tais como o espaço, o tempo, a cor, são cognitivamente irreduzíveis e, por isso, básicos, sendo, contudo, muitos outros complexos. Se algumas expressões podem ser caracterizadas relativamente a um domínio básico, a maior parte envolve uma “matriz de domínios”.

#### Geeraerts:

Autor cujos trabalhos teóricos e descritivos tiveram grande influência no âmbito da Semântica Lexical e da Lexicologia, dentre eles:

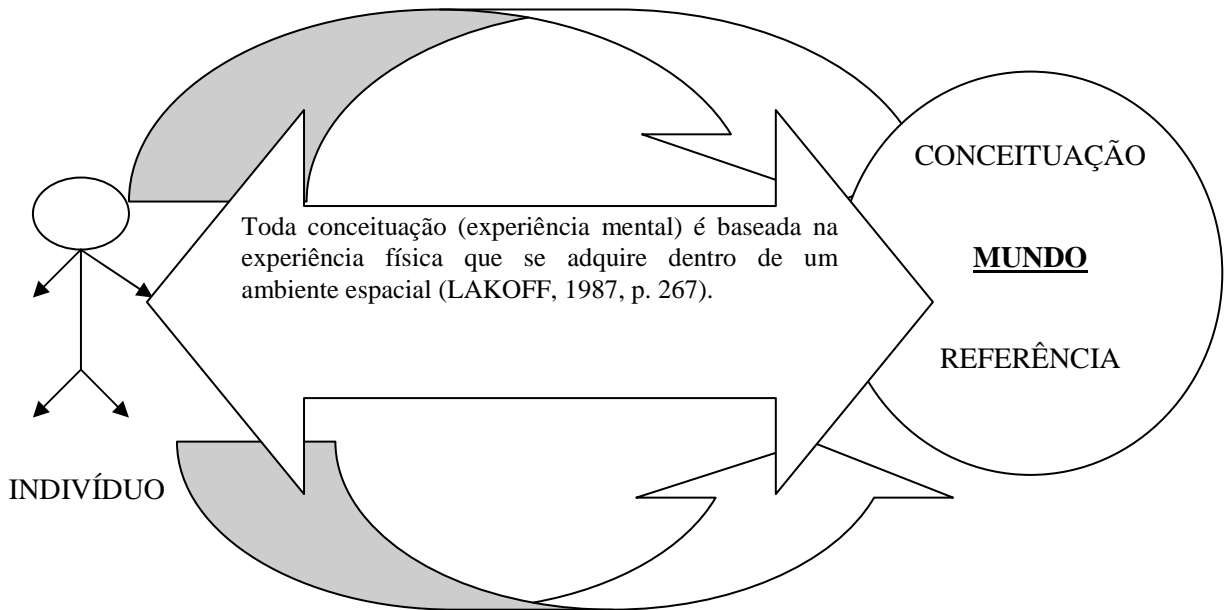
- Análise e interpretação de diferentes características ou efeitos de prototipicidade e a idéia de que a própria noção de protótipo é prototípica.
- Discussão de diferentes critérios que têm sido propostos para a distinção entre polissemia e vaguidade e a conclusão de ser instável a distinção.
- Amplo estudo da mudança semântica e a fecunda aplicação da teoria do protótipo à Semântica Diacrônica.
- Estudo da variação lexical nas suas diferentes formas e estrutura e, em particular, a análise dos fatores que determinam a escolha entre alternativas lexicais para nomear determinado objeto.
- Modelo prismático de descrição semântica de idiomatismos e compostos.
- Estudo da metáfora generalizada e análise da preposição do neerlandês “over”.
- Enfim, a abordagem cognitiva das várias dimensões da significação lexical.

Em resumo, conclui-se representar a Semântica Cognitiva regresso parcial às posições da Semântica Histórica-Filológica, já que ambas partilham de concepção psicológica e enciclopédica das significações, concebem os conceitos lexicais como complexos polissêmicos flexíveis, cujas associações e mecanismos de mudança importam estudar, e adotam, metodologicamente, orientação hermenêutica. Em verdade, trata-se a Semântica Cognitiva de regresso e, de igual modo, adição, isso porque: (a) interessa-se pela estrutura externa das palavras, isto é, pelo fato de elas fazerem parte de estruturas onomasiológicas, tais como os campos lexicais, e (b) procura estudar não apenas os aspectos qualitativos da estrutura interna das palavras, ou seja, a relação (metafórica e metonímica) entre os significados, mas, também, os aspectos quantitativos dessa mesma estrutura, quais sejam, as diferenças de saliência e outros efeitos de prototipicidade.

### 1.3.2 Modelo Prototípico



Como exposto na seção anterior, o modelo proposto pela Semântica Cognitiva apresenta forma de compreensão e interpretação com base nas restrições contextuais impostas pelo idioma. Dessa forma, sempre que uma língua é interpretada sob perspectiva humana, torna-se impossível a não compreensão do que se refere uma determinada expressão lingüística.



Pela vivência e contato com o mundo, depara-se com entidades de caráter espacialmente significativo, cujas extensões são específicas de acordo com critérios de dimensionalidade, com limites internos e externos, que possuem forma, orientação e mobilidade. Essas propriedades espaciais servirão para limitar as relações entre as entidades, sendo que, por isso, todo entendimento, comunicação e experiência são previamente delimitados por esses conceitos espaciais. Os conceitos espaciais, por sua vez, servirão de base para a formação de estruturas esquemáticas, que facilitarão e tornarão possível comunicação e entendimento mais eficazes.

Lakoff dá o nome de *experiência pré-conceitual* ao fato de que toda conceitualização é baseada em uma experiência física. E, segundo ele, essa experiência é codificada em esquematizações de imagens (image schemata), funcionando, posteriormente, como modelo cognitivo e servindo de base para construções de ordem mentais mais elevadas, isto é, construções relativas a enunciados que lidam com situações mais abstratas e complexas.

Concluiu-se, assim, que a formação de significados é de natureza cognitiva e social, ou seja, ela é feita mediante processamento que envolve a formação de estruturas de natureza gestáltica diretamente significativas, resultante da experiência física. Essas estruturas formadas durante o processo de conceituação são classificadas em dois tipos:

**1. Estruturas de Nível Básico** = são as estruturas formadas em nível psicologicamente mais básico e, geralmente, representam objetos, ações, propriedades, etc. (Fruta, andar, vermelho, comer...)

**2. Imagens Esquemáticas Cinestésicas** = são estruturas que têm como base a experiência física recorrente e que se esquematizam como representações mentais. As imagens esquemáticas cinestésicas atuam na formação de categorias pertencentes aos domínios físico e não-físico. As estruturas formadas no domínio físico são estruturadas pela percepção.

CORPO-----CONTAINER

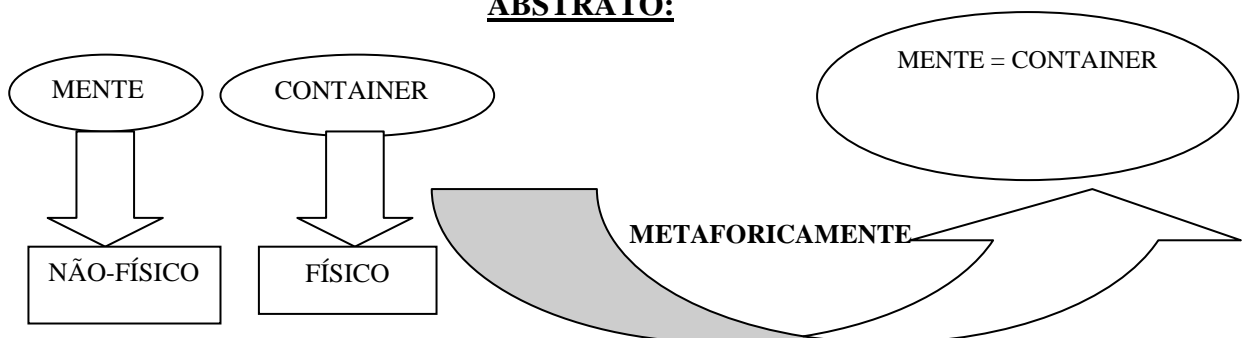
(Básica)

(Com um interior, exterior e uma fronteira)

As estruturas do domínio não-físico requerem a intervenção de mecanismos imaginativos da razão, como a metáfora e a metonímia, que vão servir para projetar as estruturas para um domínio abstrato, a fim de que o conceito possa ser estruturado e melhor compreendido.

### ESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO

#### ABSTRATO:

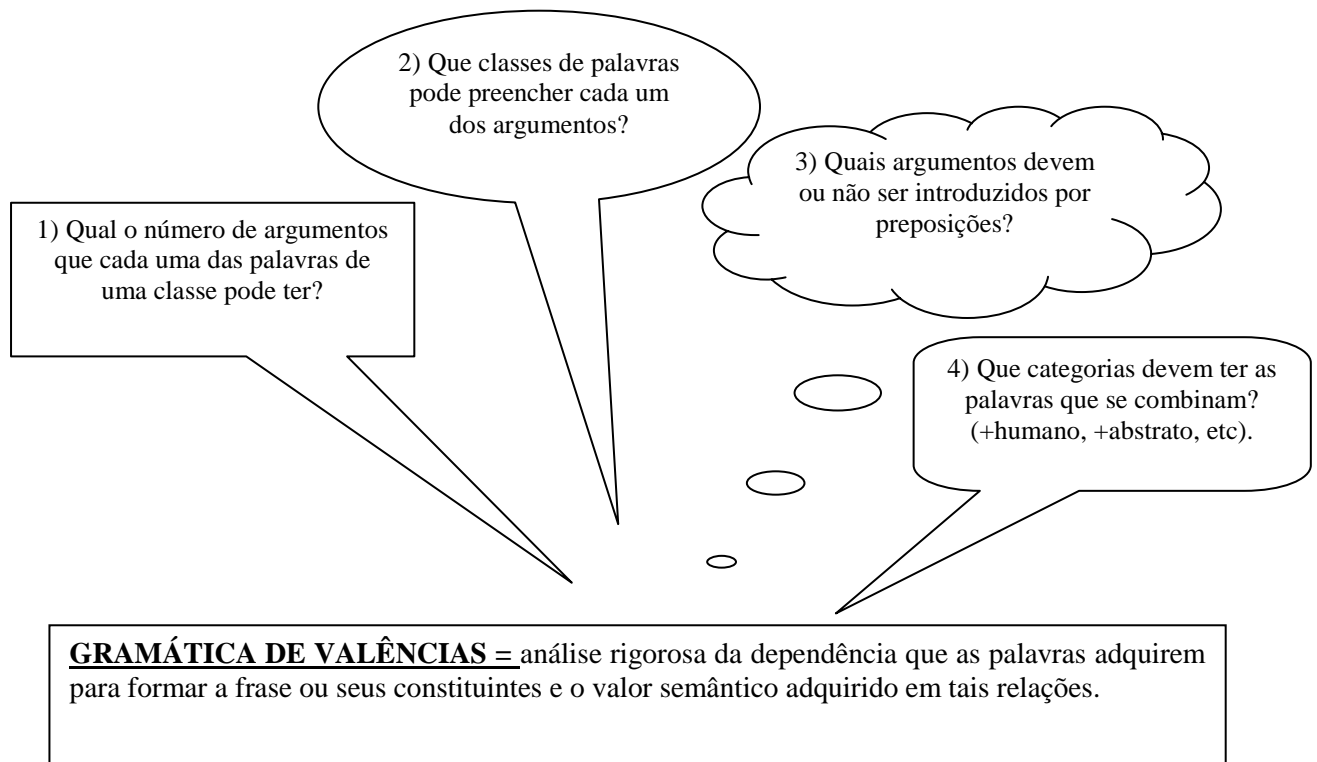


#### **1.4 Bases para uma Gramática de Valências: Francisco S. Borba**

Uma das motivações dessa pesquisa foi a capacidade de muitos itens dentro do léxico das línguas terem seus sentidos modificados, dependendo do contexto em que inseridos. Esse foi um dos fatores que instigou, por muito tempo, estudiosos e pesquisadores, preocupados

com a dependência semântica e a capacidade de seleção apresentada por alguns elementos lexicais. Por contar-se com um léxico no qual grande parte das unidades é de caráter semanticamente incompleto, surgiu a necessidade de análise/investigação acerca da capacidade de seleção dos itens lexicais, para tornarem-se semanticamente completos.

Especialmente em se tratando de verbos, essa questão é de caráter crucial, já que são eles, em grande parte, dependentes de outras categorias e podem ter seu sentido completamente por elas modificado. O termo usado para referir-se aos itens que proporcionam completude semântica é argumento, e este passou a ser objeto de investigação e despertou, ainda mais, a relevância a ser atribuída às relações de caráter sintático/semântico. As questões que instigavam estudiosos podem ser melhor visualizadas no esquema abaixo:

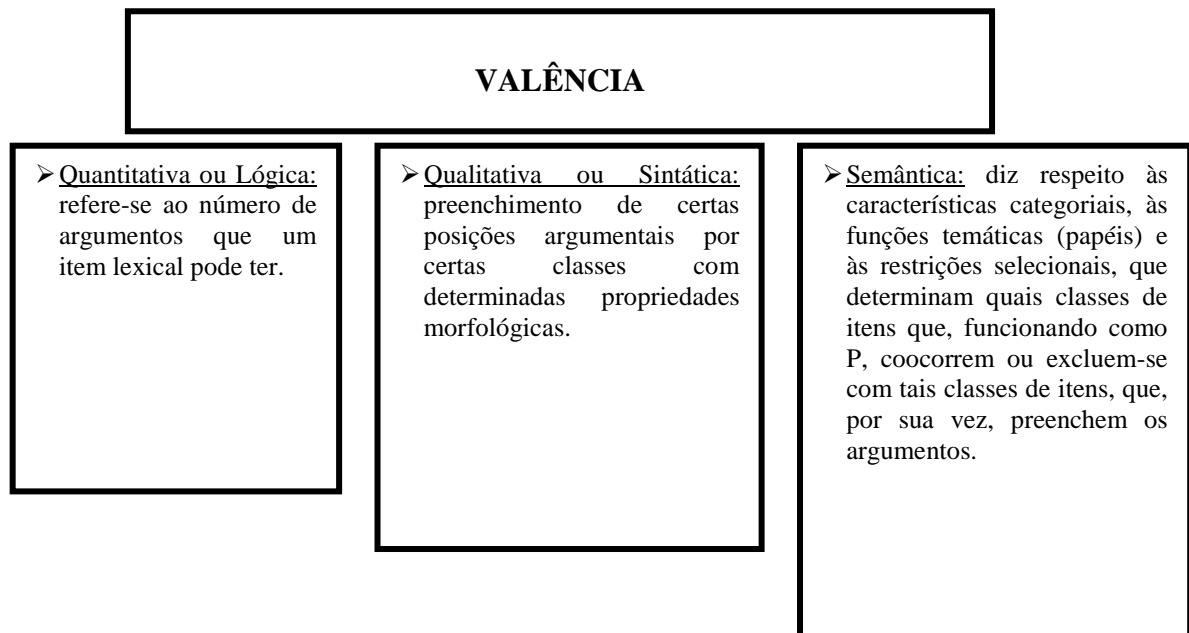


O estudo instaurado por Borba afirma existir conhecimento implícito da língua por parte dos falantes, isto é, uma gramática interna, que vem a ser um dicionário das formas da língua e um sistema de princípios e regras que atuam sobre essas formas. Por conseguinte, cabe à teoria gramatical o papel da construção de modelos que representem esse conhecimento, que seja capaz de explicar as intuições dos indivíduos sobre forma e

significação de expressões lingüísticas e, principalmente, se estas podem ou não ser admitidas.

Em sua obra Gramática de Valências, Borba constrói um modelo de representação, com o objetivo de descrever as estruturas das frases e de seus constituintes (SN e SA), e torna-se precursor de uma gramática que consegue identificar e inventariar as estruturas das frases e dos sintagmas possíveis na Língua Portuguesa. A opção pelo modelo proposto por Borba está em:

1. Sua escolha de unir o seu modelo ao modelo proposto pela gramática de casos e tomar o termo valência em três níveis.



2. Supondo que a linguagem conte com duas funções centrais, a função cognitiva e de interação social, o modelo proposto pelo referido autor irá privilegiar a primeira. Isso se deve ao fato dele optar por uma descrição de fatos lingüísticos considerados em si mesmo. O autor acredita que a lingüística é uma ciência factual, com um objeto material e cujo critério de verdade vem a ser a verificação, capaz, ainda, de explicar fatos e formular predições sobre eles. O papel da teoria sintática é fornecer um modelo descritivo, cujas regras servirão de base para predições, as quais serão testadas pelas reações dos falantes, ou seja, é preciso verificar se o falante nativo aceita ou não as sentenças construídas a partir de tais regras.

3. O modelo descritivo apresentado pretende ser aplicado tanto a fatos realizados, com, igualmente, a fatos realizáveis. Em outras palavras, o modelo leva em conta as intenções lingüísticas do falante nativo.

4. O autor admite o fato de que qualquer teoria gramatical deve estar de acordo com as relações expressão/conteúdo ou som/sentido. Por isso, Borba une as propostas sintáticas de Harris e Tesnière aos pontos de vista da gramática de casos de Fillmore, referida anteriormente neste trabalho. A unificação fica por conta da adoção de uma teoria de predicados (argumentativa), que conta com as seguintes premissas:

- Na estrutura semântica das línguas naturais, apenas há duas classes de unidade - predicado e argumento.
- Na superfície, elas são representadas por expressões predicativas e por expressões argumentativas.
- As combinações de predicado e argumento formam estruturas P-A simples e complexas, de representação superficial por expressões de formas diferentes, o que quer dizer que uma mesma estrutura P-A pode ser representada na superfície por um conjunto de estruturas formais (mórficas).

As noções citadas acima fizeram do modelo proposto por Borba o modelo ideal ao tipo de análise que se pretende realizar neste trabalho. Porém, devem ser ressaltados alguns conceitos comumente concorrentes e que, para fins de análise, devem estar mais claramente especificados, dentre eles: Enunciado, Frase, Oração.

**Enunciado** = forma de comunicação já completada pelo contexto/situação e que constitui a seqüência de uso real. Um enunciado caracteriza-se por ser:

1. Fonema.
2. Morfema.
3. Oração.
4. Discurso



**Oração ou Frase** = possui os mesmos traços do enunciado, mas dele se diferencia por ser uma forma independente mínima, ou seja, a diferença entre enunciado e oração baseia-se no nível de independência estrutural.

Na prática, Borba utiliza os critérios de posição absoluta e dependente para determinar se é oração ou enunciado.

- Um determinado elemento está em posição absoluta se sua forma não se inclui em outra maior, por algum expediente gramatical.

Ex: Sou teimoso.

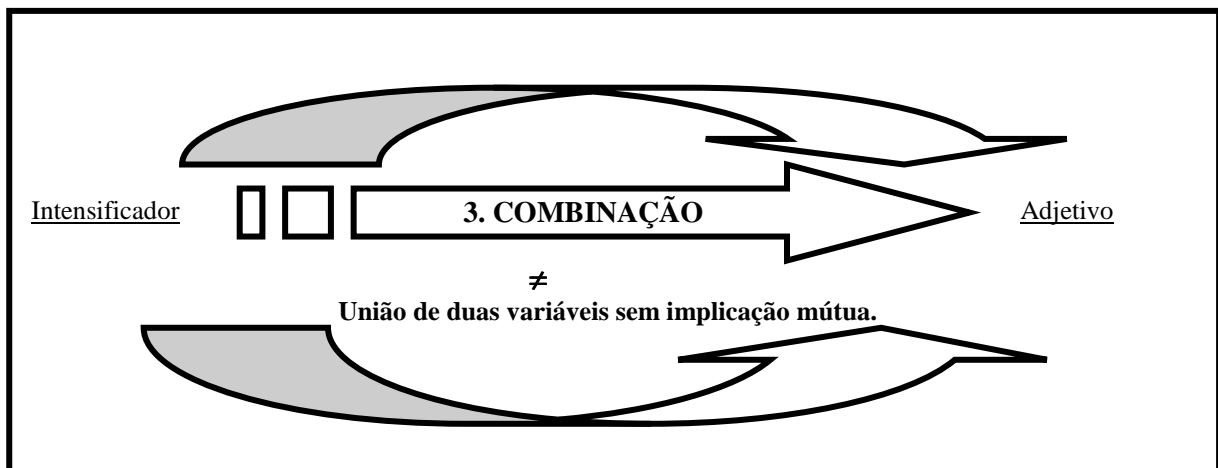
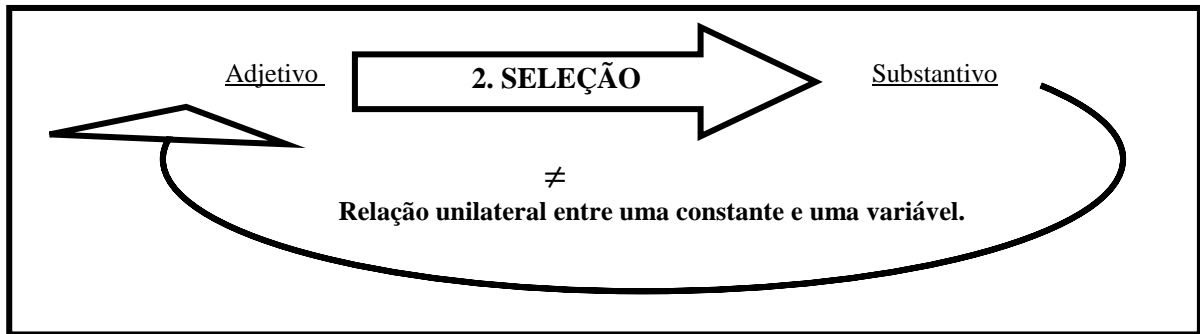
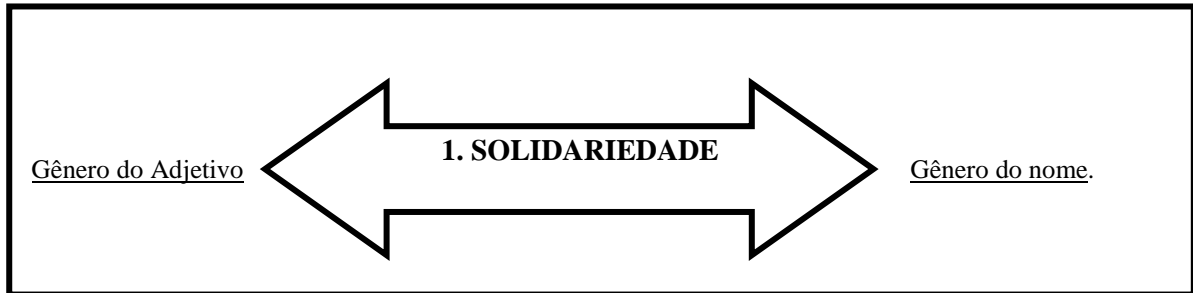
**E** (enunciado)/**O** (posição absoluta)

- Um determinado elemento está em posição dependente se a forma se inclui em outra maior, para adquirir valor comunicativo.

Ex: Reconheço *que sou teimoso*.

**En / o** (posição dependente)

O autor atribui ao termo função uma noção estritamente ligada à estrutura, ou seja, a função não necessariamente estará relacionada à natureza de um elemento: dois elementos de natureza diferentes podem perfeitamente ter a mesma função dentro de determinada estrutura, ou, ainda, um mesmo elemento pode ter funções diferentes em uma estrutura. Dentro dessa proposta, existem três possíveis funções sintáticas, as quais estão esquematizadas nos quadros abaixo:

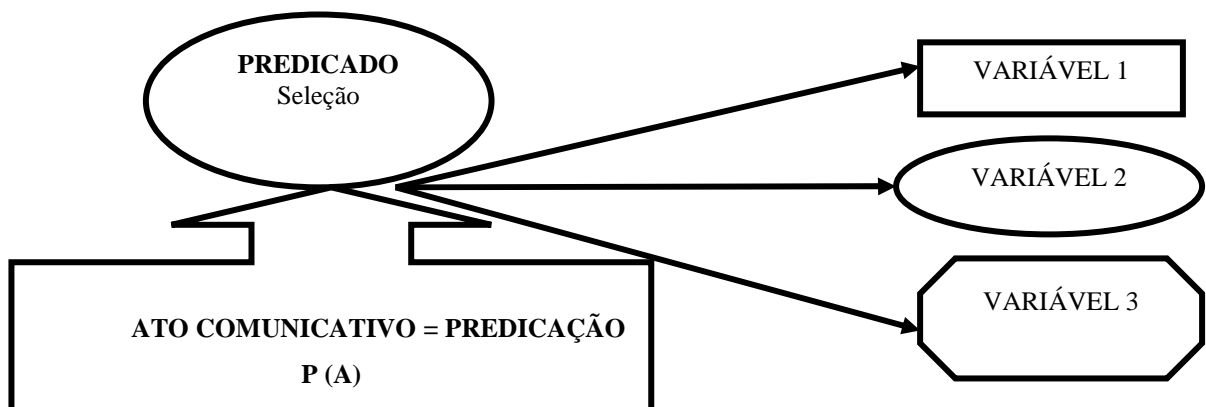


Dadas as possíveis funções estabelecidas entre os elementos na oração, parte-se para os seus elementos constituintes, sujeito, predicado e objeto. Todos são constituintes cujas significações de relação são estabelecidas e definidas em termos de relação ou correspondência entre forma e conteúdo, diferentemente da morfologia, na qual a correspondência é tida termo a termo.



Dentre os três constituintes básicos da oração, percebe-se, pelo esquema, que o predicado tem papel de destaque, isto é, o seu conteúdo vai ser o objetivo central do falante, e, geralmente, trata de descrever a propriedade de um objeto ou a relação existente entre dois ou mais objetos. O sujeito, por sua vez, ocupa, normalmente, posição anterior ao verbo e serve de localização ou suporte do predicado. Numa estrutura do tipo SN+SV, é o argumento exterior à projeção máxima definida pelo predicado e é o elemento que controla os fenômenos de correferência, mudança de referência e concordância. E, finalmente, o complemento tem como papel completar semanticamente a oração. O complemento está localizado na parte interna do SV, ou seja, é o elemento realizado no interior da projeção máxima definida pelo predicado (SV=V+C).

Outro aspecto relevante na fundamentação de tal teoria é o fato de que a atividade verbal tem seus objetivos centrados num núcleo comunicativo e, se esse núcleo comunicativo é o predicado, então falar é predicar. Daí a atribuição central dada ao predicado, já que ele é o centro organizacional da oração. Portanto, uma análise irá sempre partir do predicado: dado um enunciado/seqüência, procurar-se-á, primeiro, definir a unidade ou classe que preenche as funções de predicado e, a partir daí, haverá condições de identificar-se o número de casas vazias (argumentos) que admite a unidade na função de predicado. E, pelas idéias explicitadas até o momento, chega-se à conclusão de que a função do predicado é seleção, ou seja, o predicado mantém função unilateral com itens/elementos variáveis (que dependem dele para ocupar ou não determinado lugar na oração).





Apesar da análise aqui apresentada não tomar elementos semânticos como critério, existirá um ponto de interseção entre as áreas sintaxe/semântica. A análise sintática parte da referência, a qual, por seu turno, é objeto de estudo da semântica. Devido à centralidade do predicado e ao tipo de relação que o mesmo mantém com seus argumentos, tomou-se a oração como ponto de partida da análise.

A hierarquia atribuída aos argumentos é realizada ou traçada no esquema profundo com a união do predicado e argumento e os índices atribuídos pela projeção do predicado sobre o argumento.

<b>VER</b>	{	Argumento 1= experimentador
		Argumento 2= objetivo
		<b>Ana viu o avião.</b>
		Exp.          Obj.

Daí o fato das relações entre predicado e argumento serem de ordem sintática (elemento, classe)/semântica (traço) e trazerem à tona a idéia da gramática de casos, isto é, a gramática de casos expressa e explícita as possíveis relações existentes entre predicado e argumento.

Borba, em sua obra, procura, justamente, demonstrar, de maneira até então inédita, as relações ocorridas no léxico de ordem sintático-semânticas: descrever o léxico por meio de regras e combinações que não levam em conta/dispensam o uso de regras de estrutura frasal. Para ele, a língua vem a ser um sistema de conjuntos arbitrários, sobre os quais atuam operações capazes de assim fazer sobre outros conjuntos, e os sentidos só podem ser atribuídos se interpretadas essas operações.

O objetivo da criação da teoria gramatical é montar um conjunto de regras que demonstrem todas as combinações semânticas possíveis, ilocutória e textualmente marcadas, e associá-las a uma forma lingüística. A teoria deve contar, ainda, com informações referentes à descrição sintática e semântica, aos aspectos morfológicos e às regras de contexto. “A informação gramatical é o que une o dicionário ao discurso, ponto de partida indiscutível na seleção de todo repertório lexicográfico”.

#### 1.4.1 A Criação de uma Teoria de Valências

A proposta de uma gramática de valências tem como objetivo detectar as relações de dependência entre categorias básicas que coocorrem num texto, tendo como núcleo um elemento oracional (verbo), e a possível ocorrência de outros termos dele dependentes. De acordo com a gramática de valências, os itens lexicais são divididos em duas categorias: itens lexicais de valor absoluto e de valor relativo.

Os primeiros são os que têm valor semântico completo e não têm necessidade de vinculação a outros elementos, já os segundos têm necessidade de se ligarem a outros para serem realizados plenamente na oração. Como exemplo, pode-se citar o substantivo *pedra*, que possui valor semântico completo/peso semântico específico. Por outro lado, a palavra *sogra* implica outra informação que complete a expressão *sogra de*. Quanto aos itens *pai*, *genro*, *filho*, entre outros, são eles semanticamente incompletos, isso por possuírem uma casa vazia, destinada a ser ocupada por outro termo.

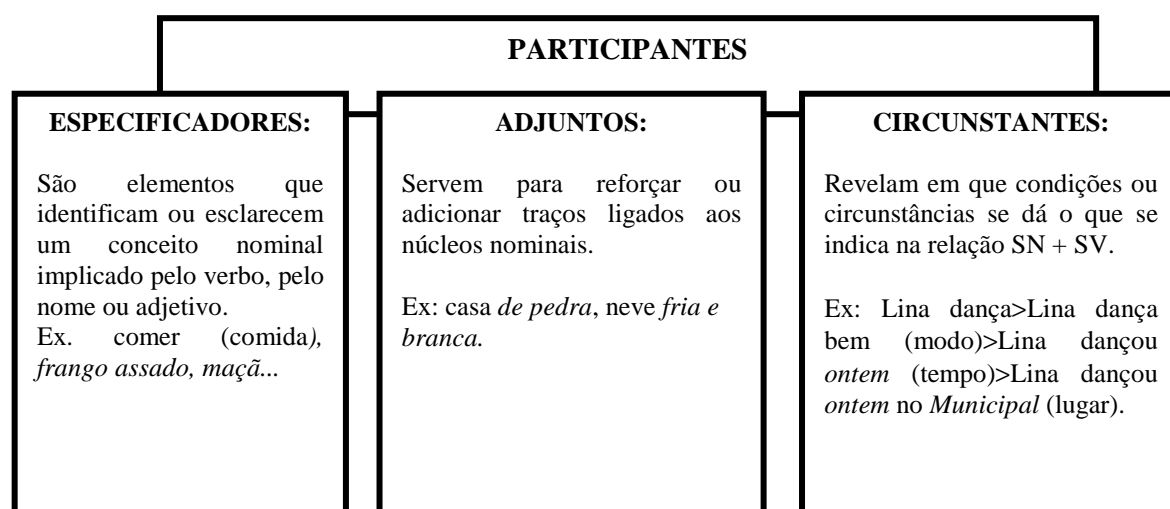
O número de casas vazias implicadas por um item lexical é chamado de valência. Desse modo, o substantivo *pedra* citado como exemplo anteriormente tem valência zero, podendo, igualmente, ser chamado *avalente*, ao passo que *sogra* terá *valência um* (V1). Cada verbo pode ter um número limitado de zero a quatro (0-4) lugares para serem preenchidos por constituintes que se liguem ao núcleo verbal em escalas de distância (grau de coesão) e de dependência (grau de subordinação).

Primeiramente, deve-se a *Tesnière* e sua *gramática de dependências* as idéias relativas à valência, já que ele partia do verbo como núcleo oracional, comparando-o a uma espécie de imã, capaz de atrair um certo número de elementos, mantendo-os sob sua dependência. Sendo o verbo o núcleo oracional e mantendo com seus elementos uma certa escala de dependência, será esse modelo abstrato que fornecerá os modelos oracionais da língua.

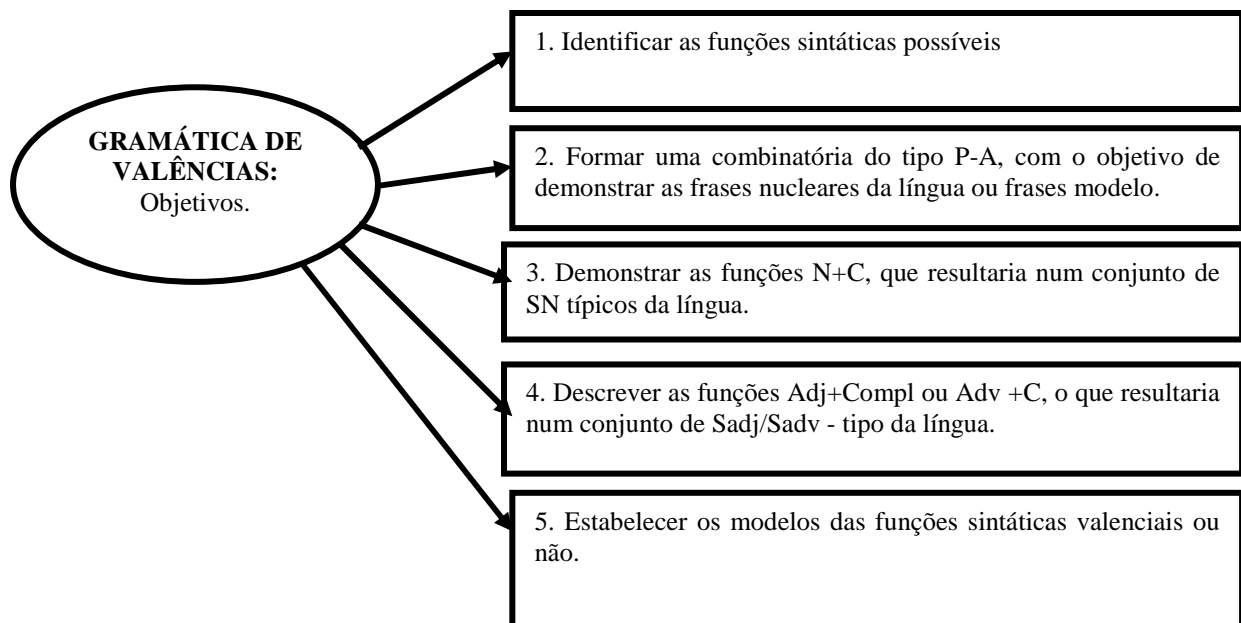
Entretanto, Borba amplia um pouco mais essa visão de valências e dá ao termo uma conceituação mais genérica. Segundo ele: “*Valência é a propriedade que tem uma classe de elementos, de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos sendo que esta mesma propriedade faz que esta classe se distinga de outras de mesmo nível sintagmático*”. Ou seja, a noção anteriormente aplicada a verbos passa a abranger, também, o regime dos nomes, dos adjetivos e de alguns advérbios. Seguindo essa linha, para formação de seu modelo, Borba propõe, ainda:

A) O uso do termo valência em três níveis:	B) Utilizar os termos correntes na teoria, selecionando-os também em três níveis:
<p>1. <b>Valência Quantitativa, lógica ou Lógico-semântica</b> = pertencente ao nível mais abstrato, refere-se ao número de argumentos que um predicado pode ter, podendo ser avalente, monovalente, divalente, trivalente, e tetravalente.</p> <p>2. <b>Valência Qualitativa, sintática ou morfossintática</b> = referente ao preenchimento das casas vazias por determinadas classes com certas propriedades morfológicas, isto é, é o nível ligado à função sintática, propriedade sintática, às classes que preenchem os argumentos e propriedades morfossintáticas dos mesmos.</p> <p>3. <b>Valência Semântica</b> = referente às funções temáticas (papéis), às características categoriais (traços) e às restrições seletivas, que determinam quais classes, funcionando como P, coocorrem ou excluem-se com tais itens, que, por sua vez, preenchem os argumentos.</p>	<p><b>1º Nível (genérico e abstrato)</b> = o termo predicado equivale a núcleo oracional, e o termo argumento designa casa vazia ou lugar. Da relação entre os dois, resulta a fórmula básica do esquema oracional subjacente a qualquer seqüência realizada = P(A).</p> <p><b>2º Nível (mais concreto)</b> = os termos nome, verbo, adjetivo e advérbio são classes de distribuição, que servem para preencher o núcleo do predicado e os argumentos. O predicado pode ser preenchido por um verbo, um nome ou adjetivo e os argumentos, por seu turno, são ocupados por nomes com ou sem preposição, ou por advérbios.</p> <p><b>3º Nível (realização efetiva)</b> = Os itens lexicais são denominados actantes, cuja função é preencher os argumentos, tanto como sujeito ou complemento.</p>

Sabemos que argumentos são necessários na formação da matriz valencial e podem ser realizados ou não nas seqüências. Já os constituintes oracionais que não fazem parte da estrutura subjacente são denominados participantes e servem para localizar, identificar ou acrescentar dados para a compreensão da mensagem, mas não modificam ou alteram em nada as relações básicas entre predicado e argumento. Em outras palavras, a presença de um participante não altera o valor de um verbo, nome ou adjetivo, isso faz com que sua distribuição, ao contrário da distribuição dos complementos, seja livre. Como exemplo, cita-se o item *discussão*, que pode ter como participantes itens como: *acalorada, interminável, feroz, que durou horas, por causa do jogo*, todavia, como complemento, somente poderá ter Sprep [(de+Na) +com - N+hum]. Os participantes podem funcionar na oração como:



Assim, de acordo com as informações apresentadas até o momento, poder-se-ia, em resumo, dizer que a Gramática de Valências é uma gramática da frase, cujo ponto de partida para análise é o verbo, e que sua ordem de análise dos constituintes da oração é decrescente, ou seja, dos constituintes maiores até os menores. A classificação por ela utilizada é de ordem funcional (e não categorial), o que permite perceber a função sintática na diversidade de realizações morfológicas. Suas características podem ser melhor compreendidas pelo esquema abaixo:



O autor utiliza testes de apagamento, interrogação, substituição, redução/acrécimo, extração, deslocamento, para dar a certa função sintática uma função/justificativa especificamente sintática. Pelos testes, o autor consegue ressaltar o comportamento sintático de uma determinada função.

Resta, ainda, uma função que compete à análise valencial, que vem a ser determinar as relações sintático-semânticas ou temáticas que estão na estrutura conceitual dos itens léxicos. Geralmente, uma estrutura conceitual é formada por um vocabulário de categorias conceituais primitivas, que incluem entidades como objeto, ação, estado, lugar, qualidade, quantidade. Por outro lado, a estrutura conceitual refere a forma pela qual o pensamento é expresso, tendo

em vista regras de inferência e de pragmática, que auxiliam no processo de transformação de estruturas conceituais antigas em estruturas conceituais novas.

Dessa forma, cada constituinte sintático maior portador de conteúdo (O –SN –SV – Sadj,...) corresponde a um constituinte conceitual pertencente a uma categoria conceitual maior. O papel do analista é verificar qual categoria sintática pode expressar ou ligar-se a determinada categoria conceitual. Se tomado como exemplo um SN, possível perceber-se que o mesmo tem a capacidade de expressar várias categorias conceituais, já um Sprep pode expressar *lugar onde* (na casa), *percurso* (pela rua), *direção* (para a praia). Pode-se resumir ou esquematizar a relação entre estrutura sintática e estrutura conceitual:

<b>ESTRUTURA SINTÁTICA</b>	O [SN –João]+[Sv –correu]+[Sprep – para o quarto]
<b>ESTRUTURA DE CONCEITOS</b>	Ação [correr]+objeto [João]+direção [para o quarto]

#### 1.4.2 Uma Gramática de Valências para o Português

A proposta de criação de uma gramática de estruturas frásicas ou de uma gramática sintagmática irá seguir uma orientação com vistas às classes lexicais ou maiores (N –V –Adj - alguns Adv), já que as valências se aplicam a essas categorias e é a uma delas que o caso se refere. De acordo com essa orientação, observar-se-ão as seguintes etapas: descobrir os tipos de estruturas básicas, identificar as classes lexicais que expressam os argumentos, demonstrar a combinatória léxica em cada casa estrutural e arrolar os esquemas funcionais das estruturas.

A estrutura oracional básica da língua portuguesa, bem como de todas as línguas românicas, é SN+ SV, sendo que o elemento nuclear do SV pode ser representado por um adjetivo, verbo ou nome. Porém, essa estrutura pode, ainda, ser reduzida a SV, uma vez que a relação entre SN/SV é de seleção e o SN=O.

A estrutura de um SN pode ser centralizada em um único núcleo e ser de caráter simples, como também pode ser realizada de forma mais complexa, sendo resultante de uma combinação de várias classes e subclasses nominais, ou, de igual maneira, contendo sintagmas adjetivos, preposicionais e oracionais. A estruturação de um SN deve admitir a existência de classes que são identificadas pelo critério distribucional, dentre elas:

I - Nome. Verbo. Adjetivo. (Alguns) Advérbios.

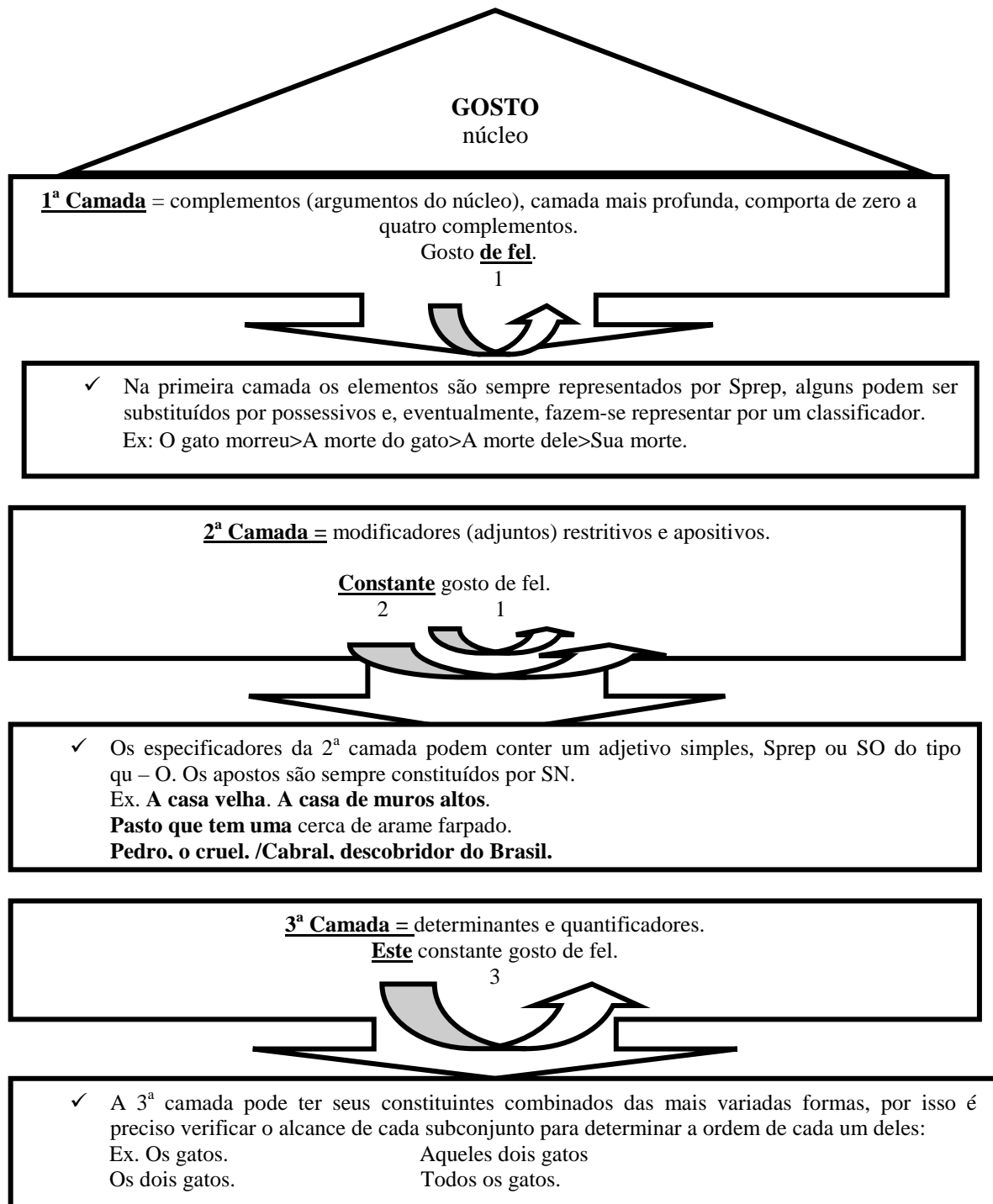
II- Relatores (Preposições. Conjunções. Pronomes Relativos).

III - Determinantes (Artigos. Demonstrativos).

IV - Possessivos.

V - Quantificadores (Todos; Ambos; indefinidos; numerais).

1. Reconhecer que a estruturação é feita por camadas, sendo que o termo camada pressupõe hierarquia de constituintes, e que cada camada contará com uma combinatória binária entre os constituintes. Em tal modelo, o autor propõe para as línguas românicas a existência de três camadas e no seu interior  $n$  camadas secundárias. Portanto temos:



Já um Sintagma adjetival pode ter duas camadas associadas ao núcleo: a primeira é formada por um, dois ou três sintagmas preposicionais que representam argumentos do núcleo adjetival e a segunda camada é composta pelos modificadores, ou advérbios. Ex. frio; muito frio, cheio de coragem; deveras cheio de coragem.



O adjetivo pode estar associado a três tipos de orações: orações completivas (convicto *de que está com a razão*), consecutivas ((tão) pobre *que dá pena*) e comparativas ((mais) esperto (do) *que inteligente*). Além da função de complemento, os Sreps podem estar relacionados aos adjetivos na função de modificadores, como é possível verificar nos exemplos abaixo:

a) Esticado **ao máximo**.

Sprep = modificador

b) Escrito **a lápis**.

c) Nu **em pêlo**.

De posse de uma estrutura do sintagma adjetival, possível, então, passar-se à formulação de uma regra que gere sintagma nominal.

Rn: SN – (Quant) (Det) (Poss) (Sadj) N (Sprep) (Sadj) (SO)

O núcleo do sintagma nominal é obrigatório, podendo, contudo, em condições especiais, ser suprimido. Sempre que houver SNs de mesmo núcleo e, de alguma forma, relacionados (S – C, C – C, coordenação, comparação), um deles poderá ter seu núcleo apagado. Por exemplo:

1. O vendedor da rua brigou com o da praça.
2. Comprei um carro novo só depois de vender o velho.
3. Leo joga futebol e Nilo, vôlei.
4. Os sapatos de couro são mais fortes que os de camurça.

De posse das estruturas dos constituintes oracionais, passa-se ao estudo das duas funções dos constituintes:

**Funções sintáticas centrais** - entre sujeito e complemento.

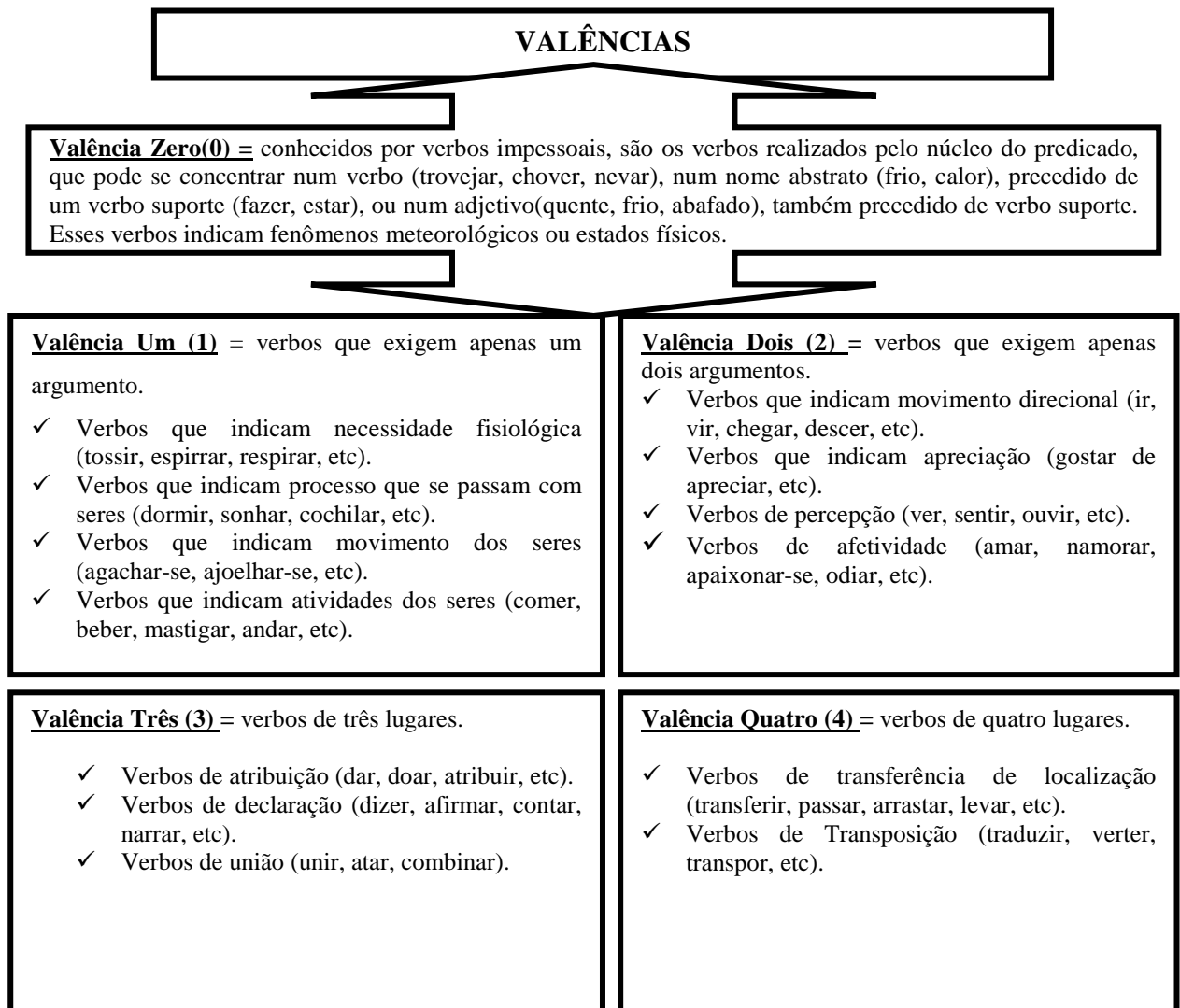
**Funções sintáticas não centrais** - entre os especificadores.



### 1.4.3 Valência Verbal

A valência verbal, cujo objetivo vem a ser verificar e determinar o comportamento do verbo no âmbito da frase, tem o verbo como uma unidade lexical portadora de características morfológicas (categoria, número, modo e pessoa), as quais permitem isolá-lo em uma seqüência, realizando, assim, um levantamento de suas propriedades sintático-semânticas. De acordo com as análises até hoje realizadas com verbos da nossa língua, pode-se constatar que há uma relação entre a base semântica do verbo e o número de argumentos por ele exigido.

Do ponto de vista quantitativo, os verbos podem conter de zero a quatro argumentos e são dispostos na seguinte ordem:

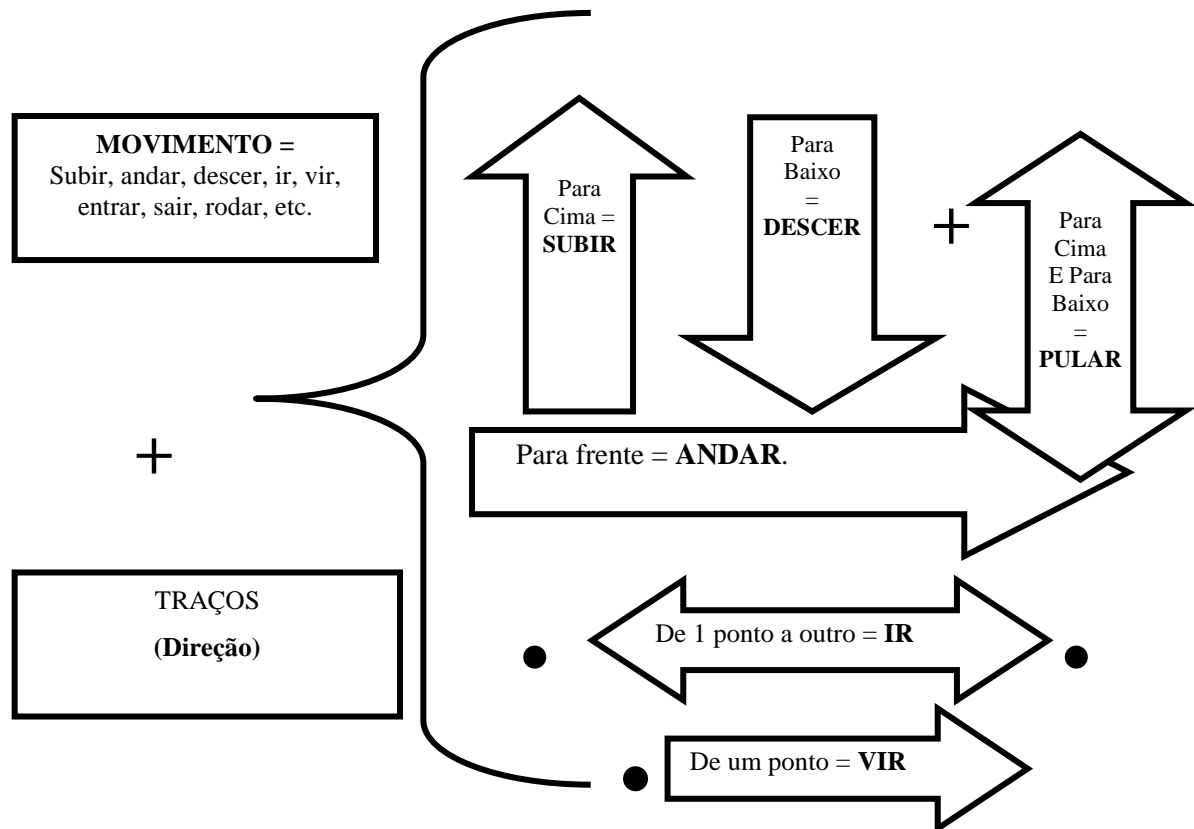


Após o processo de análise quantitativa, é necessário identificar quais as classes que podem preencher o número de argumentos que o verbo seleciona (valência sintática). A grande maioria é formada de argumentos expressos por nomes, podendo, também, vir expressa por advérbios (modais) e, ainda, orações (conjuncionais/infinitivas).

O uso de preposição para introduzir um argumento expresso por N ou O variará de acordo com o número de argumentos selecionados pelo verbo. O mecanismo que age controlando o uso, a distribuição e o estatuto das preposições, relacionando-as aos verbos da língua, recebe o nome de regência.

- Se o verbo seleciona um argumento, ele não será introduzido por preposição, por realizar-se como argumento externo de SV (morrer – N, parir - N, chorar – N); os verbos de um argumento têm a forma SN + V, e o SN assume a função de sujeito (SN + brincar, SN + correr, etc).
- Se o verbo tem dois argumentos, é facultativo o uso de preposição, já que um dos argumentos vai para o argumento interno do sintagma verbal (adotar – N, buscar – N, confiar em –N, obedecer a – N); a estrutura dos verbos de dois argumentos vem a ser: SN1 (A1) + V + SN2 (A2), ou seja, um SN é externo (SN1 – S) e outro é interno (SN2/Sprep), funcionando como complemento (SN1 + bagunçar + SN2; SN + bater + Sprep; Sn1 + varrer + SN2).
- Se o verbo tem três argumentos, dois deles são internos, sendo um obrigatoriamente introduzido por preposição (dar N a – N, contar N a – N); a estrutura terá uma configuração SN1 + V+ SN2 + Sprep.
- Já os verbos com quatro argumentos terão três elementos internos e, destes, dois serão obrigatoriamente precedidos de preposição (traduzir N de – N para – N), aqui C1 = SN e C2, C3 = Sprep.

Após os processos de análise quantitativa e sintática, cabe análise para detectar as propriedades semânticas dos verbos, isto é, sua subcategorização em traços (restrições de seleção). Sabe-se que a Semântica Lexical costuma unir elementos lexicais e agrupá-los em categorias, de acordo com suas afinidades de traços.



Todavia, a subcategorização não é suficiente para determinar a dinâmica das relações que ocorrem no léxico, haja vista que os traços de substância léxica não dão conta da complexidade dos significados sozinhos, sendo necessário combiná-los com outros, para que se tornem transparentes/claros.

## 2 ARTICULAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### 2.1 Subsídios Teóricos

O fato de as línguas poderem ser traduzíveis entre si, por apresentarem equivalência de sentido em algum nível, faz com que a escolha e a formulação de um modelo de análise sejam extremamente relevantes e, ao mesmo tempo, delicadas. Uma análise que contemple a língua, de maneira efetiva e eficaz, em um de seus mais complexos aspectos, o significado, deve levar em conta que muitos itens e estruturas utilizados com determinado objetivo em uma língua podem ser empregados com objetivo distinto em outras, bem como, segundo Fillmore (1968, p. 280), *constantemente traços gramaticais encontrados em uma língua surgem, também sob essa ou aquela forma, em outras línguas, se tivermos a sutileza necessária para descobrir categorias não-manifestas.*

As transferências realizadas por estudantes e professores na busca de auxílio no processo de aprendizagem da L2 nem sempre são positivas e, por vezes, constituem barreiras de tal processo. Ao ser analisado um determinado item lexical, deve-se ter em mente a capacidade que ele possui de envolver diferentes dimensões semânticas dentro do discurso. O papel da Semântica Lexical é descrever as diferentes dimensões semânticas nas quais a palavra se insere, interpretá-las e detectar suas possíveis correlações. Lembra-se, por oportuno, que um estudo da palavra realizado sob uma dimensão *semasiológica* (estrutura interna e valores semânticos) não daria conta da riqueza possível de encontrada, se forem considerados aspectos relativos, ainda, à dimensão *onomasiologia* (análise da estrutura externa das outras palavras com as quais compartilha significação ou conteúdo genéricos). As demais dimensões, como *contextual* (social, cultural e pragmática), *histórica* e *sintagmática*, são consideradas relevantes e pertencentes ao estudo realizado pela semântica no âmbito lexical.

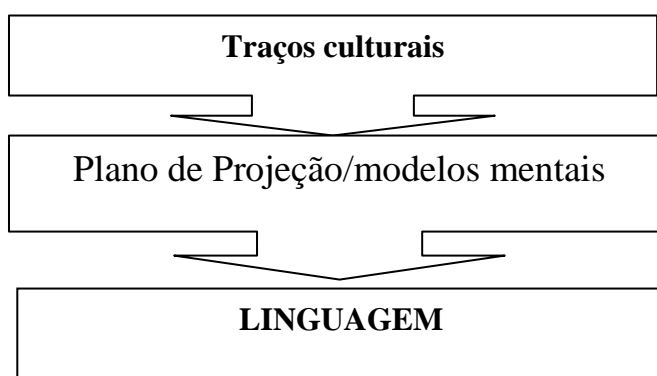
Em virtude de se tratar de área de âmbito semântico lexical, optou-se por uma análise comparativa, com base na abordagem cognitiva, já que esta tem essas dimensões como partes integrantes no estudo da língua. A abordagem cognitiva pode ser descrita como centrada na iconicidade dos itens lexicais, ou seja, no fato de que as formas lingüísticas refletem aspectos da mensagem comunicada, os quais levam à conclusão de ser condição *sine qua non* considerar as diferentes dimensões, para que uma análise consiga dar conta das variações a que a língua está sujeita.

Dentro dessa proposta de análise, consegue-se estabelecer e focar as relações dos signos entre si e o fato de que o sentido somente pode ser estabelecido, tendo em vista as relações dos vocábulos entre si, se estiverem inseridos em um contexto.

Em consonância com o que a abordagem cognitiva lança como modelo, ou seja, uma união entre mente, língua e cultura e sua conseqüente indissociabilidade, fica assim especificado no trecho abaixo:

Ao meu ver a cultura de uma sociedade consiste em tudo que precisamos saber, em que precisamos acreditar a fim de agirmos de modo aceitável para os membros de uma sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitariam para qualquer um de si. A cultura sendo aquilo que as pessoas tem de aprender em oposição a sua herança biológica deve consistir do produto final de sua aprendizagem: conhecimento no sentido mais geral, ainda que relativo, do termo. Por esta definição, devemos observar que a cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é antes uma organização dessas coisas. Culturas são as formas das coisas que as pessoas têm na cabeça, os modelos que elas usam para perceber, relacionar e também interpretar essas coisas. Assim as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais ou eventos, são produtos ou subprodutos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas perceber e a lidar com as circunstâncias. Para alguém que conhece a cultura dessas pessoas, essas coisas e eventos são, portanto sinais que significam formas ou modelos de cultura de que são as representações materiais...

Desse modo, a história de um povo se concretiza, constitui e manifesta através do componente social, isto é, da linguagem. Assim, quando se fala sobre marcas culturais, está-se referindo às escolhas justificadas em determinado quadro social e que revelam as diferenças entre um grupo e outro. Portanto, a linguagem muito ajuda a conhecer e refletir sobre traços culturais de um indivíduo ou comunidade, noção que poderia ser assim esquematizada:



Nesse contexto, a língua pode ser comparada ao sol, cujos raios são formados por traços culturais, que, muitas vezes, podem ser ocultados ou encobertos, mediante/frente a indivíduos que não compartilham de uma mesma cultura. A interpretação ou capacidade de compreensão varia de acordo com o grau de conhecimento do indivíduo acerca de aspectos culturais e ,quando efetiva, resulta em um efeito resplandecente, o efeito que todos esperam, ou seja, o brilho do astro, a comunicação efetiva de um determinado conteúdo.

é sempre o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento, uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos nós lemos a nós e o mundo a nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar é nossa função essencial (MANGUEL, 1997, p. 19-20).

O trecho acima leva à reflexão sobre o grau de relevância que é atribuído simultaneamente ao texto, ao leitor e o ato de ler. Poder-se-ia associar a leitura a uma atividade intrinsecamente relacionada à formação da identidade de uma sociedade, uma vez que indissociáveis são elementos como texto, leitura e leitor. Indissociáveis e imprescindíveis para que um povo progrida, identifique-se e cresça em meio a um vasto grupo de raças, culturas e crenças.

O caráter indissociável desses três elementos deve-se ao fato de que, ao ler-se um texto, acrescentam-se elementos e informações, que permitem a compreensão do que está escrito não somente no sentido literal, mas com finalidade de compreensão gerada por uma intenção tanto do autor como do leitor. Ao ler-se, constroem-se imagens e transformações verbais para alcançar-se o significado global. Supõe-se que, ao ler-se, geram-se significados

construídos a partir das relações estabelecidas entre conhecimento, memória, frases, parágrafos e trechos escritos.

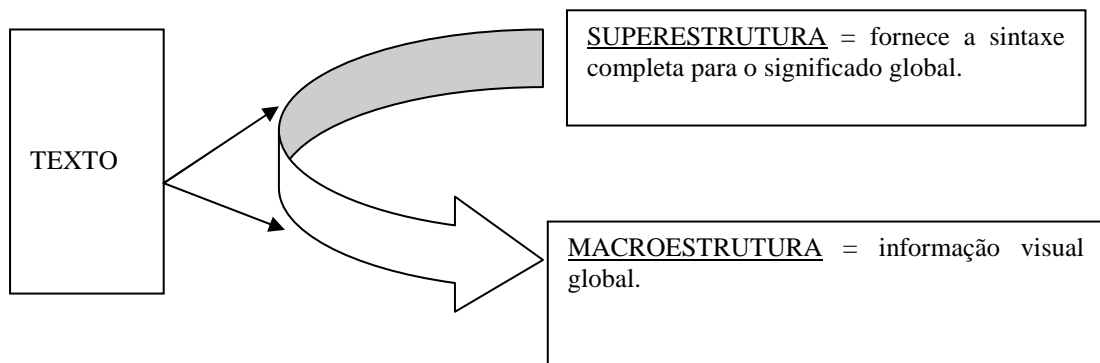
Portanto, leitura e compreensão estão numa relação de equilíbrio, envolvendo dispositivos cognitivos, lingüísticos, habilidades técnicas e envolvimento emocional. Contudo, falta resposta acerca de como se relacionam as diferentes áreas da mente, bem como qual o percurso labiríntico dessas diferentes áreas que viabiliza sejam feitas associações tão ricas e criativas.

Apesar de existirem questionamentos relativos aos mecanismos utilizados pela mente humana durante o processamento de informações e sua relação com outras áreas, procurou-se um modelo de representação mental que traduzisse, de forma simples e efetiva, como se dá o processo de interpretação textual nos indivíduos.

De acordo com as informações acima, percebe-se que o resultado de experiências culturais encontra-se organizado mentalmente, por intermédio de modelos que auxiliam no processo de interpretação e hierarquizam o conhecimento, tornando possível o seu acesso e a realização de inferências sobre determinado assunto, sempre que preciso. Por ser a compreensão um processo cognitivo dos usuários de uma língua, o modelo será a representação conceitual do discurso na memória. Nem sempre essa representação condiz com significados convencionalizados, ou melhor, significados especificados no léxico de uma língua. Muitos desses efeitos de sentido têm como base aspectos do conhecimento de mundo relevantes para a formação da representação conceitual. Em resumo, as representações textuais servem para a criação do modelo que é acessado toda vez que desejamos reproduzir informações derivadas das RTs (representações textuais).

De posse de informações relativas à função dos modelos, resta saber como a informação cognitiva está armazenada nesses modelos?

Quando se lê um texto, armazenam-se informações não somente referentes a objetos ou situações, mas, também, informações analógicas. Com essas informações textual e analógica, processa-se e codifica-se a informação de modo abstrato. Quando, por exemplo, lê-se um texto, constroem-se mentalmente macroestruturas e superestruturas semânticas.



A informação visual é representada de forma abstrata por esboços em hierarquias, que permitem estabelecer a distinção entre informação visual global (macro) e detalhada (micro). Ignora-se, contudo, que a linguagem teórica precisa é necessária para dar conta de tais estruturas analógicas abstratas: sempre que se desejar teorizar sobre elas, ter-se-ão proposições lingüisticamente orientadas.

Assim, pelo modelo, assume-se que a informação é representada com proposições cuja configuração é hierarquicamente organizada. Admitindo-se que esses modelos são representações de situações, admite-se, igualmente, que eles representam propriedades típicas de situações (modelo prototípico) e, tendo em vista que os indivíduos não inventam tais propriedades cada vez que lêem um texto, pode-se concluir que:

- ✓ Utiliza-se um conjunto de categorias de situações fixas;
- ✓ Utiliza-se um esquema canônico que representa a ordem linear e hierárquica de tais categorias.

As categorias lembram as estudadas na gramática de casos (FILLMORE, 1969) e na gramática funcional (DIK, 1968) e incluem informações relativas à situação (lugar e tempo), circunstâncias, participantes (pessoas, objetos em diferentes papéis) e ação/evento. As descrições lidas em sentenças e histórias nada mais são do que atualizações desses modelos da memória (estruturas cognitivas básicas). Esses modelos ou estruturas cognitivas, usadas para compreender-se melhor determinado evento ou situação, são, igualmente, utilizados para fins de formulação verbal desse conhecimento.



Outro aspecto a ser salientado é o fato de que, assim como as macroestruturas textuais, os modelos apresentam estrutura hierárquica, sendo o nível mais alto ocupado por macroposições, que servem para resumir o que aconteceu, usando eventos prévios. Essas proposições podem ser de caráter subjetivo, de forma que o resumo tenha um viés pessoal, ou, ainda, avaliativo, isto é, opiniões sobre determinados eventos. Assim, ter-se-á uma organização categorial (esquemática), em termos de propriedades, típica de situação e organização macroestrutural (do enredo, trama ou tópico do texto), da informação que se encontra inserida nos nódulos terminais de tal esquema. Como exemplo, pode-se especificar a categoria Lugar, especificando cenário, que irá conter informações detalhadas sobre o local em que o evento ou ação ocorreu. Também, a categoria evento pode comandar uma macroposição, que irá resumir uma longa seqüência de eventos e atos. Daí o caráter recursivo do modelo de situação.

As categorias são associadas a um qualificador avaliativo, já que representam crenças e opiniões. Ao inserir-se uma proposição avaliativa no nível mais alto do modelo, obter-se-á uma opinião global sobre o evento ou situação. Por conseguinte, muitas pessoas recordam o nível mais alto da macroestrutura de um texto e esquecem suas microestruturas, esquecendo, assim, pormenores de um evento, ou, também, transferem propriedades negativas de situações que envolvem atitudes relativas a um grupo (presentes na memória social) para os participantes envolvidos (por exemplo, quando estes são negros).

Poder-se-ia resumir, afirmando-se que as estruturas de modelos cognitivos são definidas em termos de esquemas recursivos, hierárquicos, de categorias de situação prototípicas, que dominam seqüências de proposições organizadas por macroposições. A natureza de caráter único e individual de cada modelo de situação de que trata um texto fica por conta do fato de que as proposições podem ser de caráter avaliativo e apresentar avaliações e variações no conteúdo e estrutura.

Tendo em vista informações relativas à função e armazenamento, resta, ainda, saber como os modelos são construídos e como operam na compreensão e produção do discurso. Como usuário de uma língua, realiza-se o processamento das informações que são passadas por passos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis, tentativos, e em vários níveis ao mesmo tempo. Cabe à memória de curto prazo analisar e interpretar palavras, grupos de palavras, orações e frase. As interpretações resultantes de cada oração são encaminhadas em forma de esquemas proposicionais, unidos por processo estratégicos de coerência, com

base nos modelos de situação que estão localizados na memória episódica. Esse modelo irá fornecer informações analógicas aos fatos em determinada situação e sugerir possíveis informações passíveis de serem implicadas a partir do texto.

Ao iniciar-se a leitura de um texto, não se tem, ainda, a noção de modelo que será utilizado, sendo necessário algum tipo de informação extraída do contexto, para que se possa imaginar o tópico ou seus referentes. A possibilidade dada pelo contexto de previsão permite ativar *frames* e *sripts* e recuperar o modelo prévio/antigo.

Os conteúdos interpretados na memória de curto prazo devem ser transferidos para a memória episódica, local em que constroem a representação textual, devido à capacidade limitada da mesma. Cada cadeia é, portanto, processada ciclicamente e logo depois inserida na RT. As estruturas convencionais encontradas na sentença e discursos auxiliam não somente a realização de uma interpretação estratégica rápida, mas, também, um armazenamento efetivo nos modelos, que são a meta da compreensão. As estruturas de caso passam informação sobre quais as categorias em relação às quais a informação deve ser inserida no modelo. Informações adicionais sobre a organização hierárquica do modelo são fornecidas pelos marcadores de macro e superestrutura no discurso. Já os marcadores de pressuposição sugerem onde devem ser interpoladas informações de script ou modelos prévios.

Os parâmetros relevantes da interação comunicativa e do contexto social encontram-se no modelo de contexto local ou global, que controla todos os modelos de situação, definindo a relevância de cada discurso em um dado contexto, a atenção dada a ele e o modo como a informação vai ser processada. Destarte, assume-se que os modelos de situação são usados (construídos, recuperados, aplicados) em:

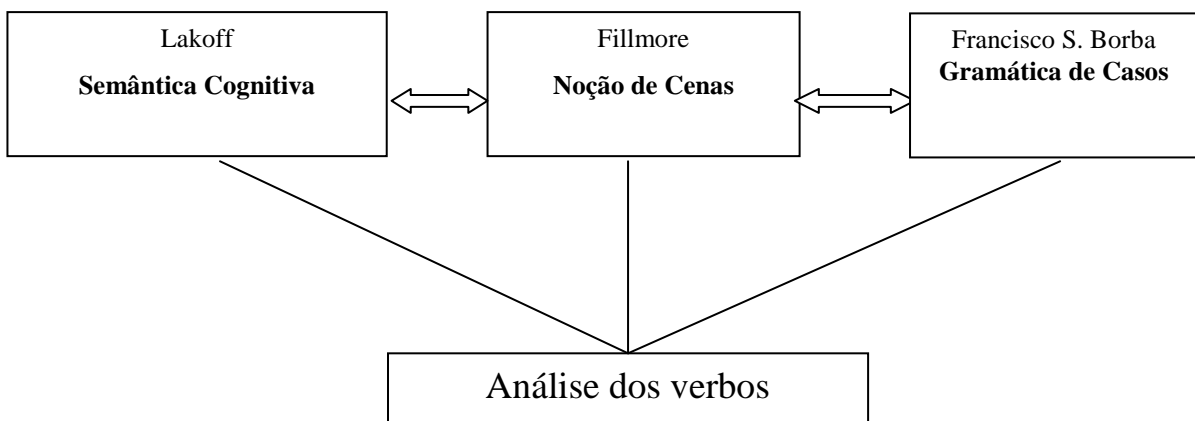
1. Na construção de representações textuais na memória episódica (ME).
2. Processos interpretativos, na maioria de curto prazo, de palavras, orações, sentenças, conexões entre sentenças e macro ou superestruturas de nível mais alto.
3. Na recuperação de modelos de situação relevantes da ME.
4. Atualização de conhecimento pessoal velho em ME.
5. Formação de modelos de situação generalizados na ME.

6. Formação de *frames* e *scripts* ou outras cognições sociais na memória social.
7. Instanciação de *frames*, *scripts*, etc, a situações específicas.

A escolha por um modelo de análise com base cognitiva teve como impulso o fato de a abordagem cognitiva conciliar aspectos entre uma teoria da língua e do discurso e uma teoria social de interação. Crê-se que esse aspecto faz com que a abordagem cognitiva seja uma das ciências mais influentes e a mais próxima de conseguir explicar os fenômenos lingüísticos por meio de um modelo de interação discursiva.

## 2.2 Adaptação do Modelo de Análise

De volta à proposta inicial deste trabalho, pretende-se analisar os referentes semânticos dos verbos contidos na reportagem, fazendo-se uso das teorias anteriormente citadas, cujos autores podem ser visualizados no esquema abaixo:



Sabe-se que a escolha bibliográfica e os pressupostos teóricos aqui apresentados são de grande valia, vez que deles dependem o sucesso da análise e o grau de credibilidade a ser depositado no estudo. Embora seja consenso entre estudiosos e de conhecimento da comunidade científica, a teoria apresentada é perspectivizada pelas idéias e pensamentos do autor, mas, de forma alguma, deve ser sobreposta à relevância do processo de análise, já que nele estão contidos seus traços mais marcantes e característicos.

Para chegar-se à análise dos verbos contidos na reportagem, percorreu-se um caminho teórico metodológico, iniciado na gramática de casos, em que se descreveram os principais autores e modelos desde o seu surgimento, dentre eles Fillmore, Chafe e Cook. A teoria

proposta por esses autores é de grande valia para os propósitos deste estudo, isso por ser um modelo semântico de casos, cujas dimensões abrangem questões pragmático-discursivas, isto é, permite sejam trabalhados enunciados da língua em uso e captados os efeitos de sentido no contexto em que ocorrem.

Logo após, verificou-se o conteúdo proposto pela abordagem cognitiva, cujas idéias norteadoras vinham ao encontro dos objetivos propostos pelo estudo, dentre as quais:

- Lakoff (1987) propõe visão de significado como resultado de uma construção, um processamento humano de ordem cognitiva e social, isto é, o uso de expressões lingüísticas é o reflexo de práticas lingüísticas definidas sócio-culturalmente, excluindo, assim, a possibilidade de ser relativo a questões de ordem subjetiva.
- O significado do todo não é necessariamente função do significado das partes, podendo depender de percepção, conhecimento de mundo ou maneira de ver o mundo.
- As línguas naturais relacionam enunciados em discursos a significados em contexto, o que não torna necessário um conceito coerente de significado literal.
- Enfim, a idéia de que a faculdade lingüística não é independente de outras faculdades faz dessa abordagem uma das mais interessantes e a mais próxima de explicar os fenômenos relativos à linguagem e sociedade.

Tendo em vista a necessidade de embasamento que desse conta das questões relativas ao léxico, foram utilizadas as idéias propostas por Fillmore em seu artigo “Topics in Lexical Semantics”. Contudo, a noção de item lexical e sua análise ainda estava muito ampla, sendo necessário especificar-se em qual categoria de item lexical mais especificamente se iria deter.

Com base em estudos realizados no decorrer de mestrado e em uma conseqüente leitura mais detalhada do modelo proposto por Francisco S. Borba em sua obra *Uma Gramática de Valências para o Português*, percebeu-se que a classe mais rica que se poderia analisar e que, necessariamente, impõe um maior número de dependências vem a ser o verbo. Além disso, a riqueza relacionada aos possíveis referentes semânticos adquiridos por verbos dentro de variadas orações ou sentenças também desperta curiosidade e interesse. Interesse que aumenta na medida em que se confrontam duas línguas, tendo-se em mente o conceito de língua proposto inicialmente.

### 2.3 Metodologia de Análise

A criação do modelo de análise que contemplasse de forma efetiva fenômenos lingüísticos de caráter lexical, sintático e semântico parecia bastante desafiadora para estudante de línguas. A questão principal seria provar que o estudo de línguas depende do conhecimento de questões pragmáticas, isto é, não poder haver ensino dissociado de experiência humana. Vários fenômenos provenientes do léxico (polissemia, metáfora, etc.) provam que a língua está numa relação íntima de dependência com o contexto e com a experiência de mundo. Ao entrar-se num discurso, utilizam-se mecanismos encarregados de auxiliar e facilitar a compreensão e tornar a comunicação um ato efetivo e eficaz.

O modelo de análise que se propõe vem a ser uma união da Teoria de Cenas de Fillmore e Teoria dos modelos mentais de Van Dijk. Ambas apresentam uma visão de significado associada à criação de cenas ou modelos mentais. As cenas são estruturas cognitivas adquiridas na interação com o meio e cuja base está nas crenças, ações, experiências e imaginações compartilhadas em sociedade. Poder-se-ia comparar a cena a um dispositivo, cujo objetivo vem a ser auxiliar os processos de comunicação e compreensão.

Para Fillmore, a descrição semântica de expressões lexicais pode-se relacionar com apenas uma cena, ou cenário conceptual. Além disso, outro aspecto a ser salientado é que o modelo de cenas perspectiviza o verbo como elemento central ou nuclear da oração, sendo capaz de selecionar determinado número de argumentos, que, posteriormente, irão direcionar a análise quantitativa, da seguinte forma:

- 1º - Toma-se o verbo como elemento nuclear do enunciado;
- 2º - verifica-se o número de argumentos que o predicador exige;
- 3º - parte-se para a análise semântica, que servirá para especificar a qualidade dos elementos subcategorizados, atribuindo-lhes os devidos papéis temáticos. Os papéis temáticos exercerão seu papel na cena e serão realizados na oração como sujeito ou objeto.
- 4º - são atribuídos os casos com base na análise quantitativa.

5º – finalmente, parte-se para uma análise comparativa dos enunciados em português e inglês.

## 2.4 Seleção do Corpus

“O texto, apenas o texto, dizem-nos, mas apenas o texto, isso não existe: há imediatamente nesta novela, neste romance, neste poema que estou lendo um suplemento de sentido, de que nem a gramática, nem o dicionário podem dar conta”.

( )

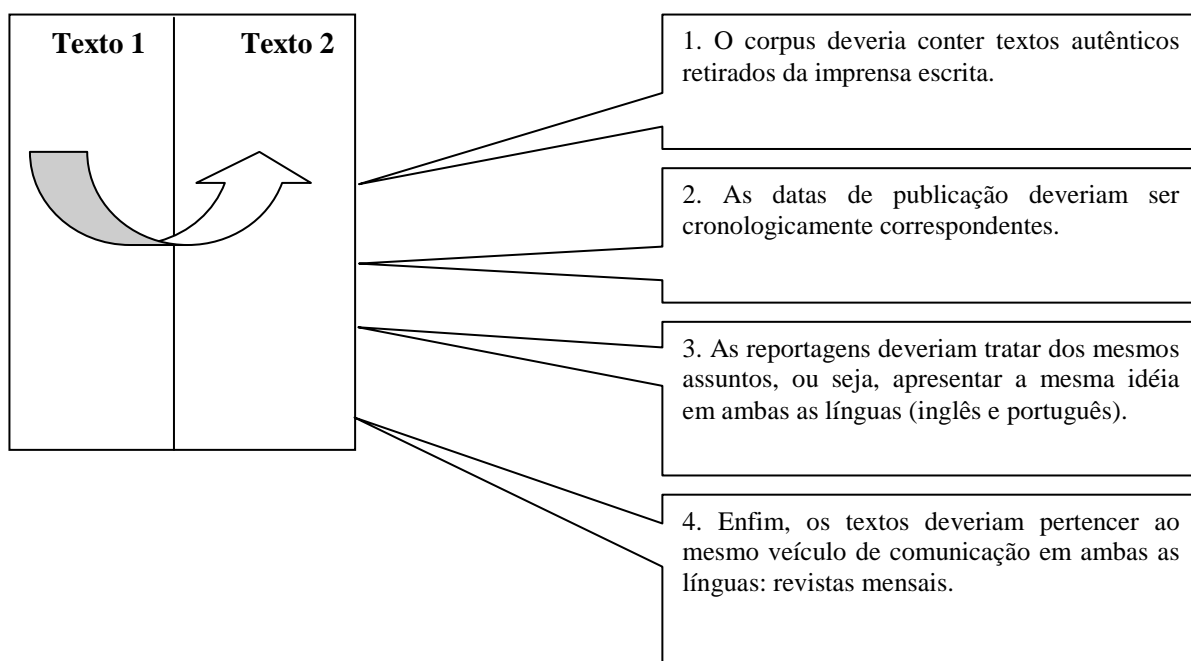
A proposta do desenvolvimento de um estudo comparativo de verbos em inglês e português e sua conseqüente análise sintático-semântica suscitou-se ainda nos tempos de docência em língua inglesa. Os anos de docência serviram para constatar que língua e cultura são extremamente dependentes. Por conseguinte, o ensino de um idioma requer mais do professor que apenas o uso de um bom dicionário, ou, ainda, que apenas o conhecimento puro e simples de estruturas e formas. Trata-se de ensinar-se a ver um mundo novo, ampliar os horizontes, refletir sob uma nova perspectiva e, especialmente, respeitar as diferenças.

A base de um estudo bilíngüe encontra sua melhor forma por meio de *textos*, já que, neles, consegue-se explorar a língua quase que em sua totalidade e, por meio deles, ressaltar fatos que contribuirão para uma melhor compreensão da relação entre língua e cultura. Dentre os diversos estilos de textos, o que mais apresenta marcas culturais vem a ser o texto *jornalístico*, mais especificamente o estilo *revista*, devido ao fato de dispor-se de mais tempo para a elaboração das matérias, comparativamente aos veículos jornalísticos diários, sendo que, conseqüentemente, sua elaboração tem caráter mais elegante e sedutor e possui estilisticamente maior número de recursos.

A reportagem/matéria jornalística traz consigo especificidades que irão caracterizá-la, isto é, determinar um estilo próprio, fazendo com que o leitor identifique o tipo de texto e sinta-se seduzido por ele. A primeira noção que o autor deve ter em mente é o tipo de receptor ou o público para o qual está produzindo a mensagem. Pela escolha das palavras a serem utilizadas, o autor é capaz de despertar, no leitor, as mais variadas sensações, despertar o interesse do receptor sobre a informação que lhe faltava ou que buscava. Para tanto, o autor deve esmerar-se em utilizar uma linguagem que seja clara, com conteúdo preciso e informativo, capaz de conquistar o leitor.

A opção pela realização da análise com um texto jornalístico foi defendida, também, por trazer aspectos históricos-culturais inseridos sob determinado prisma, pela variedade de artigos e matérias apresentadas (culminando com uma visão ampla sobre a informação oferecida) e pela possibilidade de trabalhar-se com a tradução, já que a tradução propriamente dita costuma não funcionar, especialmente em se tratando de textos jornalísticos, como afirma Nord (NORD, 1991, p.11): “*O tradutor não é o emissor da mensagem do texto fonte, mas um produtor textual na cultura-alvo, que adota a intenção de alguém a fim de produzir um instrumento comunicativo para a cultura alvo...*”. Em outras palavras, existe uma diferença entre texto jornalístico, em que as marcas são textuais, e a tradução, em que as marcas embasam contextualmente a compreensão/interpretação do tradutor, com vistas a uma nova escritura.

Com base nessas informações, definiram-se critérios para que os textos escolhidos formassem um corpus comparável:



## 2.5 Detalhamento do Corpus

A análise terá como corpus o editorial cujo tópico é a preservação da natureza, extraído da Revista *National Geographic*, da *National Geographic Society*, com título para o contexto Americano *Places We Must Save*, e da Revista *National Geographic Brasil* da Editora Abril, cujo título é *O Veneno Dentro De Você*, sendo inglês e português as línguas estudadas. Ambas as reportagens são de outubro de 2006.

A *National Geographic* tem suas matérias produzidas nos Estados Unidos, em sua edição original americana em inglês. A reedição ocorre em 27 países, com as mesmas reportagens, porém cada país pode acrescentar duas reportagens, contemplando temas locais. A escolha da capa dá-se pela seleção do assunto que supostamente mais desperta interesse em seu leitor, variando, portanto, de país para país. Os textos, após processo de tradução, devem caber dentro da mesma diagramação, limites de espaço e, à primeira vista, parecem idênticos, por seguirem os mesmos modelos de diagramação e edição.

A Revista *National Geographic* teve seu início com a entidade chamada *National Geographic Society*, fundada nos Estados Unidos em 27 de janeiro de 1888. O objetivo da entidade, inicialmente presidida por Gardiner Greene Hubbard e seu genro Alexander Graham Bell, era organizar a sociedade para o aumento e difusão do conhecimento geográfico, isto é, aumentar o conhecimento geral de geografia e de mundo do público em geral.

Desde então, a Revista *National Geographic* é a mais importante da entidade, preocupada sempre em destacar a diversidade das nações mundiais e sua habitação por intermédio de fotografias, mapas e histórias pessoais. A Revista conta com doze edições por ano, sendo uma por mês e alguma edição especial durante cada ano, e tem sua importância reconhecida pela qualidade de seu material e o alto padrão das fotos. Outro aspecto que chama a atenção do público são os mapas minuciosamente detalhados das regiões visitadas. Até mesmo o Governo dos Estados Unidos recorre, muitas vezes, à coleção de recursos cartográficos, por serem mais detalhados que os contidos pelo Governo.

Em 1995, a *National Geographic* deu início a publicações em outros idiomas, sendo o japonês o primeiro deles. Atualmente, a Revista é publicada em várias línguas no mundo inteiro, dentre elas espanhol, hebraico, grego, francês, alemão, polonês, coreano, português, russo, etc.

Em 1999, a Revista foi alvo mundial, ao receber o prêmio mais cobiçado da indústria de revistas. O prêmio oferecido e desejado por todos, o *Ellie*, é oferecido pela Sociedade Americana de Editores de Revistas em reconhecimento ao talento de editores, jornalistas e fotógrafos. A *National Geographic*, nessa ocasião, teve reconhecida sua excelência editorial em geral e o número de exemplares vendidos que superou um milhão de cópias.

O foco da Revista *National Geographic* vem a ser a valorização da natureza, a história e as diversidades culturais. A Revista apresenta vocabulário bastante rebuscado e, por isso,



caracteriza-se pela seleção de público de alto nível intelectual e científico, especialmente representantes do mundo de negócios de diversos países, que vêm nessa publicação uma fonte de informação segura e confiável. É uma revista voltada para um público bem determinado/específico, que quer ver uma notícia transformada em reportagem. Com a reportagem, é possível aprofundar conhecimento acerca dos acontecimentos, reunir informações e ser capaz de emitir opiniões melhor fundamentadas/embasadas.

Além disso, o produtor deve contar com o conhecimento de elementos alheios à notícia, mas que servem de complemento, como aspectos culturais e históricos, principalmente em se tratando de reportagens internacionais. Para fins jornalísticos, não basta relatar o que aconteceu, mas, sim, localizar o leitor, para que haja compreensão dos fatos, esclarecer questões como por que tais fatos estão ocorrendo, quais as características desse país, qual o contexto histórico, etc.

Pela reportagem, é possível transformar-se uma notícia em fato histórico, devido à sua capacidade de ampliar os relatos dos fatos principais e, até mesmo, dos subjacentes. “Quando uma notícia salta de uma simples nota para uma reportagem, é preciso ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar, causar impacto” (BOAS, 1996, p. 43).

No Brasil, é-se privilegiado com uma revista que tem sua importância reconhecida mundialmente e que traz consigo imagem de civilização globalizada. O público, aqui, consiste em pessoas de bom nível intelectual, com bagagem de conhecimento em áreas diversas como história, sociologia, antropologia, arqueologia e cultura. Esse perfil acerca dos leitores vem a contribuir para a produção de textos jornalísticos, bem como o processo de tradução, auxiliando o produtor a escolher o foco, tendo em vista um tipo específico e pré-determinado de receptor.

Cabe, ainda, ressaltar que o número de assinaturas vendidas supera em um número quatro vezes maior o número de exemplares avulsos. Mais uma vez, fica provado tratar-se de um público fiel, que se identifica com o posicionamento proposto nas reportagens, bem como com os assuntos por ela abordados. A fidelidade vem a ser uma prova da boa qualidade, já que é aceita por um público mais exigente e mais selecionado, que tem condições de manter a assinatura de uma revista altamente especializada.

## **2.6 Operacionalização dos Termos**

Por ser este um modelo de análise que está relacionado com diferentes áreas da lingüística, optou-se por desenvolver uma seção destinada à terminologia utilizada na realização do trabalho. Os termos aqui apresentados são de extrema relevância para a compreensão dos processos de análise que serão apresentados posteriormente, cabendo, ainda, ressaltar o fato de que muitos deles têm seus sentidos modificados, para que se adequem aos pressupostos apresentados pela Semântica Relacional. Os termos abaixo listados encontram-se em ordem alfabética:

<p><b>1. Cena</b> – conjuntos conceptuais internamente estruturados, ou, ainda, estruturas mentais de cognição baseadas em crenças, ações, experiências ou imaginação. São dispositivos de referência lingüística, que podem ser acessados mentalmente, por meio de “frames”, a fim de facilitar o processo de comunicação e compreensão. Análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Só constituirá cena o enunciado que tiver, ao menos, um predicador.</li> <li>• O limite da cena está diretamente associado ao verbo.</li> </ul>	<p><b>2. Cena Parcial</b> – também denominada microcena, unidade que compreende a cena. É constituída por um predicador, que será submetido à análise e terá seu efeito de sentido determinado dentro do contexto específico de enunciação.</p> <p><b>3. Cena Global</b> – também denominada macrocena, unidade que compreende o conjunto de cenas produzido no texto. Constitui o contexto de referência para a interpretação dos textos.</p>
<p><b>4. Frames</b> - são os meios lingüísticos disponíveis de referência a aspectos da cena; e cada opção lexical e sintática reflete de uma certa perspectiva essa cena. Para Fillmore, a descrição semântica das expressões lexicais somente se pode fazer relativamente a uma única cena ou cenário conceptual.</p>	<p><b>5. Discurso</b> – produto fundamentado pelo contexto histórico, ideológico e social, cuja materialidade está assentada na língua.</p>
<p><b>6. Efeitos de Sentido</b> – são as várias possibilidades de significação que um signo lingüístico pode assumir durante um processo de interpretação, com base no contexto em que é enunciado.</p>	<p><b>7. Interpretação</b> - envolve muito mais que o processamento de significados tirados diretamente do texto. A interpretação de um discurso/texto somente é possível mediante a instanciação de cenas, isto é, pela ativação de conhecimento baseado em experiência de vida.</p>
<p><b>8. Linguagem</b> – sistema de conhecimento intimamente ligado a outros domínios cognitivos, ou melhor, é o resultante ou produto de experiência de mundo. Portanto, tem caráter dinâmico e está sempre intimamente ligada ao contexto ou à situação da enunciação.</p>	<p><b>9. Núcleo</b> – parte da sentença que contém o elemento predicativo e os termos a ele ligados. O elemento nuclear (predicativo) do SV pode ser um substantivo, verbo ou adjetivo.</p>

<p><b>10. Pragmática</b> – é o conjunto de conhecimentos a respeito da situação de enunciação, noção que inclui as mais variadas informações de campo contextual, das condições de uso em relação à dimensão contextual.</p>	<p><b>11. Semântica</b> - este trabalho tem como aporte teórico a teoria semântica de Fillmore designada “scenes and frames semantics”, cuja idéia parte da hipótese de que o aparato conceitual humano é constituído por conjuntos conceptuais internamente estruturados, e não por conceitos isolados. A significação apenas pode ser estabelecida se considerada dentro do contexto em que foi apresentada.</p>
<p><b>12. Scenes</b> – termo inglês para designar cena.</p>	<p><b>13. Sentido Básico</b> - é o sentido prototípico, cuja idéia é formada pelo significado visual familiar, significado de mundos comuns compartilhados por indivíduos semelhantes.</p>
<p><b>14. Significado</b> - o significado corresponde ao conceito do item lexical, os significados são formados mediante a interação do indivíduo com o mundo, ou seja, os significados são produtos de ordem cognitiva e social. Os significados somente podem ser descritos adequadamente tendo em conta a experiência de caráter individual, social, cultural e histórico e no contexto de determinadas estruturas de conhecimento.</p>	<p><b>15. Significação</b>- é de caráter individual, vez que é baseada no contato com o mundo e experiência física. A significação de uma unidade lingüística é uma estrutura conceptual convencionalmente associada a essa unidade e deve ser caracterizada relativamente a determinadas estruturas de conhecimento</p>
<p><b>16. Valência</b> – vem a ser o número de casas vazias implicadas por um item lexical. O termo valência inclui simultaneamente referência à forma de superfície das frases (sintática), contendo o verbo como núcleo, e os elementos e aspectos das cenas associadas (noção de cenas).</p>	

### 3 ANÁLISE QUALITATIVA

#### 3.1 Análise do Bloco de Enunciados na Língua 1

A análise qualitativa trata-se de uma análise interpretativa dos enunciados que compõem o corpus, tomando como elemento nuclear, ou predicador da oração, o verbo. O processo de análise foi realizado com base em dois grandes dicionários da Língua Portuguesa: o Dicionário Houaiss da língua portuguesa e o Dicionário de Verbos de Francisco S. Borba.

Pretende-se, com a análise, explicitar se os verbos mantêm seu sentido básico dentro do texto, a sua valência semântica e o contexto de ocorrência.

**Enunciado 1.** O Se você não (1) **está gostando** do tempo, (2) **espere** um pouco que ele (3) **muda**, (4) **costumam dizer** os moradores do sudeste do Alasca.

1. O verbo *estar* é um auxiliar, portanto tem função semântica restrita, servindo para indicar categoria de tempo, voz e aspecto. Os verbos auxiliares têm distribuição fixa: ligam-se por meio de preposição, ou não, a outro verbo, que obrigatoriamente estará no infinitivo, gerúndio ou particípio passado. Nesse contexto, o verbo *estar* está desempenhando papel de auxiliar, indicando aspecto cursivo (tempo). O sentido prototípico do verbo *gostar* seleciona um sujeito experienciador (E), evidenciado no exemplo acima pelo uso de *você*, e um objeto estático (Oe), que vem a ser *o tempo*. O verbo *gostar* com complemento de forma *de + nome* (não animado) significa, no contexto enunciativo em tela, *ter gosto em*.

[E, Oe]

2. O verbo *esperar* significa, em seu sentido básico, *ter esperança em alguém ou alguma coisa*, indica estado e, desse modo, seleciona um sujeito agente/experimentador (E) e um objeto (O). Porém, no contexto acima, o verbo seleciona um sujeito agente/experimentador (E), que seria o pronome *você* e que está apagado na sentença, um complemento de tempo (T), expresso acima pela expressão *um pouco*, e um objeto, também apagado, expresso por *o tempo*. O esquema casual resultante poderia ser assim representado:

[\*A, \*E, O, \*T] /A, E, T /apag.

3. Nessa cena, o predicador mudar é usado no sentido de *tomar outra direção ou natureza, alterar-se*, diferentemente do seu sentido prototípico, que vem a ser remover, deslocar. O predicador enquadra-se como sendo um verbo de processo, no contexto em foco acima, e seleciona um único complemento, que vem a ser um sujeito objeto (O), expresso por *ele*. Tem-se, assim, o seguinte esquema casual:

[O]

4. O verbo costumar está exercendo função de verbo auxiliar, precedendo a oração no infinitivo e dando uma noção de aspecto iterativo (repetição). O tempo indicado pelo auxiliar está controlando a ação. O verbo *dizer*, por sua vez, apresenta como significado básico *expor através de palavras (alguma coisa) a alguém, exprimir, enunciar*, e indica ação, selecionando, desse modo, um sujeito agente (A), que expõe um experienciador (E), que ouve o conteúdo exposto, e um objeto (O), que é o conteúdo exposto em si. Porém, nesse enunciado, tem-se apenas um sujeito agente (A), evidenciado por *os moradores*, um locativo(L), expresso por *do sudeste do Alasca*, e um objeto, que, no contexto em cena, encontra-se apagado. O esquema casual resultante é:

[A,\*E ,\*O,L]/E, O - apag.

**Enunciado 2.** Com um helicóptero à disposição, (6) **esperei** semanas, e não apenas alguns minutos, para que o tempo me (7) **deixasse instalar** uma câmera de controle remoto no topo de um montanha que (8) **dá** para a baía de Yakutat.

5. No contexto dessa cena, aparece novamente o predicador *esperar*, cuja conotação é *aguardar, estar à espera de*, indicando estado e selecionado um sujeito experienciador (E), o qual, no contexto acima, está apagado e que seria *eu*, e um objeto estático expresso por *semanas*. O esquema casual resultante pode ser assim descrito:

[\*E, Oe]/E-apag.

6. Acima, tem-se a locução verbal (*deixar*) *instalar*, que traz como essência o verbo *instalar*. O verbo *instalar* em seu sentido básico significa *colocar algo ou alguém em algum lugar em caráter duradouro*, entretanto, na cena extraída, pode-se ver que o predicador assume o significado de *dispor ou estabelecer algo segundo uma ordem definida, colocar, arranjar*. O verbo indica ação-processo com sujeito pronominal e seleciona um sujeito agente (A), expresso pelo pronome possessivo *me*, um objeto (O), que seria *a câmara de controle remoto*, e um locativo, expresso por *no topo de uma montanha*. Tem-se, a partir daí, a seguinte matriz casual:

[A, O, L]

7. O verbo selecionado é *dar*, cujo uso é bastante variado, por possuir muitos empregos inusitados, que podem, por vezes, caracterizar expressões idiomáticas, processos de metaforização e muitos processos polissêmicos. No contexto acima, o predicador está sendo usado no sentido de *ter vista ou ter saída*, conotação diferente do seu sentido prototípico, que vem a ser *pôr na posse, ceder, entregar, oferecer*, e que seleciona um sujeito agente (A) e dois complementos, sendo um objeto (O) e um beneficiário(B). Todavia, está indicando estado e, por isso, seleciona um sujeito objeto estático (Oe), no caso *no topo de uma montanha*, e um locativo(L), para a baía de Yakutat, donde resulta a seguinte matriz casual:

[Oe, L]

**Enunciado 3** -... Apesar da chuva, o piloto (9) **resolveu tentar** - e as nuvens se (10) **abriram** e (11) **revelaram** a paisagem mais espetacular que **vira** em minha vida.

8. Na cena acima, tem-se a locução verbal *resolver tentar*. O verbo *resolver*, em seu sentido básico, significa *decompor (-se) um corpo em seus elementos constituintes*. Porém, no enunciado, ele está sendo usado no sentido de *decidir*, podendo perfeitamente ser usado como *decidiu tentar, deu uma chance*. O verbo *tentar* está funcionando como modalizador, indicando a modalidade da ação (tentativa), apresenta como significado básico *empregar meios para conseguir algo, diligenciar, intentar* e é considerado verbo de processo. No contexto, optou-se por considerar a locução verbal *resolveu tentar* como sinônima do verbo *arriscar-se*, que significa *expor-se ao perigo*, indicando ação e selecionando um sujeito

agente causativo/experienciador e um complemento objeto, que, aqui, está apagado. O esquema casual resultante é, portanto:

[A, E, \*O]

9. O verbo abrir, em seu sentido básico, significa franquear (abertura ou passagem), afastando ou deslocando aquilo que veda ou fecha, e indica ação-processo, selecionando pela sua valência prototípica dois argumentos: um agente (A) e um objeto (O). No enunciado, o verbo indica abertura ou fenda e significa se descerrar, selecionando um sujeito agente causativo (as nuvens) e um objeto (O), expresso pelo pronome reflexivo – *se (as nuvens)*. Assim, pode-se dizer que o agente e o objeto são elementos correferenciais. O esquema casual é:

[A, O]

10. O predicador *revelar* é utilizado no contexto acima para dar idéia de *mostrar-se*, assim como seu sentido básico ou prototípico, que vem a ser *tirar o véu, deixar ver, tornar-se patente*. O verbo revelar é um verbo de ação-processo e seleciona dois complementos, sendo um sujeito agente causativo, que aqui está apagado e seria as nuvens, e um objeto, que vem a ser a paisagem mais espetacular. A explanação acima resulta no seguinte esquema casual:

[\*A, O]/ A - apag.

11. O significado prototípico atribuído ao verbo *ver* é *perceber pela visão, enxergar* e indica processo. O predicador *ver* seleciona um sujeito agente (eu), que está apagado e é correferente do caso experienciador da ação, e um complemento objeto holístico, que dá idéia de totalidade expressa pela expressão *em minha vida*.

[\*A, \*E, O]/A, E-apag.

**Enunciado 4** - A geleira Hubbard e o monte de mesmo nome (12) **erguiam-se** à frente; o fiorde Russell (13) **reluzia** à direita.

12. O verbo erguer está sendo empregado com o sentido de içar, levantar, subir e é classificado como um verbo de ação-processo, que seleciona um sujeito agente causativo e um complemento objeto. Por outro lado, analisando-se o verbo no contexto em foco, percebe-

se que ele está sendo empregado no sentido de estar colocado, estar em posição elevada, destacar-se. O predicador indica estado e seleciona um sujeito objeto (Oe), que vem a ser *A geleira Hubbard e o monte de mesmo nome*, e um locativo (L), expresso por *à frente*. Portanto, a matriz casual resultante é:

[Oe, L]

13. O verbo evidenciado é *reluzir*, que tem como significado básico *luzir muito, refletir luz, brilhar, resplandecer, luzir*. O predicador indica processo e seleciona um sujeito paciente/objeto, representado por *o fiorde Russell*, e um complemento locativo (L), que vem a ser a expressão *à direita*, donde resulta o esquema casual abaixo:

[O, L]

**Enunciado 5** – (14) **Foi** ali em 1890 que (15) **teve lugar** a primeira expedição patrocinada pela National Geographic Society (NGS).

14. O verbo selecionado na cena acima é o verbo *ser*, cujo uso é bastante variado, por possuir mais de um sentido básico e uma grande quantidade de usos inusitados, que caracterizam polissemia ou metáfora. Em seu sentido básico, é usado como predicativo para expressar ter qualidade, característica ou propriedade intrínseca. Porém, nessa oração, está desempenhando papel de topicalizador (*foi... que*), colocando em foco o componente oracional de local/lugar.

15. O verbo *ter* expressa, em seu significado básico, *entrar na posse de, receber*. É um verbo de estado, que seleciona um sujeito benefactivo (o ser que possui) e um objeto estático (o que é possuído). Contudo, no contexto enunciativo acima, a expressão *ter lugar* equivale aos verbos *realizar-se* ou *acontecer*. Se tomado o verbo *acontecer* como sinônimo da expressão *teve lugar*, encontrar-se-á tal verbo com significado básico *ser* ou *tornar-se realidade* no tempo e no espaço, como resultado de uma ação ou processo. O verbo *acontecer* é um verbo de processo, que seleciona um sujeito paciente objeto, designado pela expressão *a primeira expedição*, um complemento de tempo (*em 1980*), e um complemento locativo (O), expresso por *foi ali*. Daí o esquema casual que segue:

[O, L,T]



**Enunciado 6** – E o Fior de Russell (16) **foi batizado** com o nome do geólogo Israel C. Russell, outro fundador da NGS.

16. O verbo *ser* em destaque no enunciado acima está inserido com papel de auxiliar, em posição anterior ao verbo principal batizar, que está no particípio passado. O verbo batizar está sendo usado no sentido de *dar nome a, denominar* e é um predicador que indica ação-processo e seleciona um sujeito paciente benefactivo (B), que vem a ser o Fiorde Russell, um complemento objeto (O), que está expresso por *com o nome do geólogo...* Resulta a seguinte matriz casual:

**[O,B]**

\*Ou, ainda, um sujeito agente causativo (geólogo Israel C Russell) e um complemento objeto (o fiorde Russell)

**[A, O]**

**Enunciado 7** – **Publicado** em maio de 1891 o artigo sobre aquela expedição **atraiu** a atenção para o que se **tornaria** o Parque Nacionalde Wrangell-St. Elias.

17. O verbo publicar, em seu significado básico, indica tornar algo público, amplamente conhecido, divulgar, propagar. É um verbo de ação-processo, que seleciona um sujeito agente (A) causativo e um complemento objeto (O). Nesse enunciado, particularmente, o predicador indica, igualmente, ação-processo, porém seu uso é no sentido de editar, dar a estampa, dar a lume. O verbo seleciona um sujeito agente (A), que está apagado, e dois complementos, sendo um objeto (O), também apagado, que seria *o artigo*, e um complemento de tempo (T), expresso por *em maio de 1891*. Daí tem-se o seguinte esquema casual:

**[\*A, \*O, T]/ A, O-apag.**

18. O predicador *atrair* apresenta como sentido prototípico *trazer para si, fazer aproximar-se*. Porém, neste contexto de *atrair o olhar ou atenção* ele é usado com a conotação de *captar a atenção ou olhar de alguém*. O verbo atrair indica ação-processo e seleciona um sujeito

agente causativo (A), expresso por *o artigo*, um complemento objeto (O), identificado acima pela expressão *a atenção*. Assim, a matriz casual resultante é:

[A, O]

19. O verbo tornar-se indica processo na forma pronominal, com sujeito paciente/objeto, expresso por *o Parque Nacional de Wrangell*, e um complemento objeto (O), correferente do sujeito expresso pela partícula *-se*, donde resulta a seguinte matriz casual:

[O, O]

**Enunciado 8** – Anos atrás, nossa expedição Megatransect, na qual Mike Fay (20) **percorreu** 3.218 quilômetros através da África Central, (21) **contribuíra** para o surgimento de treze novos parques no Gabão.

20. O verbo *percorrer* possui como significado prototípico *passar ao longo ou através de*, diferentemente do sentido atribuído no enunciado acima, que corresponde a *perfazer, cumprir, completar*. É um verbo de ação, que seleciona um sujeito agente (Mike Fay) e dois complementos, sendo um complemento objeto (3.218 quilômetros) e um locativo (L), expresso por *através da África Central*. A matriz casual resultante é:

[A, O,L]

21. Ainda no mesmo enunciado, vislumbra-se o uso de outro predicador, o verbo *contribuir*, que, em seu sentido prototípico, significa *colaborar na execução de algo, cooperar, concorrer*. Ainda em seu sentido básico, o verbo cooperar é tido como verbo de ação, que seleciona um sujeito agente (A), um complemento beneficiário (B) e um complemento objeto (O). Porém, no contexto em que o verbo se encontra inserido, ele significa ter parte em determinado resultado e é classificado como verbo de estado, que seleciona um agente benefactivo (B), que seria *nossa expedição*, mas que está apagado no referido contexto, e um complemento objeto estático (Oe), expresso por *para o surgimento de treze novos parques no Gabão*. Portanto, o esquema casual é:

[\*B, Oe]/ B-apag.

**Enunciado 9** – E em 15 de junho de 2006, o presidente Bush **criou** o parque nacional marinho do noroeste do Havaí - com 362.6 mil quilômetros quadrados.

22. O verbo **criar**, em seu sentido prototípico, é classificado como sendo um verbo de ação–processo e significa *conceber, tirar aparentemente do nada, dar existência a*. O verbo seleciona um sujeito agente (A), expresso por *o presidente Bush*, um complemento objeto (O) e um complemento locativo (L), expresso por *noroeste do Havaí*. O esquema casual é a seguir depreendido:

[A, O,L]

**Enunciado 10** - Alguém na Casa Branca (23) **comentou** que Bush (24) **ficou encantado** com as fotos do Havaí publicadas em outubro de 2005.

23. O verbo *comentar* é um verbo de ação e significa *tornar inteligível ou interpretar por meio de comentário escrito ou falado*. Pode-se dizer que, no contexto acima, o verbo refere-se a *expressar, dizer em tom de comentário*. O verbo seleciona um sujeito agente (A), expresso por *alguém*, um complemento experienciador (E), evidenciado pelo nome *Bush*, e um complemento objeto (O), no caso a locução verbal *ficou encantado*. Portanto, a matriz casual é a seguinte:

[A, E, O]

24. A locução verbal “*ficou encantado*”, perspectivizada na cena acima, poderia ser substituída pelo verbalizador *encantar-se*. O verbo principal, ou seja, o verbo *encantar* significa *submeter (algo, alguém ou a si mesmo) à ação de encanto, feitiço ou magia, enfeitiçar*. Contudo, focado o contexto acima, percebe-se que o predicador está sendo usado no sentido de *tornar-se embevecido, atraído ou seduzido*. O verbo indica, dessa forma, processo e seleciona um sujeito paciente experienciador (E), no caso *o presidente Bush*, um complemento objeto (O), expresso por *as fotos*, e um complemento locativo (L), expresso por *do Havaí*. O esquema casual resultante é:

[E, O,L]

**Enunciado 11** – A avaliação das áreas protegidas em todo o mundo (25) é uma tarefa urgente.

25. O predicador *ser* é um verbo de estado, que seleciona um sujeito objeto estático (Oe), que vem a ser *a avaliação das áreas protegidas em todo o mundo*, e um complemento objeto estático (Oe), expresso por *uma tarefa urgente*. Assim, a matriz casual é:

[Oe, Oe]

**Enunciado 12-** Por isso, neste 118<sup>o</sup> aniversário de criação da revista, (26) estamos redobrando nosso comprometimento com a preservação.

26. O predicador *dobrar* significa duplicar, sendo que, na cena em destaque acima, o prefixo ligado ao verbo dá idéia de repetição. O verbo *estar* funciona como auxiliar de tempo (presente progressivo), sendo o verbo principal *redobrar*, que é um verbo de ação-processo e, por sua vez, seleciona um sujeito agente (A), expresso por *nós*, e um complemento objeto (O), expresso por *nosso compromisso*. O esquema casual resultante é:

[A, O]

### 3.2 Análise do Bloco de Enunciados na Língua 2

**Enunciado 1-** If you (1) **don't like** the weather, (2) **wait** a minute, locals in the southeast Alaska (3) **say**.

1- O verbo “*like*” possui como significado prototípico *gostar (de)*. O verbo *gostar* é um verbo de estado, pertencente ao campo semântico experimental, que seleciona um sujeito experienciador (você/you) e um complemento objeto estático (Oe), expresso acima por *o tempo/the weather*. Dessa forma, tem-se o seguinte esquema casual:

[E, Oe]

2- A cena acima perspectiviza o verbo “*wait*”, que significa *esperar alguém ou algo*, e é um verbo de estado, que seleciona um sujeito experienciador (você/you) e um complemento objeto estático (um minuto/*a minute*), sendo a matriz casual resultante abaixo especificada:

[\*E, Oe]/E-apag.

3- O verbo “say” tem como significado básico, de acordo com o dicionário Oxford Escolar, *dizer algo a alguém*. O verbo dizer, em português, é classificado como verbo de ação experimentativo (E) e seleciona, em seu sentido prototípico, um sujeito agente (A) (a vizinhança no sudoeste do Alasca), um complemento experienciador (E), expresso por *você/“you”*, que ouve o discurso/comunicação e que se encontra apagado na cena acima, e um complemento objeto (*wait a minute/espere um minuto*), também apagado, que é o conteúdo comunicado. Portanto, a matriz casual resultante é:

[A, \*E, \*O]/E,O-apag.

**Enunciado 2-** With a helicopter (4) on call, I (5) **'d waited** weeks, not minutes, for the weather (6) **to let up** enough (7) **to install** a remote camera on a cliff overlooking Yakutat Bay.

4- O verbo call, em seu sentido prototípico, significa grito, chamada. O verbo chamar é um verbo de ação-processo, que, por seu turno, seleciona um sujeito agente (a pessoa que chama) e um complemento experienciador (a pessoa que ouve o chamado), o que resultaria no seguinte esquema casual:

[A, E]

Na cena acima, a expressão “on call” significa *de plantão* e não se caracteriza como verbo, e sim como uma expressão idiomática.

5- A cena destaca o uso do verbo “wait”, que mantém o mesmo significado especificado acima, mas que, exatamente nesse contexto, está em um tempo verbal chamado Presente Perfeito, significando *ter esperado*. O referido tempo verbal é bastante complicado, especialmente para falantes da língua portuguesa, devido ao número de situações em que pode ser empregado e, especialmente, devido ao fato de não se contar com um tempo verbal como este em português (usualmente, faz-se uso do passado simples *esperei*, e não *tinha esperado*). O verbo *wait*, portanto, seleciona um sujeito experienciador (eu/I) e um complemento objeto (semanas/weeks). O esquema casual resultante é:

[E, O]

6- O verbo em perspectiva na cena acima é “*let up*”. Se o leitor do referido texto possui um pouco de conhecimento em Língua Inglesa, verá que o verbo simplesmente não dá conta do significado contextual e que se está diante de um caso de verbo frasal (Phrasal Verb), isto é, um verbo que constrói seu significado junto de uma preposição e que, se analisado individualmente (tradução palavra por palavra), não gera o mesmo sentido que lhe é atribuído usualmente dentro de um contexto. O verbo “*let*”, em seu significado básico, quer dizer deixar, permitir, e a preposição “*up*” significa, prototipicamente, para cima. Poder-se-ia, então, concluir, se analisada individualmente, tratar-se de uma expressão que significa deixar subir, porém esse significado não é, nem de perto, o real sentido atribuído à locução verbal, que se refere a fenômenos da natureza, mais especificamente ao tempo. “*Let up*” poderia ser traduzido como melhorar no sentido de tempo. Se alguma coisa como um tempo ruim ou uma situação desagradável “*let up*” ela pára ou se torna menos séria. Se levado em conta *let up* como sinônimo de melhorar, ter-se-á um verbo de processo, que seleciona um sujeito paciente objeto (o tempo/*the weather*) e está sendo usado no sentido de amainar, abrandar. A matriz casual é:

[O]

7- O verbo *install* significa instalar e é um verbo que indica ação processo. Nesse contexto específico, está sendo usado no sentido de alojar, colocar, e seleciona um sujeito agente (A), que está apagado, e um complemento objeto, expresso por *a câmara/ “the câmara”*, e um complemento locativo, expresso por *em uma colina/ “on a cliff”*. Portanto, pode-se depreender do exposto que a matriz casual é:

[\*A, O, L]/A-apag.

<p><b>Enunciado 3</b> - Despite relentless rain, the pilot finally (8) <b>gave it a go</b>.</p>
---

8- Novamente, o predicador é composto, ou seja, é uma locução verbal. O verbo *give*, na cena em perspectiva acima, está sendo usado no tempo passado e trata-se de um verbo irregular. O significado básico de *give* é *dar algo a alguém*. O verbo dar é de difícil análise, por possuir diversas nuances de significado, precisando, em razão disso, ser entendido dentro de um contexto maior. O verbo dar é um verbo de ação e seleciona um sujeito agente, um complemento benefactivo e um objeto, donde é tirado o seguinte esquema casual:

## [A, B, O]

O verbo *go*, por sua vez, significa ir, sendo seu significado também bastante complicado, em virtude das inúmeras possibilidades de ser utilizado, assumindo diferentes sentidos em diferentes situações/cenas. O verbo ir é um verbo de ação, que seleciona um sujeito agente e um locativo, que resultaria no seguinte esquema casual:

## [A,L]

Entretanto, o verbo “*give (sth.) a go*” é usado no sentido de *arriscar-se, dar uma chance, correr o risco*. Se analisado, ter-se-ia que optar por um sinônimo, como se arriscar, que se encaixa perfeitamente na macrocena. O verbo *arriscar* indica processo e é usado no sentido de *correr o risco, apresentar a possibilidade de*. O verbo seleciona um sujeito agente e experienciador (E), expresso por *o piloto/“the pilot”*, e um complemento objeto, expresso por *o vôo/it*. Poder-se-ia representar o esquema casual da seguinte maneira:

## [A, E, O]

**Enunciado 4-** As we (9) **flew** over the ridge, clouds (10) **broke** (11) **to reveal** the most spectacular landscape I’d ever (12) **seen**.

9- O verbo “*fly*” tem como significado básico voar e apresenta forma irregular “*flew*”, no pretérito. O verbo voar é um verbo que indica ação-processo e seleciona um sujeito agente (A), expresso pelo pronome *nós/“we”*, e um locativo (L), expresso por *acima/sobre o cume/“over the ridge”*. O sentido exercido pelo verbo nesta cena é viajar em aeronave, resultando na seguinte esquema casual:

## [A,L]

10- O sentido prototípico do verbo “*break*” é *quebrar*, porém, na cena em que verbo se encontra perspectivizado, o significado difere para virar, mudar (tempo). Portanto, o significado da cena fica completo, se considerado o verbo break como sendo virar o tempo, ou seja, as nuvens viraram/abriram-se/clarearam, mudando completamente o tempo.

Poder-se-ia admitir o verbo *virar* como sendo um verbo de processo, no sentido de mudar de direção. Nesse caso, o verbo seleciona um sujeito paciente objeto (as *nuvens*/"the clouds"). Daí tem-se o seguinte esquema casual:

[O]

11- O verbo "*reveal*" significa *revelar* e está sendo usado no sentido de mostrar-se, indicando ação-processo e selecionando um agente causativo, que está apagado e seria expresso por *as nuvens/the clouds*, e um complemento objeto, expresso por *a paisagem mais espetacular*/"the most spectacular landscape". Sendo a matriz casual resultante:

[\*A, O]/A-apag.

12- Salienda-se, ainda, no mesmo enunciado, o uso do verbo "*see*", que se encontra em sua forma no particípio (*seen*), já que o tempo verbal utilizado é o Passado Perfeito, que é formado por uma estrutura com o verbo "*had*" (ter/passado) + verbo (particípio passado), sendo que a ênfase que é dada à ação fica por conta do uso da expressão "*ever*" (em toda vida). O verbo *see* significa ver e, nesse contexto, está sendo usado com o sentido de visitar. O verbo indica processo e seleciona um sujeito experienciador (eu/I) e um complemento objeto, que está apagado na microcena (a paisagem). A matriz casual resultante é:

[A, E, \*O]

**Enunciado 5-** Hubbard Glacier and snow-clad Mount Hubbard (13) **loomed** ahead, Russell Fiorde (14) **gleamed off** to the right.

13- O verbo *loom* significa *surgir* e está sendo usado no seu sentido básico, porém no Pretérito Simples (*surgia/loomed*). O predicador indica processo e seleciona um sujeito paciente objeto (o glaciador e o monte) e um complemento locativo (à *frente*/ "*ahead*"), derivando a seguinte matriz casual:

[Oe, L]

14- A cena focalizada apresenta o verbo *Gleam off*, outro verbo frasal que deve ser considerado como um todo. O verbo está no Pretérito Simples e significa *brilhar, reluzir*. Se



tomado como referência para a análise o verbo *reluzir*, ter-se-á um verbo de processo, usado no sentido de *tornar-se reluzente ou brilhante, fulgurar, resplandecer*. O referido verbo seleciona um sujeito paciente objeto (Russell Fiorde) e um locativo (para a direita/“to the right”). Portanto, ter-se-á como esquema casual:

[O, L]

**Enunciado 6-** This (15) **is** National Geographic country, site of the society’s first expedition, in 1890.

15- O verbo “*is*” é uma das formas assumidas, no singular, pelo verbo “*To Be*” (ser/ estar), no Presente Simple, podendo, assim, ser traduzido, no contexto acima, como *ser*. O verbo *ser* é um verbo básico de estado, que, no caso em análise, seleciona um sujeito locativo (“*este/this*”) e um complemento objeto estático, sendo o resultado o esquema de casos abaixo:

[L, Oe]

**Enunciado 7-** Mount Hubbard and its Glacier (16) **are named** after Gardiner Greene Hubbard, the society’s first president.

16- Novamente, o verbo “*To Be*” aparece perspectivizado, mas, desta vez, trata-se de sua forma no plural seguida do verbo “*name*” (nomear, chamar) no particípio passado. O significado assumido pela locução verbal poderia ser traduzido como *ser nomeado, nomear, chamar*. Tome-se para a análise o verbo nomear, então tem-se um verbo de ação–processo, com sujeito paciente objeto (o monte e o glacial) e um complemento benefactivo (O primeiro presidente da sociedade). Dessa forma, o esquema casual resultante é:

[O, B]

**Enunciado 8-** Russell Fiorde (17) **bears** the name of geologist Israel C. Russell, another society founder.

17- O verbo “*bear*” significar levar (nome), no sentido de *ter ou ser portador de*. É um verbo que indica, no contexto em tela, estado e seleciona um sujeito benefactivo (Russell Fiorde) e um complemento objeto (o nome do geólogo/“*the name of the geologist*”). O esquema casual resultante é:

**[O,B]**

**Enunciado 9-** The May 1891 article on that expedition (18) **called** attention to what would become Wrangell-St National Park.

18- A cena acima tem como predicador o verbo “*call*”, que significa *chamar*, porém o significado a ser atribuído, no caso, é *fazer, trazer, exercer atração sobre*. O verbo indica ação-processo e seleciona um sujeito agente causativo (o artigo) e um complemento objeto (a atenção). Pode-se assim representar o esquema casual:

**[A, O]**

**Enunciado 10-** In 1916, we (19) **helped** (20) **save** another magnificent landscape:

19- O predicador em destaque na cena acima é o verbo *help*, que, em sua forma básica, possui o significado *ajudar*. O verbo encontra-se no tempo passado, o que se pode notar pelo uso do sufixo “*ed*”. Percebe-se que, nesse contexto, o verbo *ajudar/help* adquire o significado de *favorecer, tornar mais fácil, facilitar a realização de* e indica ação-processo, selecionando dois complementos, sendo um sujeito agente (A) causativo (nós/*we*) e um complemento objeto, que pode ser apagável ou não, expresso pela oração infinitiva *salvar outra magnífica paisagem/“save another magnificent landscape”*.

20- O verbo *salvar/save*, por sua vez, desempenha um papel não menos importante que o do verbo *ajudar/help*. O sentido básico de *salvar/save* é *salvar alguém/alguma coisa*. O verbo está sendo usado no sentido de *salvaguardar*, indica ação-processo e seleciona um sujeito agente causativo, expresso por nós/*we*, e um complemento objeto/beneficiário, expresso por *outra paisagem magnífica/“another magnificent landscape”*. Portanto, a matriz casual resultante será:

**[A, O, B]**

**Enunciado 11-** More recently, our coverage of Mike Fay's 2,000-mile Mega transect through central Africa (22) **resulted** in 13 new National parks in Gabon.

22- O verbo perspectivizado na cena acima é o verbo *result*, que, em seu sentido básico, significa *resultar, originar*. O verbo *resultar* indica processo e está sendo usado no sentido de *vir a ser, transformar-se, redundar*. O verbo seleciona um sujeito paciente objeto (O), aqui expresso por *nossa cobertura/our coverage*, e um complemento objeto (O), expresso por *em 13 novos parques nacionais no Gabão/“in 13 new national parks in Gabon”*. O esquema casual que resulta é:

[O, O]

**Enunciado 12-** And, on June 15, 2006, President Bush (23) **announced** creation of the Northwestern Hawaiian Islands Marine National Monument- at 140,000 square miles, an area greater than all of America's national parks combined.

23- A cena focalizada inclui o predicador “*announce*”, que evoca o sentido de *anunciar, tornar público*. O verbo *anunciar* indica ação-processo e seleciona um sujeito agente (A), expresso, no enunciado acima, por *o presidente Bush/“President Bush”*, e um complemento objeto (O), indicado por *a criação do monumento nacional da ilha marinha do noroeste do Havaí/creation of the Northwestern Hawaiian Islands Marine National Monuments*, e, ainda, seleciona um argumento de tempo (T), expresso por *em 15 de junho de 2006/“on June 15, 2006”*. O esquema casual resultante pode ser assim representado:

[A, O, T]

**Enunciado 13-** A White House aide (24) **said** that the President and First Lady had been amazed by the photos of the Northwest Hawaiian Islands that (25) **appeared** in the October 2005 Geographic.

24- Um dos verbos evidenciados na cena é o verbo *say*, em sua forma conjugada no Pretérito Simples *said* (irregular). Este verbo apresenta como sentido básico *dizer algo a alguém*. O seu uso é aqui indicado como uma expressão “*diz que*”, que caracteriza *comentário* ou que *corre*

*o boato*. O verbo dizer está indicando ação e seleciona um sujeito agente (A), expresso por *uma ajudante/“aide”*, um complemento experienciador, que, no enunciado acima, está apagado, um complemento objeto (O), expresso por *que o presidente e a primeira dama ficaram admirados com as fotos/“that the president and the First Lady had been amazed by the photos”*, e um locativo (L), expresso por *do noroeste das ilhas Havaianas/“of the Northwest Hawaiian Islands”*. Tem-se, então, a seguinte matriz casual:

[A, \*E, O, L]/ E-apag.

25- O outro verbo em destaque no enunciado acima é o verbo *appeared*, que tem como significado básico *aparecer*. O verbo *aparecer* é um verbo de processo, que seleciona um sujeito paciente objeto (O), que seria *as fotos/“the photos”*, um complemento de tempo (T), *em outubro de 2005/“in October 2005”*, e um complemento locativo, expresso por *Geographic*, o que resulta na seguinte matriz casual:

[O, O, L]

**Enunciado 14-** To (26) **examine** the state of the world’s protected areas (27) **is** a pressing mandate.

26- O verbo *examine* significa *examinar*, que, por sua vez, indica ação e seleciona um sujeito agente (A), que, no enunciado acima, está apagado, e um complemento objeto (O), expresso no enunciado acima por *o estado das áreas protegidas do mundo/“the state of the world’s protected areas”*, sendo o esquema casual representado abaixo:

[\*A, O]/A-apag.

**Enunciado 15-** Will they (28) **be** there for the future generations?

27- O segundo predicador do enunciado acima é o verbo *To be (is)*, cujo significado básico vem a ser *ser ou estar*. Especificamente, no contexto acima, o predicador assume o significado do verbo *ser* e está sendo usado como uma construção intensiva, já que faz preceder o adjetivo de um artigo indefinido: *é uma urgência/“is a pressing mandate”*.

28- Novamente, o predicador em destaque na cena acima é o verbo *To be*, em seu aspecto no futuro, vez que se tem o uso do auxiliar “*will*”, indicando um futuro possível ou provável. O verbo “*to be*” assume o sentido do verbo estar, compondo um predicativo estativo de transitoriedade, isto é, o predicado refere-se ao sujeito como algo não-essencial e passageiro. Aqui, o verbo estar indica estado e seleciona dois argumentos, sendo um sujeito objeto (Oe), expresso pelo pronome *elas/they* (as áreas), e um complemento locativo (L), expresso por *lá/there*. Portanto, o esquema casual é:

[Oe, L]

**Enunciado 16-** In this 118th year of the magazine’s publication, we at National Geographic (29) **are redoubling** our commitment to ” places we must save”.

29- O verbo “*double*”, em seu sentido básico, significa *duplicar ou dobrar*, e o prefixo “re-” dá idéia de repetição, sendo que, portanto, o verbo em questão seria *redobrar*. Porém, o verbo citado está no gerúndio (-ing) e é antecedido pelo verbo *To be* (are), o que sugere uma ação no presente progressivo/contínuo. Assim, se tomado para análise o verbo *redobrar*, poder-se-á afirmar se tratar de um verbo de ação-processo, que seleciona um sujeito agente (A), expresso por *nós/“we”*, e um complemento objeto (O), expresso por *nosso compromisso/our commitment*. O esquema casual resultante é:

[A, O]

### 3.3 Quadro Comparativo dos Enunciados da Língua 1 e Língua 2

Língua Portuguesa	Língua Inglesa
1. Se você não <b>está gostando</b> do tempo, <b>espere</b> um pouco que ele <b>muda, costumam dizer</b> os moradores do sudeste do Alasca.	<i>If you <b>don't like</b> the weather, <b>wait</b> a minute, locals in the southeast Alaska <b>say</b>.</i>

1. Em ambas as sentenças, na língua 1 e língua 2, percebe-se o uso de orações condicionais. Porém, há uma diferença quanto ao tempo utilizado para expressar uma mesma idéia. Em inglês, as orações condicionais podem expressar três tipos de relações semânticas, são elas: relação condicional factual, relação condicional futura e relação condicional imaginativa. No

caso acima, tem-se o exemplo de uma oração condicional factual habitual, ou seja, uma relação que se estabelece por ser de caráter típico ou habitual/rotineiro. Tal estrutura é bastante usada em conversas e comentários, e ambas as orações devem estar no mesmo tempo: no caso, presente simples, já que se refere a um período de tempo presente. Já no português, a escolha mais apropriada é o uso do presente progressivo/contínuo, para dar uma idéia de discurso realizado de forma direta, exatamente da forma como é dito pelos moradores.

Quanto ao uso dos verbos, na língua 1 contamos com quatro verbos e na língua dois fazem-se necessários apenas três. Outra característica bastante importante é que o verbo *gostar/like* conta com o mesmo esquema casual em ambas as línguas, sendo um **E** e um **Oe**. O verbo *esperar/wait* também apresenta o sujeito agente experienciador apagado, em ambas as línguas, e um objeto também apagado, na cena acima. Portanto, conta-se com esquemas casuais correspondentes em ambas as línguas, sendo que a única diferença é que a expressão “*espere um minuto/wait a minute*” já subentende a idéia de algo que pode ser modificado, enquanto que, no português, faz-se necessário o uso explícito do verbo mudar, para que a mensagem seja adequadamente, de acordo com o estilo da revista, transmitida.

<p>2. Com um helicóptero à disposição, <b>esperei</b> semanas, e não apenas alguns minutos, para que o tempo me <b>deixasse instalar</b> uma câmera de controle remoto no topo de uma montanha que <b>dá</b> para a baía de Yakutat.</p>	<p><i>With a helicopter <b>on call</b>, I'd <b>waited</b> weeks, not minutes, for the weather <b>to let up</b> enough to <b>install</b> a remote camera on a cliff overlooking Yakutat Bay.</i></p>
--	---

2. No enunciado acima, conta-se com o mesmo número de verbos em ambas as línguas, porém não se têm esquemas casuais exatamente correspondentes. Primeiramente, vê-se que o predicador “*call*” não está desempenhando papel de verbo, por estar antecedido da preposição “*on*”. O verbo *esperar/wait* apresenta o sujeito experienciador apagado da cena, isto é, implícito, podendo ser recuperado pela conjugação do verbo. Já, em inglês, ele está expresso pelo pronome eu/I e seleciona o mesmo complemento objeto.

O grande destaque vai para o uso de dois verbos completamente diferentes, que são deixar e melhorar. O verbo deixar, usado pela versão portuguesa, refere-se a possibilitar, permitir a realização de algo (instalar a câmera), já o verbo melhorar/let up refere-se à mudança de algo (especialmente fenômenos da natureza) para melhor, transformação.

Conclui-se haver enfoques diferentes: na versão portuguesa, o verbo enfatiza o sujeito, está voltado para a pessoa que vai realizar a ação, a possibilidade do sujeito realizar algo. Já, na versão em inglês, o verbo está focado no fenômeno natural, o tempo deve sofrer uma transformação, mudar seu estado, daí a diferença estabelecida entre as matrizes casuais.

O terceiro predicador do enunciado em análise, *instalar/ "install"*, resultou em esquemas casuais similares, porém o sujeito agente, na língua 2, encontra-se apagado da cena, sendo somente os outros dois complementos (objeto e locativo) parte da mesma.

O quarto predicador está presente apenas na versão em português. O verbo dar no sentido de “*ter vista ou saída para algum lugar*” é substituído pela expressão “*overlook*”, que exerce conotação de *algo localizado de frente para algum lugar*, não podendo, portanto, ser analisado ou exercer conotação de verbo.

3. Apesar da chuva, o piloto <b>resolveu tentar</b> - e as nuvens se <b>abriram</b> e <b>revelaram</b> a paisagem mais espetacular que <b>vira</b> em minha vida.	<i>Despite relentless rain, the pilot finally <b>gave it a go</b>. As we <b>flew</b> over the ridge, clouds <b>broke to reveal</b> the most spectacular landscape I'd ever <b>seen</b>.</i>
---	---

3. Na cena acima, destaca-se o uso do verbo resolveu tentar como sinônimo de arriscou-se, tanto na língua 1, como na língua 2, o que resultou num esquema casual similar em ambas as línguas, contando com um sujeito agente/experienciador e um complemento objeto, que, na versão portuguesa, está apagado e , na cena focalizada, na versão inglesa, está explícito pelo uso do pronome ele/“*it*”.

A versão em inglês consegue dar ênfase bem maior e tenta transpor o leitor ao local da ação (enquanto nós voávamos sobre o rio...), fazendo com que ele imagine ou figure em sua mente o vôo e consiga entender/sentir a relevância daquele momento, toda a beleza. Já, em português, a maneira como é descrita a cena é dada de forma mais direta, partindo diretamente para o fato em si.

A matriz casual seria a mesma, não fosse o fato do parâmetro do sujeito nulo, que está expresso em inglês, dado o valor negativo do parâmetro, ou seja, o parâmetro que torna obrigatório a presença do complemento objeto (O) na oração em inglês e que permite seu apagamento na oração em português.

O verbo “break” teve que sofrer adaptações, para que fosse captado seu possível significado dentro da oração em análise. A partir daí, chegou-se à conclusão de que se referia

a uma transformação de cunho climático, sendo traduzido como “virar, mudar de direção”, que seleciona um sujeito paciente objeto, em inglês, no caso em análise, expresso por *as nuvens* / “*the clouds*”. Já, em português, o verbo *abrir* está indicando ação-processo e seleciona sujeito e complemento agente (A)/objeto (O), respectivamente, correferenciais e verificados na oração por *as nuvens* e pelo uso do pronome reflexivo *-se*.

Na cena a seguir, percebe-se o uso do predicador revelar/reveal indicando ação-processo e selecionando um sujeito agente causativo apagado, em ambas as línguas 1 e 2, e um complemento objeto, expresso por *a paisagem mais espetacular* / “*the most spectacular landscape*”, resultando em uma mesma matriz casual.

A última cena em análise neste enunciado destaca o predicador ver, que, por sua vez, seleciona o sujeito agente/experienciador correferente e um complemento objeto (O), que, em português, classifica-se como objeto holístico, expresso por *em toda minha vida*, e que, em inglês, está apagado, porém subentendido pelo uso da expressão “*ever*”, que, em português, significa *em toda vida*.

4. A geleira Hubbard e o monte de mesmo nome <b>erguiam-se</b> á frente; o fiorde Russel <b>reluzia</b> à direita.	<i>Hubbard Glacier and snow-clad Mount Hubbard loomed ahead; Russell Fiord gleamed off to the right.</i>
--	--

4. Têm-se, no enunciado acima, dois verbos usados com o mesmo sentido, porém com traduções diferentes, sendo, em português, utilizado o verbo *erguer* e, em inglês, o verbo *surgir* / “*loom*”, no passado (-ed). Apesar disso, são verbos com significados sinônimos e selecionam, em ambas as línguas, uma mesma matriz casual, que seleciona um sujeito objeto (A *geleira Hubbard e o monte de mesmo nome* / “*Hubbard Glacier and snow-clad Mount Hubbard*”) e um complemento locativo (à *frente* / “*ahead*”).

A segunda cena do enunciado em análise evidencia o verbo reluzir, que, em inglês, é classificado como verbo frasal, por ser formado de um verbo (“*gleam*”) mais uma preposição (“*off*”). Pode-se perceber que o verbo é utilizado no Pretérito, em ambas as línguas, e que seleciona o mesmo esquema casual, formado por um sujeito objeto (O), no caso acima *o fiorde Russell* / “*Russell Fiord*”, e um complemento locativo (L), expresso por *à direita* / “*to the right*”.

5. Foi ali, em 1890, que <b>teve</b> lugar a primeira expedição <b>patrocinada</b> pela <i>National Geographic Society</i> (NGS).	<i>This is National Geographic Contry, site of the Society's first expedition, in 1890.</i>
---	---



5. A seleção lexical do enunciado acima carrega, mesmo que inconscientemente, fortes traços do patriotismo exarcebado presente no povo americano. A frase “*This is National Geographic country...*” provoca uma mescla de emoção, com certo tom dramático, enfático, tocante ou comovente, bem como, em português, poderia ser assim traduzida “Este é a **terra** da National Geographic...” Tal sensação é evidenciada pelo uso da palavra *terra* / “*country*”, como local ou localidade onde algo/alguém teve início/origem/nasceu. Porém, em português, essa dramaticidade é amenizada pelo uso de itens lexicais e estrutura sintática diferentes, já que não se trata de uma área pertencente ao solo brasileiro, nem de uma sociedade originária no Brasil. Muito provavelmente, essa foi a maneira encontrada pelo jornalista ou tradutor de expressar fato que não possui ligação direta com o povo brasileiro.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a escolha por parte dos jornalistas/tradutores do tempo verbal a ser utilizado na oração. Na versão em português, o jornalista utiliza o verbo no pretérito para mudar o enfoque, ou seja, o fato de ter sido usado, em inglês, o verbo no presente preserva a ação até o momento/tempo atual, ao passo que a opção do pretérito reflete algo que já está acabado, que aconteceu e não mais persiste. Pela análise contrastiva, é possível afirmar-se que a leitura feita por um tradutor nunca é realizada de maneira ingênua, além de carregar em si um tom de criticidade, despertada pelo seu conhecimento prévio e por inferências de sua própria cultura.

6. O nome do monte e de sua geleira é uma homenagem a Gardiner Greene Hubbard, o primeiro presidente da NGS.	<i>Mount Hubbard and its glacier are named after Gardiner Greene Hubbard, the Society's first president.</i>
--	--

6. Novamente, têm-se enunciados em que a escolha lexical ocorre de maneira distinta. A expressão em inglês “to be named after” não poderia ser traduzida literalmente, pois deve sê-lo como um todo, e significa *levar/ganhar o nome de alguém/algo*, podendo, então, o enunciado ser traduzido como *O monte Hubbard e seu glaciar levam o nome de Garnier Greene Hubbard, o primeiro presidente da Sociedade.*

Já, em português, a expressão utilizada é “*é uma homenagem*”, que vem a ser bastante formal, sinônimo da consagração de uma certa pessoa por suas realizações, no caso o ato de ter fundado a Sociedade National Geographic. Aqui, tem-se, portanto, um grau maior de formalidade expresso na versão em português da revista.

7. E o fiorde Russel foi batizado com o nome do geólogo Israel C. Russel, outro fundador da NGS.	<i>Russell Fiord bears the name of geologist Israel C. Russell, another Society founder.</i>
--	--

7. A expressão “ser batizado” está sendo usada no sentido de “ser denominada”, implicando no significado de *passar a pertencer a determinado grupo, seita, partido*. A versão em inglês apresenta o verbo “*bear*”, que significa “*levar*” e está dando uma idéia de *obter como recompensa, favor ou sorte*.

Ou seja, a versão em português está mais voltada para a idéia de que o Fiorde Russell *passou a pertencer/foi tomada/teve origem/tornou-se conhecida* por um dos fundadores da Sociedade. Por outro lado, a versão em inglês enfatiza o trabalho e a importância do geólogo Israel C. Russell, que deixou um legado como forma de recompensa ao povo do Alasca.

Ambas as línguas utilizam verbos que selecionam um sujeito objeto (O) e um complemento benefactivo (B).

8. Anos atrás, nossa expedição Megatranssect, na qual Mike Fay <b>percorreu</b> 3.218 quilômetros através da África Central, <b>contribuíra</b> para o surgimento de 13 novos parques no Gabão.	<i>More recently, our coverage of Mike Fay’s 2,000-mile Mega-transsect through central Africa resulted in 13 new National Parks in Gabon.</i>
---	---

8. Mais uma vez, a opção por um determinado tempo verbal faz com que se possam tirar conclusões acerca do modo como as informações são transmitidas. O uso, em português, de verbos e expressões no pretérito faz com que o enunciado passe idéia de algo histórico, que já não possui mais tanta relevância. A versão em inglês, no entanto, confere ao artigo idéia de algo real, que está intrinsecamente conectado ao presente, como há na frase “*Mais recentemente, nossa cobertura megatranssect das 2.000 milhas de Mike Fay através da África Central...*”, diferentemente da versão em português, a qual diz: “*Anos atrás, nossa expedição Megatranssect, na qual Mike Fay percorreu 3.218 quilômetros através da África Central...*”.

Destarte, o autor-tradutor deseja lembrar a informação, de maneira a destacar sua relevância e torná-la menos distante. Outro fato que permite inferir algo relativo a posições adotadas pelos jornalistas é a escolha dos verbos nos enunciados acima. O verbo *contribuir*, da edição em português, é usado no sentido de amenizar a ação, uma vez que *contribuir* significa *ter parte em determinado resultado*. A edição em inglês, por seu turno, traz o verbo

*resultar*, que implica *transformar-se*, *reverter-se*, *converter-se* ou *ser a consequência*. Em resumo, na versão em inglês, a criação dos parques deu-se devido ao dinheiro arrecadado pela expedição, enquanto, na em português, a expedição teve somente uma parte de contribuição na criação dos parques. Ambos os enunciados possuem verbos que selecionam um complemento objeto.

9. E em 15 de junho de 2006, o presidente Bush <b>criou</b> o Parque Nacional Marinho do Noroeste do Havaí - com 362,6mil quilômetros quadrados uma área maior que a soma de todos os parques americanos.	<i>And, on June 15, 2006, president Bush <b>announced</b> creation of the Northwestern Hawaiian Islands Marine National Monument-at 140,000 square miles , an area greater than all of America's National Parks combined.</i>
---	---

9. Os verbos, das cenas em destaque, são novamente escolhidos tendo em conta políticas particulares de cada país. No enunciado em português, a notícia é dada direta e claramente, ao passo que, em inglês, o jornalista/autor salienta a importância que é dada ao povo americano e ao papel do presidente, frente a essa realidade. O autor utiliza, em inglês, o verbo *anunciar a criação*/"*announced creation*", ou seja, o presidente da nação prestou contas ao povo e anunciou à nação a criação de parques marinhos no Havaí. A matriz casual resultante dos verbos não é a mesma, por se tratar de verbos diferentes (anunciar/criar), porém ambos selecionam um sujeito agente (A) e um complemento objeto (O).

10. Alguém na Casa Branca <b>comentou</b> que Bush ficou encantado com as fotos do Havaí publicadas em outubro de 2005.	<i>A White House aide <b>said</b> that the president and the First Lady had been amazed by the photos of the Northwest Hawaiian Islands that <b>appeared</b> in the October 2005 Geographic.</i>
---	--

10. No trecho, nota-se que várias informações foram omitidas e poder-se-iam citar algumas razões para isso ter acontecido, como falta de espaço, pois a diagramação é previamente estabelecida, cabendo ao tradutor trabalhar para que sejam repassados somente os fatos mais relevantes para determinada cultura; informação de caráter desnecessário; falta de envolvimento de um país em determinado fato/informação (distanciamento/aproximação do leitor) e outros. Nesse trecho, o fato da primeira-dama ter, igualmente, impressionado-se com as fotos publicadas parece ter caráter irrelevante, considerando que o protagonista vem a ser o presidente Bush, e não sua esposa.

Os verbos utilizados também diferem, sendo a primeira cena focada pelo verbo *comentar*, em português, e *dizer*/"*say*", em inglês. O fato de o autor ter utilizado o verbo *comentar* dá a idéia de algo negativo, já que o verbo, por si só, carrega o significado de *tecer*

*observações mais ou menos malévolas/maliciosa*, algo carregado com um tom crítico ou negativo. A versão em inglês traz o verbo *dizer*/"say", que significa *informar ou afirmar oralmente ou por escrito*, dando à frase um tom mais positivo, correto, verídico.

11. A avaliação das áreas protegidas em todo mundo é uma tarefa urgente.	<i>To examine the state of the world's protected areas is pressing mandate. Will they be there for future generations?</i>
--	--

11. Mais uma vez, o autor/tradutor omite informações irrelevantes, que trazem um alerta, com certa dose de dramaticidade, aos leitores, pelo questionamento presente na versão em inglês: *Elas (as áreas protegidas) estarão lá para as gerações futuras?/"Will they be there for future generations?"*. Na versão em português, o autor/tradutor destaca somente a informação mais relevante, ou seja, o alerta de que devem ser tomadas atitudes em relação às áreas verdes de todo o mundo.

12. Por isso, neste 118º aniversário da criação da revista, <b>estamos redobrando</b> nosso comprometimento com a preservação.	<i>In this 118-year of the magazine's publication, we at National Geographic are <b>redoubling</b> our commitment to "Places We Must Save."</i>
--	---

12. Finalmente, a informação de comprometimento da sociedade NGS frente a assuntos de cunho ecológico e de preservação *aos locais que devem ser salvos/"places we must save"* e, simultaneamente, lembrando o leitor acerca da tradição de uma revista com mais de um século. A informação presente no fim do artigo é de extrema relevância, pois melhora o ponto de vista do mundo acerca do posicionamento dos Estados Unidos perante questões de cunho de preservação dos recursos naturais. Ao mesmo tempo em que dá ao leitor uma maior segurança, isso por ter em mãos uma revista indiscutivelmente vitoriosa por mais de um século.

Os esquemas casuais resultantes são idênticos, por contarem com os mesmos verbos nos mesmos tempos verbais, sendo que os verbos selecionam um sujeito agente (A) e um complemento objeto (O).

### 3.4 Quadro de Predicadores nas Línguas 1(Portuguesa) e2 (Inglesa)

Língua Portuguesa	Língua Inglesa
1.Está gostando (presente progressivo)	1.Don't like (presente simples)
2.Espere (presente simples)	2.Wait (presente simples)
3.Muda (presente simples)	
4.Costumam dizer (presente simples) (Auxiliar = ação habitual)	3.Say (presente simples)
5.Esperei (pretérito)	4.Had waited (passado perfeito)
6.Deixasse Instalar (pretérito)	5.Let up to install (presente simples)
7.Resolveu tentar	6.Gave a go (passado simples)
	7.Flew (passado simples)
8.Abriram (pretérito)	8.Broke (passado simples)
9.Revelaram (pretérito)	9.To Reveal (infinitivo)
10.Vira	10.Had seen (passado perfeito)
11.Erguiam-se (pretérito)	11.Loomed (passadosimples)
12.Reluzia (pretérito)	12.Gleamed off (passado simples)
13.Foi (pretérito)	13.Is (presente simples- To be)
14.Teve (pretérito)	
	14.Are named (presente simples)
15.Foi batizado (pretérito)	15.Bears (presente simples)
16.Publicado (particípio)	
17.Atraiu (pretérito)	16.Called (passado simples)
	17.Helped (passado simpes)
	18.Save (presente simples)
	19.Made up (passado simples)
18.Percorreu (pretérito)	
19.Contribuía	20.Resulted (passado simples)
20.Criou (pretérito)	21.Anunciou a criação (passado simples)
21.Comentou (pretérito)	22.Said (passado simples)
22.Ficou encantado	23.Had been amazed (passado perfeito)
23.Publicadas	24.Appeared (passado simples)
	25.To examine (infinitivo)
24.É (presente)	26.Is (presente simples- To be)
	27.Will be (futuro)
25.Estamos redobrando	28.Are redoubling (presente progressivo)

#### 4 APRECIÇÃO DOS RESULTADOS

A realização de um estudo comparativo entre diferentes línguas pode ser considerada um tanto desafiadora. Porém, restou comprovado pela análise que, além de possível, o estudo comparativo ajuda a entender o grau de relevância desempenhado por áreas como a semântica e a pragmática no ensino de línguas.

Primeiramente, pode-se destacar o fato de que o número de verbos/predicadores se mostrou bastante diferente de uma língua para a outra: na Língua Portuguesa, contou-se com vinte e cinco verbos/locuções verbais, enquanto, na Língua Inglesa, com vinte e oito verbos/predicadores. Pôde-se constatar que vários enunciados analisados apresentaram um número bem maior de itens lexicais na Língua Portuguesa, como por exemplo:

*“Se você não está gostando do tempo, espere um pouco que ele muda, costumam dizer os moradores do sudeste do Alasca .”*

Já, na Língua Inglesa, tem-se:

*“If you don’t like the weather, wait a minute, locals in the southeast say.”*

Esse fato deixa claro que a Língua Inglesa apresenta uma estrutura canônica prolixa em seu aparato morfossintático, ressaltando-se, por outro lado, a riqueza lexical da Língua Portuguesa.

Outra hipótese confirmada foi a de que os traços culturais e ideológicos estão presentes nas matérias e edições de cada país. Muitos enunciados apresentaram apenas traços descritivos na Língua Portuguesa, ao passo que, em inglês, as mesmas idéias foram enfatizadas, quer através do uso de expressões intensificadoras, quer por detalhes acerca da notícia, como pode ser verificado nos enunciados abaixo:

1. “Apesar da chuva o piloto resolveu tentar – e as nuvens se abriram e revelaram a paisagem mais espetacular que vira em minha vida.”	1. “Despite relentless rain the pilot finally gave it a go. <b>As we flew</b> over the ridge the clouds broke to reveal the most spectacular landscape <b>I’d ever seen</b> ”
2. “Alguém na Casa Branca comentou que Bush ficou encantado com as fotos do Havaí publicadas em outubro de 2005.”	2. “A White House <b>aide</b> said that the President and the <b>First Lady</b> had been <b>amazed</b> by the photos of the Northwest Islands that appeared in the October 2005 Geographic.
3. “Foi ali em 1890 que teve lugar a primeira expedição patrocinada pela National Geographic Society (NGS)”	3. “ <b>This is the National Geographic country</b> , site of the society’s first expedition.”
4. “E em 15 de junho de 2006, o presidente Bush criou o parque nacional marinho do noroeste do Havaí – com 362.6 mil quilômetros quadrados.”	4. “And, on June 15, 2006, President Bush <b>announced</b> creation of the Northwestern Hawaiian Islands Marine National Monument-at 140,000square miles, <b>an area greater than all of America’s national parks combined.</b> ”

No primeiro exemplo, o tempo escolhido para a formação do enunciado em inglês, o presente perfeito combinado com a palavra “*ever*”, confere ao enunciado um dom dramático, de algo que jamais tinha sido visto em toda a sua vida, no caso, vida do narrador. Ele descreve, também em inglês, o instante do vôo em que avistou, utilizando a expressão “*As we flew over the ridge...*”. Na versão em português, o tradutor, por sua vez, limita-se a descrever o evento em si, sem dar muita ênfase ao momento.

Já, no segundo exemplo, algumas informações são omitidas, como o fato da primeira dama americana também ter ficado impressionada pelas fotos mostradas na revista, fato que seria de pequena relevância para o público brasileiro, uma vez que, aqui, não se costuma exaltar atitudes ou informações relativas ao Governo americano, bem como a família do Presidente, especialmente em se tratando de um cuja vida política é bem pouco festejada pelo mundo afora.

O terceiro exemplo apresenta um tom um tanto patriótico, característica bastante peculiar dos americanos. O enunciado sugere que “this is the National Geographic country...”, ou seja, “esta é a terra da National Geographic...”, dando idéia de propriedade/identidade ao local em que foi realizada a primeira expedição da Sociedade National Geographic. Já, em português, o autor/tradutor revela o fato de maneira clara e objetiva, dizendo “foi ali que teve lugar a primeira expedição...”, sem maiores delongas.

O quarto exemplo se refere, mais uma vez, ao poder do presidente frente aos demais, à sua força e capacidade de bem administrar, o que, por vezes, é bastante questionado em outros países e povos. Contudo, deve-se ter em mente que a revista é de grande alcance e, por isso, deve estar de acordo com as idéias políticas e ideológicas do governo vigente, no caso o governo do Presidente Bush. A versão em português limita-se a emitir os números relativos a área do parque, enquanto que a versão americana aponta ser este o maior parque em área dos Estados Unidos da América.

Além de questões relativas ao léxico e à ideologia, pôde-se perceber que a atribuição de casos pelos predicadores se manteve basicamente igual, o que garante dizer-se que, apesar de flutuações sintáticas relativas ao tempo (presente, passado e futuro) e a estrutura sintática (uso de voz passiva, ativa, ordem dos elementos na oração), o campo semântico mantém-se o mesmo, a macroestrutura permanece, sem que haja alteração de conteúdo daquilo que se pretende transmitir. Portanto, a conclusão básica que se pode tirar é que, num contexto amplamente colocado, pode haver flutuações, ou seja, o ambiente enunciativo tem poder de alterar a escolha lexical e sintática, porém os predicadores carregam consigo o mesmo conteúdo semântico e atribuem os mesmos casos, não importando a ordem na oração ou o tempo em que a situação é descrita.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### TEXTOS DO CORPUS

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC, volume 210, nº 4 (outubro de 2006). National Geographic Society. Washington, D.C., 2006.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, nº 79 (outubro de 2006). Editora Abril: São Paulo, 2006.

### REFERÊNCIAS DE APOIO TEÓRICO

ANDERSON, J. M. *The Grammar of Case: Towards a Localist Theory*. Cambridge. Cambridge University Press, 1971.

BONUMÁ, Adriana Silveira. *Perspectivização de Enunciados Cibernéticos pela Gramática de Casos*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BORBA, Francisco da Silva (coordenador). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

CHAFE, Wallace L. *Significado e Estrutura Lingüística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves Odette Gertrudes Luíza Altmann de Souza Campos [e] Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, 1979.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

COOK, Guy; SEIDLHOFER, Barbara. *Principle and practice in Applied Linguistics: Studies in Honour of H.G. Widdowson*. Oxford University Press, 1995.

COOK, Guy. *Discourse*. Oxford. Oxford University Press, 1989.

FILLMORE, Charles J. *The Case for Case*. In: BACH, E.; HARMS, R.T. (orgs.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

FILLMORE, Charles J., D. Terence Langendoen. *Studies in Linguistic semantics*. Columbus, Ohio, New York, NY. Ohio State University, 1971.

\_\_\_\_\_. *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Rinehart and Wiston, 1971.

HOUAISS, Antônio e Villar; SALLES, Mauro de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (organizadoras). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSONS, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (organizadoras). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: ED. UFJF, 2005.

OXFORD, Oxford University Press. *Dicionário Oxford Escolar*. Elaborado na Universidade de Oxford. Oxford. Oxford University Press, 1999.

ROSCH, Eleanor. *On the Internal structure of Perceptual and Semantic Categories*. In: More, T.E. *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press.

SACHET, Sabrina. *A interface tradução e jornalismo: Marcas Culturais no texto de revista*. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de Deixar: Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e tecnologia, 1999.

## **ANEXOS**